Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO, 23 DE JULHO DE 1972 — N.º 17810 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

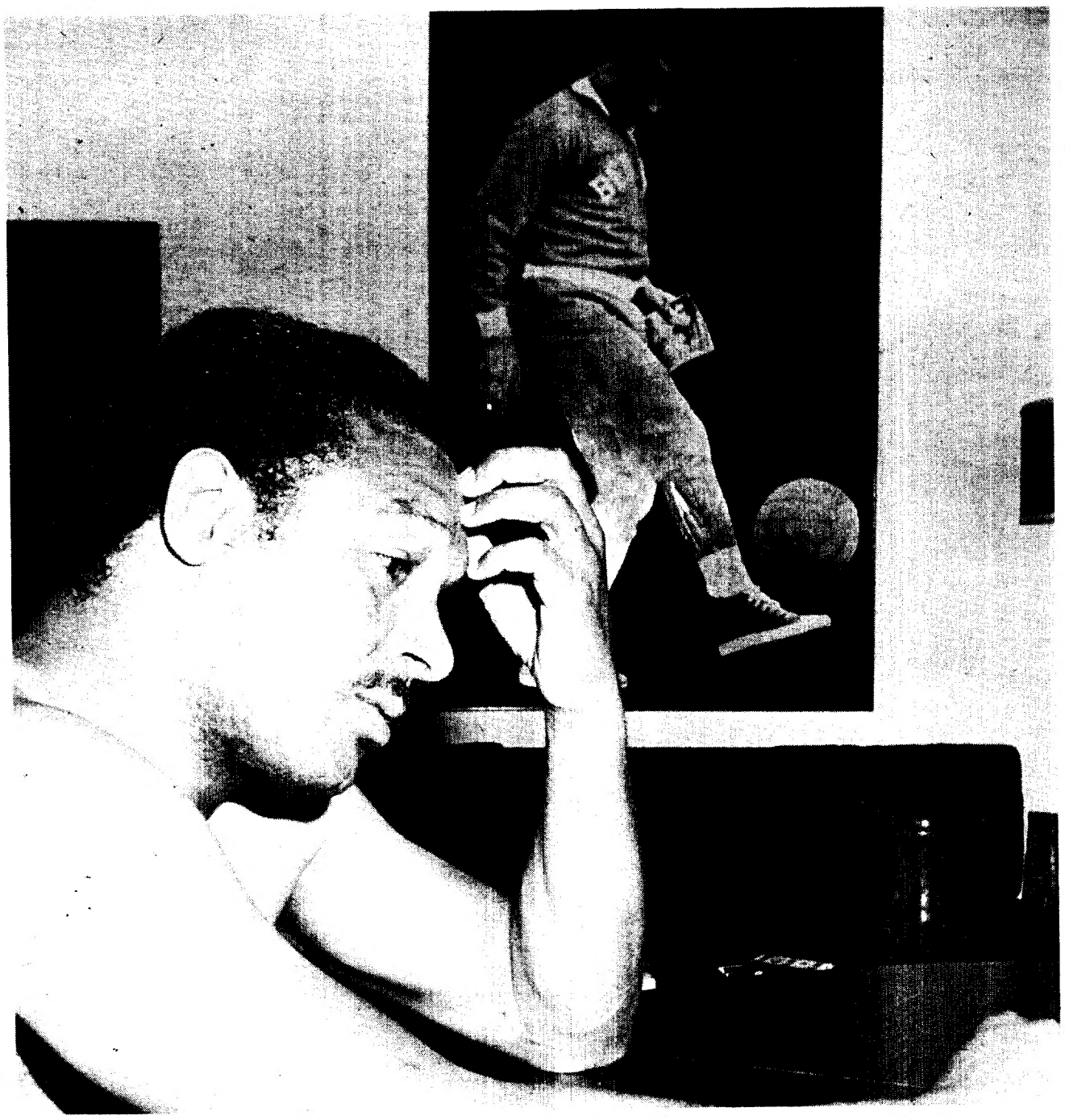
McGOVERN, EXCLUSIVO

"VOU MUDAR A AMÉRICA"

O senador George McGovern, candidato do Partido Democrático às eleições presidenciais de Outubro nos Estados Unidos, é, no momento, a mais apaixonante figura do cenário político internacional. Chegou onde, há um ano, ninguém poderia prever que chegasse. Quem é? O que pensa? Como vê o mundo em que vive e em especial os EUA? Que fará se for eleito para suceder a Nixon? Ele próprio responde num artigo que o DL/Dominical publica hoje em exclusividade.

HOJE: 32 PÁGINAS

COLUNA: A CICATRIZ ABERTA

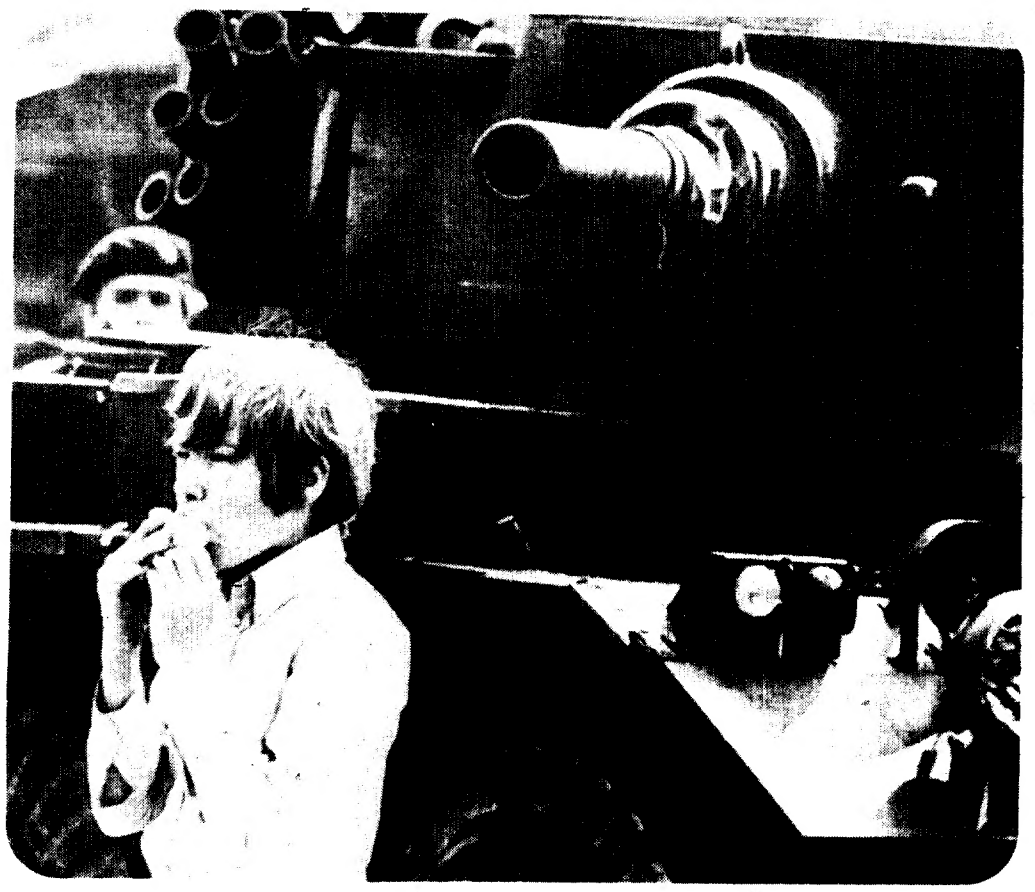


Que é feito de Mário Esteves Coluna? Onde está e o que faz aquele que, até à jornada de Eusébio na final da «Taça Independência», era recordista absoluto de presenças na equipa nacional de futebol? Despedido do Benfica, após a mais bela festa que já foi oferecida a qualquer desportista do nosso país, Mário Coluna emigrou para cobrar uns francos ao Olympique de Lyon e veio em Setembro viver triste aventura em Portalegre, com a camisola do Estrela: que se despenhou para o sopé da tabela do campeonato da terceira divisão. Hoje, quase anónimo, desanimado por mil problemas extra-futebol mas ainda esperançado em poder ser treinador, Mário Coluna abre o seu «dossier» e conta, ao repórter Neves de Sousa, a sua vida, os seus sonhos e as suas ilusões, abrindo uma dolorosa cicatriz no seu passado. Reportagem nas páginas 21 a 24.

BRITANNIA

Esta senhora tem 24 anos, nasceu no Texas e chama-se Fran Fullenwider. Mesmo sendo norte-americana, foi escolhida para encarnar «Britannia», a figura que simboliza a Grã-Bretanha, segundo os melhores padrões do bom humor inglês. *(Texto na página oito)*

PÁGS. CENTRAIS - A TRAGÉDIA DO "TITANIC"



Tanques nas ruas de Belfast: a guerra civil parece iminente

AS CONTRADIÇÕES DE SADAT

A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

O presidente Anwar Sadat do Egipto anunciou que o seu Governo exigira a retirada dos conselheiros militares soviéticos do país. Não ficou completamente esclarecido se, entre os militares soviéticos que terão de evacuar o Egipto, se contam os pilotos que operam com os Mig-23 e os técnicos que manejam as baterias de foguetões Sam-3. Os americanos dizem que não, que esses homens permanecem em território egípcio. Os israelitas também afirmam que a espectacular decisão de Sadat é mais teatral que efectiva. Apesar destas opiniões, parece claro que se deu uma viragem nas relações entre Sadat e a U.R.S.S.. A saída maciça de sovieticos, permitindo eventualmente uma substancial melhoria das relações entre o Cairo e Washington, abre, no entanto, o caminho para novas aventuras militares. Por um lado, os egípcios perdem grande parte da moderação realista que os soviéticos permanentemente lhes aconselhavam, impedindo-os de se lançarem numa guerra cujo desfecho seria provàvelmente semelhante ao das anteriores; por outro lado, os israelitas sentir-se-ão muito mais à vontade para guerrear os seus vizinhos, uma vez que não correm o risco de uma intervenção soviética. Neste sentido, a grave e por certo ponderada decisão do grupo dirigente do Cairo corre o risco de reverter, a um prazo mais ou menos curto, em desfavor dos seus autores em particular e do povo egípcio em geral. Basta olhar para o mapa para se ver que, estando os israelitas na margem oriental do Canal de Suez, as suas tropas, em caso de guerra, terão de o atravessar. Do Canal até ao Cairo é o deserto. Sabe-se como os israelitas são exímios em atravessar desertos. De qualquer forma, a retirada dos conselheiros soviéticos não tem uma importância apenas militar. Ela radica-se evidentemente em opções políticas que vêm muito detrás e dizem respeito à organização interna do Estado egípcio, para a qual a presença soviética e as estreitas relações Cairo-Moscovo só podem ser nocivas. A contradição fundamental do regime egípcio reside em querer manter uma organização interna que, lògicamente, levaria a excelente relações com os E.U.A., e, ao mesmo tempo, querer fazer a guerra contra Israel, grande protegido do colosso americano. Sadat só pode resolver essa contradição de uma forma: traindo todo um passado anti-sionista do seu país e, sobretudo do seu antecessor, Gamal Nasser. Para resolver a contradição da outra forma — reorganizando o Estado noutros moldes — seriam necessários novos homens e novas forças no poder.

SEGUNDA-FEIRA

O «Daily Mail» de Londres preconizou uma solução radical para a questão irlandesa: transferir todos os católicos do Ulster para o Eire. Ninguém dúvida que essa solução acabaria de vez com o problema, pelo menos tal como ele se põe hoje em dia. Contudo, a ideia parece-se perigosamente com uma outra conhecida por «solução final». Foi assim que a propaganda do sr. Goebels designou a forma de solucionar o «problema judeu». Tratava-se como se sabe, de, o mais asseadamente possível fazer desaparecer os filhos de David da superfície do globo.

TERÇA-FEIRA

O generalíssimo Francisco Franco decidiu que o seu velho companheiro de armas, almirante Carrero Blanco, ascenderia ao posto de primeiro - ministro, quando o «caudillo por la gracia de Diós» morresse. Como não é certo que Carrero Blanco sobrevia ao seu chefe, a decisão é condicional. Mais uma vez Franco deu um passo no sentido de garantir a continuidade do regime que fundou, após a derrota da democracia em 1939. A lei fundamental espanhola prevê a nomeação, mesmo em vida e exercício de Franco, de um primeiro-ministro. Contudo, o generalíssimo, apesar de algumas pressões nesse sentido, tem-se sempre negado a nomear alguém para tal posto. A presente decisão parece ser uma satisfação dada por Franco aos que temem as disputas intramuros quando for inevitável a nomeação. Juan Carlos será rei no dia em que Franco morrer (não parece provável que o generalíssimo se retire) mas ninguém espera que o filho do Conde Barcelona vá governar a Espanha.

QUARTA-FEIRA

Henry Kissinger, o omnipotente conselheiro do presidente Nixon, encontrou-se com Le Duc Tho. A reunião que durou seis horas, parece indicar que, embora as posições já conhecidas continuem a ser rìgidamente defendidas, as conversações de Paris estão a entrar por um caminho que abre mais esperanças. Bàsicamente, continua-se a discutir em redor do velho tema: os americanos pretendem apenas falar das questões militares enquanto Hanói e a F.N.L., querem que as questões políticas sejam também abordadas. Consideram eles que os E.U.A. são os verdadeiros responsáveis pelo regime de Saigão e que não tem razão de ser a retirada americana se o general Van Thieu continuar à cabeça do país.

QUINTA-FEIRA

Lopez Bravo, em retribuição da visita de Douglas-Home a Espanha, deslocou-se a Londres. O assunto fundamental das conversações foi o da questão de Gibraltar, um dos últimos resquícios do império colonial britânico. Além deste problema, sobre o qual naturalmente não se chegou a qualquer conclusão pública, foram também discutidas as negociações espanholas com o Mercado Comum e a conferência de segurança europeia.

SEXTA-FEIRA

Em Quang Tri a situação continua estacionária. Segundo o fundista do «LE Monde», o que se passa é o seguinte: os revolucionários vietnamitas, depois de desfazerem as unidades mais fracas do exército de Saigão, estão a fixar as unidades de élite, tentando demonstrar quão vã é a política de vietnamização. Na verdade, Saigão enviou para Quang Tri as suas melhores tropas, chegou a dar a cidade por reconquistada, mas há já duas semanas que se combate em volta das ruinas daquela capital provincial. Para agravar a situação das tropas de Thieu, a estrada número um foi cortada pelo inimigo e os soldados governamentais encontram-se isolados da rectaguarda.

SÁBADO

Dezasseis mortos, 140 feridos. Números de um dia de violência em Belfast, William Craig um dos dirigentes dos protestantes mais exaltados e um homem com responsabilidades no passado da Irlanda do Norte, recomendou o regresso ás medidas de internamento que permitem a detenção, até seis meses, de suspeitos, sem necessidade de os enviar a tribunal. Esta medida, característica dos regimes repressivos, deu já azo a muitas violências na Irlanda.

AGORA

AINDA MELHOR

Foi publicado no Boletim Semanal da Direcção-Geral dos Serviços Industriais n.º 331, de 3 de Maio de 1972 — (pág. 217) — o seguinte despacho Ministerial:

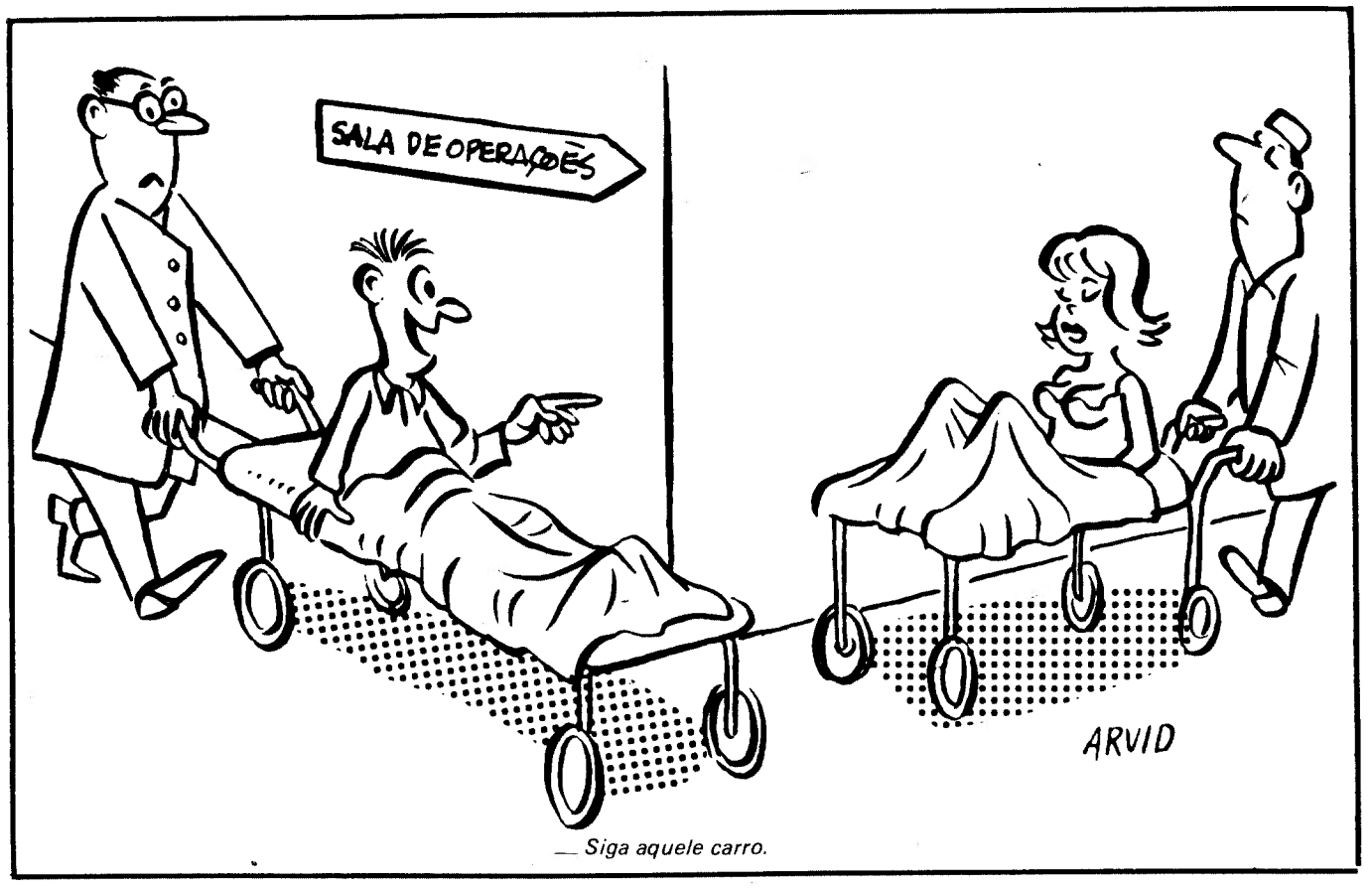
«Garina — Companhia Industrial de Margarina, Ld.ª — Considerada legalizada a secção de refinação e hidrogenação de óleos da sua fábrica, sita no Alto do Forte, em Rio de Mouro, concelho de Sintra, sob condição dos produtos obtidos se destinarem exclusivamente ao fabrico de margarina.

Igualmente foi autorizada a produzir margarina **PARA QUALQUER FIM.**»

A MARGARINA RICA, especial para consumo doméstico, bem como toda a gama de Margarinas fabricadas pela GARINA — Companhia Industrial de Margarina, Ld.ª, agora produzida em instalações com os mais recentes aperfeiçoamentos da técnica moderna, continua à disposição do Ex.mo Público que sempre a soube distinguir com a sua preferência.

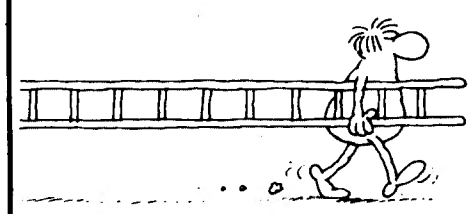
Eurovoz — Companhia Internacional de Publicidade, SARL

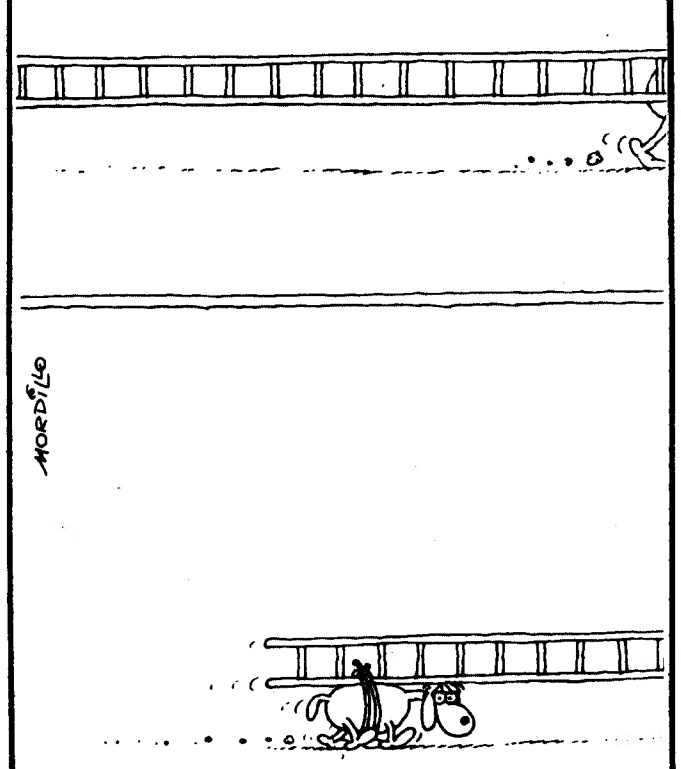
CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91



— Siga aquele carro.

MORDILLO





GAL

A SEMANA

1 Precisamente quando chegavam ao fim as laboriosas negociações para o acordo entre Portugal e a CEE, publicava o «Jornal Português de Economia e Finanças» o seguinte eco:

«Assinado que seja o acordo comercial com o Mercado Comum, encararemos as realidades económicas de frente, com o mesmo sentido nacional com que, há poucos dias, o senhor Presidente do Conselho, num discurso que em toda a parte provocou verdadeiro entusiasmo, encarou as realidades políticas.

«O nosso País pretende, e por certo conseguirá, conquistar um clima económico europeu. Mas a Europa, como supernação, é para nós não um ideal mas um perigo. Os nossos verdadeiros interesses estão noutro lado. As razões de ser da nossa sobrevivência como Nação não poderão ser procuradas no Tratado de Roma ou no funcionamento das instituições supranacionais de Bruxelas.

«Se, na Europa, há país que não tenha vocação europeia é o nosso. Reconhecer o que é evidente nem chega a ser prova de inteligência.»

Por nossa parte, e mesmo correndo o risco de não reconhecermos o que para o «Jornal de Economia e Finanças» é tão evidente, atrever-nos-íamos a dizer que bem melhor seria a nossa situação se nos tivéssemos descoberto europeus há mais tempo. Como o foi Damião de Góis, por exemplo...

2 Foi entregue no Supremo Tribunal de Justiça a proposta de candidatura do sr. almirante Américo Thomaz à eleição para o novo mandato presidencial. Como se previa, não foram apresentadas outras candidaturas. Entretanto, prosseguem no País as sessões de apoio, promovidas quer pelas câmaras municipais, quer pela Acção Nacional Popular.

3 Numa entrevista concedida ao semanário «Voz Africana», José Craveirinha Júnior, antigo elemento da Frelimo, declarou: *«...Seria impossível à Frelimo construir uma escola ou um hospital em Moçambique, que seria prontamente destruído pelas Forças Armadas Portuguesas que vigiam e defendem o espaço nacional.»* E acentuou que os dinheiros para a Frelimo vão da Suécia, do Conselho Ecuménico das Igrejas e de outras fontes geralmente hostis a Portugal.

4 No Curso de Verão, promovido pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo, o general Câmara Pina proferiu um discurso sobre a situação militar actual de Portugal e o valor estratégico das posições portuguesas no mundo. Desse discurso salientamos as palavras seguintes: *«Os próprios mortos na luta anti-subversiva em todo o território português — uma perda que não tem evidentemente preço — são em número relativamente reduzido e comparável, se não inferior, ao dos mortos que ocorrem em pequeníssimas parcelas do território de algumas nações, até na Europa, sujeitos a actos de terrorismo ou a motins de violência política».*

5 Do «Diário de Notícias», de 20 do corrente: *«Encontram-se em Portugal, onde permanecerão até final do mês, quatro dos mais conhecidos jornalistas morte-americanos, especialistas em turismo: Ron Butler, da revista «Signature», a mais importante publicação norte-americana da especialidade; Tony Allan, da «Realités Magazine»; J. Marks, do guia turístico de reputação internacional «Fodor's Youth Guide»; e o dr. e mrs. Melvin Bernard, que estão preparando um livro sobre as zonas turísticas do Sul da Europa, com especial incidência para* Portugal e o Sul da Espanha. Estes jornalistas *deslocar-se-ão à Madeira e ao Algarve e a outras regiões de Portugal metropolitano, sob o patrocínio da Casa de Portugal e da Heyward Associates.»*

6 No prosseguimento do seminário Diagrama Nacional das Forças Políticas e Económicas, que tem vindo a realizar-se no Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional, o director dos Serviços de Informação apresentou um estudo subordinado ao tema «Formação da opinião pública».

Segundo o resumo que deste estudo foi distribuído à Imprensa, o orador analisou, pormenorizadamente, os vários aspectos e características das questões enunciadas no contexto da viragem histórica que o mundo atravessa; definiu os conceitos de correntes profundas e superficiais da opinião pública, em função das circunstâncias, dos apelos exteriores e da permanente interferência do homem, através dos meios que a técnica põe ao seu dispôr.

Assinalou, por último, que *«a evolução da opinião pública ao longo da história tem sido um corolário da evolução cultural e económica dos povos, da sua adaptação às novas técnicas de comunicação e da aceitação das novas ideologias».*

HITCHCOCK
MEIO SÉCULO DE "SUSPENSE"

BEL AIR (CALIFORNIA) — Alfred Hitchcock comemora este ano meio século de actividade na indústria cinematográfica com o seu 52.º filme, «**Frenzy**». Este «mestre do **suspense**» de 72 anos tornou-se uma lenda cinemática cujo perfil familiar, mordaz espírito britânico e sentido irónico do horrendo, têm atraído espectadores de todo o mundo em busca de um «bom susto».

Tendo iniciado a sua carreira no tempo do cinema mudo com uma obra-prima de **suspense** acerca do hóspede de uma pensão que se suspeita ser Jack o estripador («**The Lodger**», em 1926), continuou a fazer filmes novos e espantosamente inovadores que influenciam em larga medida pràticamente todas as películas rodadas hoje em dia: «**The Thirty Nine Steps**» (1935), «**The Lady Vanishes**» (1938), «**Rebecca**» (1940), «**Notorious**» (1946), «**Rear Window**» (1954), «**To Catch a Thief**» (1955), «**Vertigo**» (1958), «**North by Northwest**» (1959) e «**Psycho**» (1960).

Nascido em Londres em 13 de Agosto de 1899, Hitchcock tem vivido nos Estados Unidos desde 1939, quando fez o seu primeiro filme em Hollywood, «Rebecca», tendo-lhe então sido atribuído o prémio da Academia, pelo melhor filme do ano.

E possível que quem se prepara para um encontro com esta temerosa personagem se sinta intimidado com a sua reputação. Felizmente, não havia qualquer motivo para receio: com muito espírito, encanto e dignidade, Hitchcock falou da sua vida e trabalho durante uma longa e agradável tarde. Até mesmo o arrepio de medo e **suspense** que causa aos que o visitam tem um **happy ending**.

Pergunta: Como descreveria um filme tradicional de Hitchcock?

Hitchcock: Abarca simultâneamente o terror puro e a comédia. Quando se escreve uma história realista acerca de um assassínio, deve-se mostrar que a vida continua à volta tal como na vida real. As pessoas continuam a rir e gracejar nos corredores, por assim dizer. Sempre tive em consideração o facto de o divertimento partir das personagens tal como tudo o mais — e não da situação. Muitos escritores têm tendência para descrever os assassínios como pecados contra as pessoas — o que, como é evidente, não são. Se o assassino tiver um aspecto sinistro, como é que lhe seria possível alguma vez aproximar-se das suas vítimas? As pessoas, porém, parecem esquecer-se de que ele pode ser um indivíduo encantador. E aqui que começa a desfiguração mental.

Pergunta: Em que medida o sexo e a violência entram no seu novo filme, «**Frenzy**»?

Hitchcock: Precisamente a mesma que em «**Psycho**». Trata-se de um caso de múltiplos assassínios sexuais, mas apenas mostro alguns. Não me dou ao trabalho de os repetir porque não há qualquer razão para isso. Há diversas cenas de nudez no filme, mas a nudez é necessária. E a natureza da história. Não se trata de nudez por amor à nudez. Certo dia, perguntaram-me: «**Em sua opinião, quanto tempo é que a nudez ou a «permissividade» durarão na tela?**» A minha resposta foi: «**Bem, todos os selos acabam por perder a firmesa**».

Pergunta: Em que medida é que as críticas aos seus filmes o influenciam?

Hitchcock: Os críticos não revelam frequentemente uma grande perceptibilidade àcerca dos filmes. Alguns deles têm tendência para julgar uma película pelo seu conteúdo. O conteúdo, porém, não é tudo. E a maneira como é tratado e manipulado, o seu estilo, que criam uma emoção na audiência. E isso que interessa. Perguntam-me muitas vezes se gostaria de fazer outro género de filme. A minha resposta é: «**Agatha Christie gostaria de fazer uma película musical?**»

Hitchcock em acção

Pergunta: Afirmou que existem diferenças entre «**suspense**», «surpresa» e «medo».

Hitchcock: Existem grandes diferenças. Nunca faço películas policiais. Apenas fiz uma, «**Murder**», em 1931. Uma película policial é um exercício intelectual, um **puzzle**. Não há emoção, excepto a que se experimenta no fim, a qual consiste no choque ou surpresa de saber que o mordomo era o criminoso. **Suspense**, porém, exige precisamente o contrário. **Suspense** exige informação. E preciso dizer antecipadamente aos espectadores que a bomba se encontra debaixo da mesa; depois, eles ficam à espera da explosão. Se não lhes dissermos que há uma bomba debaixo da mesa, o que é que se consegue? Dez segundos de choque.

Pergunta: Como é que consegue descobrir tantas maneiras de criar terror?

Hitchcock: E como o homem que constrói uma montanha-russa. Os gritos que se ouvem na altura do grande mergulho não são muito diferentes dos que as pessoas dariam se o veículo se soltasse dos carris. Mas todas saem dando risadinhas. Por que razão é que as pessoas pagam numa feira popular para visitarem a casa assombrada? As pessoas gostam de que as assustem desde que não lhes aconteça mal algum.

Pergunta: Qual é a sua definição de «cinema puro»?

Hitchcock: O cinema consiste em contar histórias por meio de imagens e montagem. A reunião de imagens. Quando as juntamos, é como que reunir palavras para formar uma frase. Daí vem a ideia, a qual é transferida para a audiência a fim de criar a emoção. O espectador sente-se envolvido. E a única forma nova de arte, e não se esqueça tão-pouco do seu lado comercial. Tem duas funções principais. Narra a história com documentos ou imagens disponíveis ao maior número possível de pessoas. Imagine que cria uma cena num filme e, numa determinada noite, em várias partes do mundo, há uma audiência que reage a essa mesma cena. Isso não é possível com qualquer outro meio de comunicação.

Pergunta: Como aprendeu os diversos aspectos relacionados com a produção de um filme?

Hitchcock: Fui argumentista, director de arte e técnico de montagem. Cheguei mesmo a desempenhar as funções de **cameraman** quando um deles adoeceu. Sempre produzi os meus próprios filmes, excepto quando comecei com Selznick. Nunca reivindico o mérito da produção ou do argumento. Sempre fui o autor do esquema do filme. Por outras palavras, sento-me com o argumentista e arranjo todo o filme do princípio ao fim. E como se pegássemos no filme acabado e o projectássemos sem som. O argumentista vai-se embora e aperfeiçoa-o. Caracterizará as pessoas e escreverá os diálogos. Perguntam-me se eu improviso em cena e eu respondo que improviso num gabinete. Improvisar em cena parece-me uma coisa horrível, pois encontramo-nos rodeados por uma centena de técnicos e outros, sendo difícil produzir trabalho fecundo nessas condições.

Pergunta: Faz filmes para agradar a si próprio?

Hitchcock: Não, pois isso equivaleria a ser indulgente comigo mesmo. Está em jogo a carreira de muita gente para que eu me possa permitir esse luxo.

Pergunta: Importa-se de revelar em que altura faz a sua tradicional intervenção em «**Frenzy**»?

Hitchcock: Estarei no meio da multidão, na primeira cena, com um chapéu de coco de cor preta na cabeça, escutando o ministro.

Pergunta: Apareceu em todos os seus filmes com excepção de «Lifeboat», não é verdade?

Hitchcock: Na realidade, apareci também em «Lifeboat». Willaim Bendix segurava um jornal, nas costas do qual havia um anúncio de um produto chamado «reducer», onde apareço antes e depois o usar. Nessa altura tinha o cabelo preto e era muito corpulento.

Pergunta: Não afirmou uma vez que os actores são fundamentalmente gado?

Hitchcock: O que eu disse provàvelmente foi que todos os actores deviam ser tratados como gado. Os actores nada sabem sobre montagem. Nada têm a ver com o ritmo da montagem. Como é que isso seria possível? Têm de se tornar secundários em relação ao conjunto. E por essa razão que admiro os actores que são simultâneamente realizadores.

Pergunta: Julgo saber que uma das razões pelas quais os actores se dão bem consigo é porque o senhor lhes concede uma certa liberdade.

Hitchcock: Costumo dizer: «**Muito bem, tente fazê-lo à sua maneira**».

Pergunta: O que é que o mantém em **suspense**? Do que é que tem medo?

Hitchcock: Dos polícias. Quando era uma criança — tinha então cerca de quatro anos — o meu pai mandou-me á esquadra de Polícia com uma mensagem. Suponho que foi com o castigo. O polícia fechou-me numa cela durante cerca de cinco minutos, dizendo: «E isto que fazemos aos rapazes traquinas». Desde então, tenho tido um medo terrível da Polícia.

Por DIGBY DIEHL Los Angeles Times-/DL

Passe o VERÃO mais ATRAENTE com BIQUINIS ou FATOS DE BANHO da Loja da América
Rua do Ouro, 208
Telef. 321764

PREÇOS ACESSÍVEIS

APARELHAGEM ESTANQUE PARA INSTALAÇÕES

INTERRUPTORES E TOMADAS ESTANQUES

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av: 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Domingos Agostinho e Filhos, Ld.ª, Rua Formosa, 80 - VISEU

Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca

Sede: Av. Elias Garcia, n.º 123-2.º—T. 765023/24
Centro Social: R. da Palma, n.º 278-2.º—T. 860034
LISBOA

CONVOCATÓRIA

A fim de prestar os devidos esclarecimentos aos associados do Sector da Marinha Mercante sobre as consequências dos despedimentos em curso na Companhia Nacional de Navegação, convocam-se todos os colegas deste núcleo para estarem presentes numa reunião a efectuar com a Direcção, no **próximo dia 27 do corrente, pelas 21,30 horas**, no Centro Social (R. da Palma, n.º 278, 2.º).

Lisboa, 21 de Julho de 1972.

Pel'A Direcção
Diogo Reis Santos Raposo

TEATRO MONUMENTAL
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
IRENE ISIDRO
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
ANA ROSMANINHO
JÚLIO CÉSAR VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
HOJE: 2 SESSÕES 2
20.45 E 23 HORAS
Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Tabacaria Rosa, Ld.ª, Fernando Quintas, Rua da Fonte, 16-A—CARNIDE - LISBOA

ONKYO
CANAIS STEREO
SOM CIRCUNDANTE

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

O PIOR FOI A VÉSPERA

Leitor, hoje, nesta hora em que estou escrevendo, não sei para onde levo você. Em regra boto sempre uma intenção, algo premeditado, num dobrar de esquinas, atravessar as ruas, espiar de gentes, em cortes rápidos com interlocutores inesperados, formando um desequilíbrio conscientemente preparado. Mas hoje, não. Hoje eu vou ao acaso. Olhem só. Vi esta manhã um sujeito obêso debruçado sobre o balcão do hotel onde entrei. A voz não era estranha. Recordei. Seria ele? Era. Olhou para mim, sorriu, e veio ao meu encontro:

— Mas estás óptimo!

Não estou. Estou magro, como sempre fui. Ele é que está gordo como talvez nunca desejasse vir a ser. É só isso que ele invejou em mim: o ar longilíneo. Pesado, parecendo mais baixo do que fôra quando há longos anos fomos por vezes companheiros. Ainda não era célebre como agora, tendo então a compensá-lo um certo ar divertido de Mefistófeles baiano.

Bem, o leitor já está vendo de quem se trata. Era mesmo Jorge Amado. E nos abraçamos com espanto dos circunstantes. Sancho Pança enlaçando um qualquer dom Quixote...

EXPLICAÇÃO

Habitualmente isto não entraria nestas páginas. Demasiado fortuito. Nitidamente desnecessário. Mas aqui fica a marca na areia do quotidiano. E isso é bom. Hoje esta carta é uma canôa à deriva. Aqui, na baía da Guanabara, neste entardecer guiado por um vento morno.

FUGA N.º 1

E não é assim a vida de todos nós, entregue aos ventos e às marés? Olha além a ilha dos *hippies*. Mais além a dos tóxicos. Aquela à nossa direita, é a do erotismo. E a ilha do Cristo revisitado? E a do orientalismo? E, mais adiante, a dos meus orixás onde se esconde a evanescente Iemanjá? Em todas elas há longos braços acenando para mim!

— Vem, vem!

Para quê, se já lá estive, em todas? E vou em frente.

FUGA N.º 2

A verdade é que eu faço, aqui, um jornalismo pessoal. Estou sempre no que escrevo porque no fundo só falo de mim. Já me acusaram de deturpar a realidade. É falso. O que eu procuro, no duro, é mostrar a face oculta das realidades quotidianas. Sou assim mesmo.

Então, amigos, deixem que o vento me leve: *— «Pescador da barca bela, onde vais pescar com ela? Que é tão bela, oh pescador?»*

AVISO PRÉVIO

Vocês sabem, não é? Amanhã, 9 de Julho, Brasil e Portugal vão disputar no estádio do Maracanã, a posse da Taça Independência (Comemorativa dos cento e cinquenta anos do Brasil como nação).

Não há português, esta noite, que, antes de dormir, não reze pela vitória.

FUGA N.º 3

E lá vou eu. Passo por uma lancha, linda e branca, onde a turma da embaixada da Suécia, corpos nús queimados do sol num trigal de cabelos loiros ao vento, desliza alegremente cantando. isto me lembra a recente feira-livre da Inteligência organizada pela Unesco, onde se procuram soluções para os dramáticos problemas do mundo. Foi lá que um tal Sicco Mansholt afirmou com ênfase: — Em vez de *«produto material bruto» o que deveria ser levado a sério era o lema de «Felicidade Natural Bruta»*.

Fiquei com inveja daqueles suecos...

FUGA N.º 4

Sou um cronista do efémero, eu sei: Mas às vezes tenho algo daqueles bruxos que lêem o futuro em bolas de cristal. Quando por exemplo se fala em literatura e ouço dizer que o romance morreu, logo, protesto indignado:

— O que acontece é que os romancistas de hoje, como disse não sei quem (há sempre um não-sei-quem para vos socorrer em horas difíceis) *são, na sua maioria, uns malogrados que passam anos inventando a sua máquina-a-vapor e, quando a dão por terminada é que descobrem, com espanto, que já existe a energia atómica.*

«Pescador da barca bela, onde vais pescar com ela? Que é tão bela, oh pescador?»

O ASSUNTO

Mas eu sei que o leitor, como se diz em gíria, espera que eu me canse de dar a volta por cima, antes de abordar o meu caso do dia. O momento, o documento, a reportagem, o olho clínico, o positivo, enfim...

Mas ainda estamos a duzentos metros, a cem, a cinquenta, a vinte. E por fim aqui estou pondo os pés na praia. Esta é uma ilha onde, noutros tempos (que também foram meus) existiu um clube de nudistas. Hoje pertence a um patrício nosso, sócio do Vasco da Gama, que no Brasil subiu do nada até ser hoje dono de um dos mais importantes super-mercados da Guanabara. Somos amigos desde quando ele tinha apenas uma vendinha em Madureira mas, já então, aos sábados, não perdia uma noitada de música e mulheres num dos teatros da praça Tiradentes que eu então dirigia...

Lembro-me de lhe ter pedido emprestado, por duas ou três vezes uma nota alta em situações de aperto. Amigos são prás ocasiões, dizia. Mas na hora em que eu pagava, os juros pesados. Homem de juízo, é assim que se faz fortuna!

. Hoje somos semelhantes. Temos a vida feita. Cada um em seu género. Ele gosta de ser rico, eu continuo gostando de ser pobre. Ou quase.

Além de um palacete na Tijuca, tem aquela ilha no meio da baía. Casou em 1953, ainda não era tão capitalista assim, com a rainha das mulatas desse ano. Uma obra prima de negritude. Hoje, é pai de três mulatinhos, e formam uma família tranquila dentro dos câmones modernos. Um lar bacano, a que podemos chamar sem desdouro um caso autêntico de comunidade luso-brasileira.

Esqueci de dizer que o nome dele é Eleutério. Filósofo à sua maneira (quarenta e três anos de Brasil) disso vou dar um exemplo...

Meses atrás eu estava conversando com ela (chama-se Justiniana mas para todo o mundo é a Aninha). Anda pelos 37 anos de idade. Dos três filhos, um tem onze, outro dez e o mais novo sete. São, é claro, três meninos endiabrados. Indaguei dela:

— Esses molecotes dão muito trabalho a você, né?

E logo o pai, respondeu:

— Trabalho uma ova. Sabe quem é a mãe dos meus filhos? Não é ela não. A verdadeira mãe destes garotos chama-se têvê. Sim, é a televisão. É com ela, de manhã à noite, que os meus filhos se identificam. A sua única leal conselheira. São os cow-boys, os astronautas, os tarzans e os super-homens, os bichos dos desenhos animados, os cafagestes das novelas, — os heróis que lhe servem de guias. Aprenderam tudo nos debates sobre sexo. Conhecem os asuntos mais escabrosos, falam de pílula para isto e para aquilo. É ou não é, garotos?

Eles: *— Brasil, Brasil, Brasil!*

— Está vendo? A única autoridade aqui em casa é a televisão. Mas que posso fazer? Os negócios não me deixam educá-los. E quanto à mãe, você sabe, é da Liga das Mulheres Livres, embora nunca se esqueça de que foi, há quinze anos, rainha das mulatas. É por isso, meu caro, que os meus filhos só obedecem ao mundo contraditório e agressivo da televisão...

Ela ouvia e ria às gargalhadas:

— Puxa, Eleu, você é mesmo quadrado paca!

A casa ali estava, no meio de coqueiros.

— Ora viva! disseram ao ver-me. Mas logo a seguir fui recebido com aquela interrogação que há três dias me persegue onde apareço:

— Você vai torcer por Portugal ou pelo Brasil? E logo o Eleutério, corrigindo:

— Todo português torce por Portugal, meu bem.

— Mas aqui o nosso amigo não é fanático como você, protesta Aninha.

— Mas acaso defender a terra onde nascemos é fanatismo, nêga? Você não torce pelo Brasil?

— Eu torço é pelo Flamengo. Mas nesse negócio da Taça Independência não tem conversa, o Brasil vai ganhar. Seria bonito se os Eusébios que estão aqui convidados viessem para nos levar uma taça que festeja século e meio de nossa independência...

— E de aí? Nós não demos *ao Brasil os ossos do Pedro 1.º? Então acho que o Brasil pode até portar-se direitinho dando aos portugueses uma taça toda de oiro e recoberta de pedras preciosas. Vale um tutú alto, você não sabe?*

— Deixe de ser burro, Eleu. Se nós somos tricampeões do mundo como é que você quer sujar o nosso prestígio só porque vocês agora dizem que somos todos irmãos?

— Quer dizer que você é contra Portugal, contra o sangue lusitano que corre no coração dos nossos filhos?

— Eh, garotos (indaga ela a rir) *quem é que vai ganhar amanhã?*

Os garotos, em côro: *Brasil! Brasil! Brasil!*

— Mas, meu bem, eu gosto de futebol desde que nasci. Joguei até nos infantis do Futebol Clube do Porto! Olha, nêga, no Brasil sou mais brasileiro, mas agora com os dois times frente a frente eu sou mais Portugal. Mesmo que seja para perder...

— Brasil! Brasil! Brasil!, gritaram os garôtos batendo em latas.

— Você não está comigo? Na sua terra, lá em Lisboa, não era tudo Sporting?

— Fui, e ainda sou. Mas também digo a você. Se Portugal não vence é porque não puseram o Damas como goleiro da equipa!

— Esse Damas é branco ou preto? Indagou a mulata.

— Porquê?

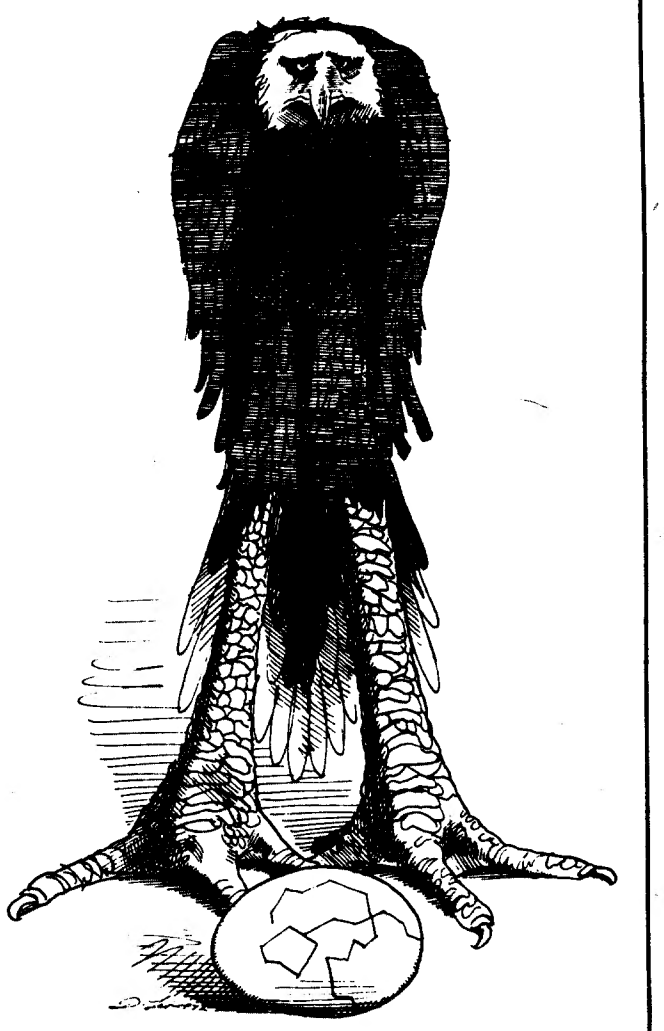
— Porque o que vale mesmo no time de vocês, os bons da bola, são os da minha raça, os africanos. O Eusébio, o Dinis, o Jordão, o Messias. No futebol, preto é que é gente pra valer!

. Então, o Eleutério e eu, calámo-nos covardemente. Para quê discutir, quando a feijoada já estava na mesa, diferenças entre brancos e pretos?

DE MANHÃ

Depois da ressaca. Bom é o pileque quando de efeito duplo. Ontem bebemos porque Portugal perdeu. Ao mesmo tempo porque o Brasil ganhou.

Para correspondência: RUA FERNANDO MENDES, 28, apt.º 908, COPACABANA-GB-BRASIL



JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

O MUNDO DE ORSON

Parece-nos não ser demasiado tudo aquilo que se diga ou possa dizer sobre este extraordinário filme «Citizen Kane» que agora se encontra em exibição num dos cinemas da capital. A genialidade da obra, considerada pela crítica como a melhor da história do cinema, abre sempre perspectivas para novas considerações e observações, descobrindo-se através de novos visionamentos ou através da discussão objectiva, outros novos pontos de vista.

Orson Welles reconheceu sempre que muito ficou a dever a Mankiewicz com quem escreveu o argumento e também a Gregg Toland, seu operador. Com este último passou semanas e semanas a prever as iluminações das cenas e a preparar minuciosamente os ângulos de filmagem que contribuiram muito para aumentar o efeito de certas sequências. Welles utiliza pela primeira vez a objectiva grande angular graças à qual o campo de visão da máquina corresponde aproximadamente ao do olho humano; isto obrigou certos cenários a construção de tectos, outra inovação que contribuiu para acentuar o realismo de certas cenas em interiores.

Gregg Toland aperfeiçoou ao máximo um método, segundo o qual, os primeiros planos, os planos médios e os planos de fundo estavam todos focados e nítidos, o que permitiu a Welles fazer representar uma cena em primeiro plano, conservando a nitidez no fundo numa profundidade de cerca de sessenta metros. Antes, quando o primeiro plano estava correctamente focado e nítido, o plano de fundo estava completamente esbatido,desfocado e portanto inutilizável.

No filme o trabalho dos actores também é uniformemente notável. Com o seu primeiro filme, Orson Welles introduziu em Hollywood um novo grupo de actores, vindos na maioria do Mercury Theatre. O próprio Welles com o seu trabalho de interpretação é extraordinário, ao ser Kane desde a sua juventude até à profunda amargura dos últimos anos de velhice. Tinha apenas 25 anos, é bom não esquecer. No entanto, não esmaga os outros intérpretes. Agnés Moorhead, que muitos críticos consideram uma das melhores actrizes do cinema contemporâneo, foi uma inesquecível Senhora Kane. Dorothy Commingore, descoberta por Charlie Chaplin, incarna a patética Susan Alexander com uma maestria e com um conhecimento das exigências do cinema que lhe deixam prever uma magnífica carreira. Infelizmente, sem Orson Welles para a dirigir, não consegue nunca mais o sucesso do seu primeiro filme. Tal foi aliás o caso de Georges Colouris, de Ruth Warwick, de Joseph Cotten, de Everett Sloane e de Paul Stewart. Nunca mais foram tão bons como neste filme. Todos aqueles que trabalharam com Welles no cinema, na rádio e no teatro foram sempre unânimes ao reconhecer que Welles sabia fazê-los dar o melhor de eles mesmos. O seu entusiasmo e a sua vitalidade são tão comunicativos, que os seus actores, estimulados, dão então livre curso aos seus talentos criadores e libertam dessa maneira forças artísticas de que não tinham consciência.

SANTIAGO CASAL

Cidadão Kane

CINEMA «DELICADO»

Teòricamente, pugna-se cada vez mais neste País por um tipo de cinema que vá ao encontro das grandes massas populacionais, tentando interessar um público desabituado (porque sistemàticamente impedido) de ver bom cinema, um cinema actuante: o cinema dito de verdade (s).

Mas na prática, a verdade que ora penetra as massas nada têm de motivações positivas. Senão vejamos um exemplo concreto e elucidativo: o «Não Desejarás o Delicadinho do 5.º», atestado para maiores de 14 anos, após carreira triunfal no «Odeon», apresta-se para realizar uma «tournée» apoteótica e doutrinadora pelos «dormitórios» da cintura lisboeta. Só na Damaia irá permanecer cinco dias em cartaz no cinema «D. João V», segundo anunciam os panfletos profusamente espalhados pela povoação.

E o acontecimento já é tema para conversas acaloradas nas tertúlias damaianas que, entre um «Sugar Colt» mortífero e a transmissão televisionada da «Volta à França», se preparam para saborear «em massa» aquele bom petisco cinematográfico.

Mas a carreira do «Delicadinho» não ficará por estas bandas, pouco mais ou menos cosmopolitas. Qualquer dia faz as malas e vai mesmo de abalada até à província, onde os solícitos empresários (olhos e ouvidos da cinematografia popularucha) o irão receber de braços abertos.

E neste particular volta à baila a máxima do meu compadre Gamelas, profundo conhecedor dos apetites das (re)chamadas maiorias silenciosas: *Esta maltezaria quer são vacas bravas, beijarocadas e murros nos cascos...* E quando um qualquer «Delicadinho» arriba ao adro da aldeia, não há «Ivan» (por mais terrível) que lhe resistas.

MANUEL GERALDO

PREVIDÊNCIA OU PROVIDÊNCIA?

Nos países como nas pessoas deve existir (segundo os tratados) perfeito equilíbrio entre cabeça, tronco e membros. Quando uma destas partes surge hipertrofiada o equilibrio torna-se insustentável e a partir daí é extremamente difícil estabelecer uma lógica nas coisas. Não queremos com isto construir uma fábula nem entrar em «práticas» moralizantes. São apenas os factos que estão em jogo.

Vivemos num país onde quase tudo o que merece alguma atenção se passa ao nível da capital: Lisboa é o cérebro e o eixo, a espinha dorsal de todas as actividades possíveis. Deste fenómeno resulta um grave desfasamento que se manifesta, por um lado, no modo como o lisboeta «vê» o resto do país, e, por outro, na forma como as populações urbanas de um modo geral entendem o campo.

Se isto é certo em alguns sectores da vida pública, muito mais o será ainda no tocante à indústria do espectáculo que, na maioria dos casos, se limita a projectar as suas actividades para a capital e a admitir paralelamente a realização de «tournées» sem grande interesse comercial e artistico. Isto, claro, se não pensarmos apenas no «Vison Voador» e na «Cama para Toda a Gente», cujo sucesso não deixa de ser significativo.

Verifica-se, entretanto, que é cada vez maior o número das pessoas interessadas em descentralizar as actividades culturais que se podem realizar neste país. Isso notou-se, não há muito tempo ainda com o «jazz»: a ideia partiu do Zip e foi patrocionada pela «cerveja». Em Coimbra, local escolhido para os concertos o interesse do público foi tristemente reduzido.

Não muito longe de Coimbra, na Figueira da Foz têm agora lugar dois acontecimentos interessantes: um Festival de Cinema e o tradicional certame cançonetistico que todos os anos por esta altura deixa ocupados compositores, autores e intérpretes. Só que, enquanto no primeiro se assiste à estreia de filmes como «Medeia» de Pasolini e a «Estratégia da Aranha» de Bertolucci, no segundo duvidamos muito sinceramente dos resultados, pois os nomes que o frequentam estão excessivamente «datados».

Parece, portanto, que não existem dúvidas em relação à necessidade de descentralizar certas actividades entre nós. Resta saber o que se vai descentralizar, quais os agentes desta descentralização e quais os critérios adoptados para torná-la possível. Se assim não for o melhor será cruzarmos os braços e confiarmos na Providência.

JOSÉ JORGE LETRIA

O NOVO TEATRO POPULAR

Diz-se à boca cheia que «o que a malta quer é revista». Pernas ao léu, uma piadinhas picantes, umas graçolas baratas: eis a grande receita, segundo muito «boa gente», para o êxito de uma montagem «teatral», para a adesão inteira e incondicional do povo.

Entretanto surgiu uma «coisa» chamada «O Circo Imaginário do Super Basílio». E ninguém (ou muito pouca gente) se lembrou de dizer que o êxito popular da peça de Beatrice Tanaka não se ficou a dever a mulheres semi-nuas, a piadas apimentadas ou a chalaças velhas e refundidas. Não se sabe muito bem porquê (?), mas tudo caiu, repentinamente, no esquecimento. Falou-se, isso sim, da divisão operada no seio dos «Bonecreiros», na «fdiferença de linguagem» alegada pelos «separatistas», etc. Pouca gente se lembrou de dizer que a «Comuna», o novo grupo formado a partir do «Bonecreiros» dissidentes, caso se propusesse atingir o mesmo público e os mesmos (ou análogos) objectivos, poderia vir a ser uma óptima contribuição para a divulgação do bom Teatro. Há, sempre!, muito mais gente interessada em falar de mal-entendidos (?) do que do resto. Neste caso, então, como muito mais veemência: a questão dizia respeito a um tipo de Teatro que não tinha nada a ver com o «popularucho necessário» que tantos estão empenhados em promover.

Agora os «Bonecreiros» apresentam «A Grande Cégada dos Touros, Mulheres e Fado». Ainda o fizeram na passada quinta-feira, numa praça pública de Setúbal. Onde as brejeirices «de que o povo tanto gosta»? Onde os biquinis lustrosos a servirem de escape (mas pouco...) a recalques profundos? É certo que a «cegada» refere touros, mulheres e fado. Mas... que fado? O que se ouviu em plena praça pública, numa noite de-festa, em Setúbal, não tem nada a ver com o das casas típicas...

Vem a propósito, aliás, falar do fado e das casas típicas. Alguém poderá afirmar convictamente que é o povo que as frequenta? Pois se há quem o diga, lembro, apenas, que o «consumo mínimo», preestabelecido ou não, não tem nada a ver com a bolsa do povo. Mas voltemos ao Teatro.

Mais de 600 pessoas. Poucas delas habituadas a ver Teatro. Uma percentagem mínima pertencia ao tipo de pessoas que vão ao Teatro das «casas da especialidade». A grande maioria era a da rua, a que viu os seus domínios invadidos pelo Teatro e transformou essa invasão numa festa. Quem lá esteve pode testemunhar: as palmas surgiram no momento exacto, sublinhando as cenas e as palavras mais intencionais. O povo, o tal que só gosta, na boca dos (mal) entendidos, de fado e futebol, deu uma lição (mais uma) sobre o que pode ser um espectáculo popular na sua verdadeira dimensão.

Os «culpados» foram os «Bonecreiros».

NUNO GOMES DOS SANTOS

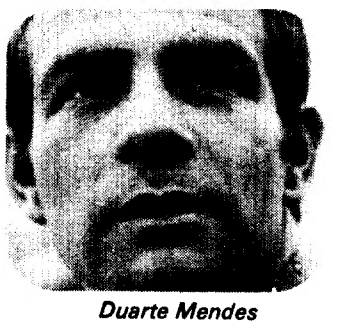
VERÃO 72, LISBOA: DOIS TEATROS ABERTOS

DL/DOMINICAL FESTIVAL DO RIO

Os três primeiros não arredam pé

José Cid

José Afonso


Duarte Mendes

José Afonso, Duarte Mendes e **José Cid** mantêm-se, respectivamente, nos três primeiros lugares, como ontem se deu conhecimento. Amanhã voltaremos a publicar a classificação actualizada e desde já anunciamos que nos chegaram votos em quantidade impressionante.

Entretanto, alguns pontos de interesse em relação, por um lado, ao F.I.C. pròpriamente dito e, por outro, à participação portuguesa no certame. Vejamos alguns pontos:

1) **Os meios musicais brasileiros estão no «ponto quente» das vésperas do concurso.** Outra coisa não seria de esperar, dada a importância de que ele se reveste para a promoção da(s) cantiga(s) apurada(s): lançamento internacional, venda de discos, popularidade.

2) Quanto ao que nos diz respeito, ou seja, à representação portuguesa no Festival, sabemos que **a composição de Pedro Osório está pronta** e que **José Niza** está, por assim dizer, a «dar os últimos retoques» na letra.

3) **Paulo de Carvalho**, entretanto, já nos fez saber que **acha a música óptima**. Bom sinal.

4) Entretanto será sempre bom que o leitor votante dê uma olhadela pelas páginas de espectáculos, pois **as pequenas notícias e os esclarecimentos que regularmente publicamos podem servir-lhe para lhe poupar certos erros** que, embora não «graves», podem ser evitados. Assim, informamos, mais uma vez, que podem vir os votos que... vierem num só envelope, que **os votos podem ser entregues por mão própria** nos nossos serviços da Rua Castilho, no 1.º andar do número 185, e que **a votação termina, apenas, no dia 10 de Agosto.**

TORM LINES

PARA:

BARCELONA — ALGER — MALTA
BEYROUTH E ALEXANDRIA

n/m. «Alice Torm» em 29 do crte.

Aceita igualmente mercadorias para as localidades do Próximo e Médio Oriente, via Beyrouth.

OS AGENTES GERAIS

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL

Nome

Morada Telefone:

forma - TM - 01 - 72

camisas rosa negra

Uma carícia permanente

UM EXCLUSIVO triple marfel

as camisas ROSA NEGRA são uma carícia permanente
sobre a pele, o toque suave fresco e maleável
de um exclusivo TRIPLE MARFEL

DL/DOMINICAL — COSTUMES

BRITANNIA CONTINUA A GOVERNAR AS ONDAS

«Britannia», a tradicional representação simbólica das Ilhas Britânicas, está a desaparecer. Costumava figurar no antigo «penny», mas isso acabou quando a moeda foi alterada para o sistema decimal. Porém, a avaliar pelas fotografias, «Britannia» continua bem viva... e maior do que nunca!!

Como diz a letra da velha canção inglesa: *«Britannia governa as ondas...»* Mas tudo isso está a mudar agora. O império encolheu e até a própria «Britannia» desapareceu quando o antigo «penny» foi substituído pela moeda decimal.

Por isso, os patrióticos habitantes da Grã-Bretanha não esconderam a sua emoção quando foram recentemente visitar a «Instruments, Electronics and Automation Exhibition» no Olympia de Londres. Aí, bem à vista de todos, encontrava-se a própria «Britannia» — mais saudável e maior do que nunca.

Não admira que, para a adorável senhora, tudo aquilo não passasse de uma brincadeira, pois Fran Fullenwider, o modelo mais corpulento da Grã-Bretanha, não é inglesa. Fran, que conta 24 anos, nasceu no Texas, onde tudo é grande. *«Mas vivo em Inglaterra há catorze anos»*, declarou ela *«e sinto-me muito inglesa, pelo que não me importei de ser escolhida como mascote para a exposição»*.

Fran sente-se muito feliz por ser gorda. Tem cerca de 1,60 m. de altura e pesa mais de cem quilos; as suas medidas são 82-90-152. Ganha imenso dinheiro pelo facto de ser grande e feliz.

O povo britânico sente-se também muito feliz por a ter como símbolo do seu bom humor nacional.

Tem 167 anos o homem mais velho do mundo

Uma aldeia soviética das montanhas da Transcaucásia, na República de Azerbaijão, vestiu, um dia destes, as suas melhores galas para festejar o aniversário de um dos seus filhos. O facto não teria nada de especial, nem justificaria, claro, qualquer notícia, se não se desse o caso de os habitantes de Barsavu (este o nome da aldeiazita) celebrarem precisamente, nada mais, nada menos do que os 167 anos de Shirali Mislimov, o cidadão mais velho da U.R.S.S. e certamente de todo o mundo.

O caso, verdadeiramente extraordinario, de Shirali tem, certamente, poucos que se lhe assemelhem, já que, como se sabe para o ser humano, ultrapassar a barreira do século é sempre «proeza» digna de registo.

O mais curioso, quanto a Shirali, apesar dos seus 167 anos, é o facto de ninguém na família supor, sequer, que lhe restam poucos anos de vida: o ancião não sofre de qualquer doença, demonstra grande agilidade e — pelo que declarou aos jornalistas que o entrevistaram — vive longe da ideia de deixar este mundo nos tempos mais próximos.

Levanta-se de madrugada, dá um longo passeio pelas montanhas e trata pessoalmente de uma pequena horta. Na festa do aniversário dançou com os netos a difícil «Leginska», dança popular das montanhas que exige grande esforço físico — e, no fim, estava, como costuma dizer-se, «fresco que nem uma alface»... Recentemente, uma sua tetraneta, Tadyi, deu à luz uma menina que fica a ser o 213º descendente de Shirali.

Quando Napoleão invadiu a Rússia, o nosso homem tinha já sete anos — e recorda-se perfeitamente das notícias tristes daquela época. Foi comtemporâneo de Pushkin e Balzac e estava na pujança da vida quando o Romantismo, no século passado, invadiu a Europa. Este ano, festeja também as bodas de diamante com sua esposa, Hatun, uma «jovenzinha» de apenas 106 anos... Mislimov ainda monta a cavalo e causa espanto aos médicos o ritmo do seu pulso: 70 a 72 pulsações por minuto — o que corresponde a um homem de menos de 40 anos.

O OUTRO

O segundo homem mais velho de Azerbaijão tem 155 anos, chama-se Shirin Gasanov e encontra-se em tão bom estado de saúde como Shirali Mislimov. É esta parte do mundo, sem dúvida, a que conta com maior número de centenários: em cada cem mil pessoas, 84 ultrapassam a meta do século.

Mislimov declarou que não fuma nem toma bebidas alcoólicas e que apenas três vezes, em toda a sua vida, saiu das montanhas: para ir a Baku. Afirmou, também, dever a sua longevidade ao facto de sempre ter trabalhado ao ar livre, nas montanhas, e levar uma alimentação sã, à base de leite, frutas e verduras. Uma declaração sua, que é um conselho: **«Não tenham pressa de viver. Eu nunca tiva pressa»**.

Shirin Gasanov (o tal dos 155 anos) acaba de ser eleito deputado pelos seus conterrâneos da aldeia de Jorovlinsky, onde nasceu. Gasanov é também um modelo de sobriedade — mas sempre foi conhecido pelas suas preocupações de carácter social. Naturalmente tranquilo, é parco na alimentação e, como Mislimov, aprecia as longas caminhadas pelos campos.

EXEMPLO

Vem a propósito contar uma anedota, relacionada com a vida regrada que sempre dizem ter levado os centenários. Numa aldeia de Azerbajão, quando um jornalista entrevistava um desses anciãos, lembrou-se de perguntar-lhe com que idade morrera seu pai. Obteve esta resposta:

«O meu pai? Ainda vive, mas é um incorrigível: poderão vê-lo, ali no pátio, completamente bêbado».

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

REQUIEM PARA OS CHIRIGUANOS

Em grupos dispersos pelas planícies e montanhas entre a Bolívia e a Argentina, morrem lentamente as últimas famílias chiriguanas, o derradeiro vestígio do que em tempos era uma nação altiva jamais submetidas pelos Incas ou Espanhóis. Mariano Baptista-Gumucio conta-nos um pouco da história e da situação actual destas tribos, progressivamente postas à margem da nossa época.

Mulheres Chiriguanas do Grand Chaco nos princípios do século

La Paz — A altiva nação *chiriguana* que habitava a região hoje compreendida entre Santa Cruz, Chuquisaca, Tarija e o Grard Chaco jamais havia sido dominada pelos Incas ou Espanhóis. Os chiriguanos chamavam-se a si mesmos *«ava»*, o que significa homens livres; no século XVIII havia cerca de duzentos mil, dispersos em pequenos grupos pelas montanhas a perder de vista.

Garcilaso de la Vega conta que foram estas as informações dadas pelos espias ao inca Yupanqui em relação aos *chiriguanos* (nome posto pelos próprios Incas e que em *quechua* tem um significado perjorativo): *«Estas populações são de uma brutalidade enorme, piores do que feras, não têm qualquer religião nem adoram nada, vivem sem leis, dispersos como animais pelas montanhas, sem reino nem casas; comem carne humana e para a conseguirem assaltam as povoações vizinhas; devoram todos os que apanham, sem respeito pela idade ou sexo e quando os degolam bebem o sangue das vítimas»*.

As chamadas *pucaras* (fortalezas) incas, que ainda existem nos limites do domínio *chiriguando,* como por exemplo Samaipata, Incahuasi, Incallajta, constituem testemunhas em pedra da fronteira existente entre os dois povos. Os conquistadores espanhóis ergueram fortes para impedir a expansão das hostes *chiriguanas* — ou o acesso às suas terras — como por exemplo Tarija, Tomina, Villar, Sauces, La Laguna e Mizque. Os *chiriguanos* derrotaram impiedosamente capitães que haviam obtido a vitória sobre outros povos, podendo citar-se, entre outros, nomes como os de Alejo Garcia, Andrés Manso e Ñuflo de Chavez, fundador da cidade de Santa Cruz de la Sierra. A última vítima de nome que pereceu às mãos dos *chiriguanos* foi o explorador francês Crevaux, nos fins do século XIX.

O famoso Francisco de Toledo pensou que seria capaz de os derrotar e só a muito custo escapou às suas flechas mortais; tal episódio mereceu-lhe, durante muito tempo, a troça dos seus compatriotas. Corria então o ano de 1573. Na «Descrição Geográfica das Índias», da autoria da Companhia de Jesus (fins do século XV), pode ler-se que *«esta nação é muito valente e guerreira e considera todos os outros povos como escravos, combate-os e não se quer sujeitar aos espanhóis. A tentativa de os derrotar fez correr muito sangue e ocasionou muitas mortes; a sua coragem e a defesa que lhes possibilita as terras montanhosas farão que só tarde ou jamais venham a depôr as armas»*. Os franciscanos foram melhor sucedidos do que os Jesuítas nos seus intentos evangelizadores e fundaram várias missões.

O MASSACRE

Os *chiriguanos* deambulavam livremente entre os territórios da Bolívia e da Argentina quando estes países se viram libertos do domínio espanhol. Nos fins do século passado as autoridades argentinas e os fazendeiros bolivianos disputavam entre si o direito de escravizar estas populações indígenas; eram horríveis as condições em que eles trabalhavam nas plantações de cana de Salta e de Jujuy; mas igualmente terrível era a pobreza e a submissão sob que viviam neste lado da fronteira. Quando se ergueram fazendas nas terras que primitivamente lhes pertenciam e viram cortadas todas as possibilidades de evasão, a sua resignação transformou-se em fúria e resolveram conquistar a liberdade a qualquer preço. A revolta estalou em Janeiro de 1892, mas tanto o exército como os donos das plantações não foram apanhados desprevenidos. O massacre foi brutal e o fogo arrasou os últimos abrigos. Esse genocídio desencadeou outras carnificinas como as de Caipipendi, Huacaya, Murucuyati e Cuevo; mas o pior estava ainda para acontecer.

Iniciadas as hostilidades entre a Bolívia e o Paraguai em Julho de 1932, os *chiriguanos* viram-se entre dois fogos. Oficialmente figuravam como bolivianos; mas o sangue que lhes corria nas veias era guarani. No fim da guerra e ainda no decurso do conflito foram acusados de traição à pátria e de se terem vendido ao inimigo. Assistiram impotentes ao fuzilamento dos seus chefes. Nenhum sabia o delito que tinha cometido, que país o julgava e qual o outro país, que a existir, havia comprado a sua consciência de homem livre. Continuou entretanto o avanço dos *«carai»* («ladrões» em *chiriguano,* ou seja, os colonizadores brancos) que se apoderaram de toda a terra boa e das montanhas.

A AGONIA

As condições de vida dos *chiriguanos* pouco se modificaram a partir de então. Na opinião dos «carai» são bêbados incorrigíveis e na verdade bebem tudo o que se lhes põe à frente, particularmente na altura das chamadas «fainas» quando alguém os recompensa pela ajuda dada na recolha dos produtos das colheitas, convidando-os para uma boa libação. A *«legislação social mais avançada do mundo»* que, segundo se diz, existe na Bolívia, não alcança as regiões onde a pouco e pouco vão definhando as últimas famílias *chiriguanas.* Tão pouco existe na Argentina qualquer lei social que os proteja. Espalhados por toda essa região, os valorosos guerreiros de outras épocas, reduzidos agora à miséria, obtêm uma quantidade mínima de álcool como paga por três dias de trabalho. É também uma forma de morrer, mais lenta do que a dos seus pais e avós, mas igualmente inevitável.

Chefes dos Chiriguanos numa fotografia tirada no princípio do século. Observe-se a «argola» no lábio.

4711

SIR international

o segredo de um Gentleman é manter constantemente a sua personalidade

"SIR" canada ceder

Oferece-lhe 7 produtos que são um autêntico tributo à sua personalidade vincadamente masculina que usados diàriamente lhe oferecem um êxito total e satisfação completa.

À VENDA EM RIGOROSO EXCLUSIVO NOS NOSSOS CONCESSIONÁRIOS

MARY HOPKIN

Um pássaro da voz de ouro

Aos catorze anos comprou uma mala cheia de letras e músicas de canções e resolveu ser cantora. Aos dezoito, o seu nome era o primeiro da lista de êxitos «pop» com a canção «Those were the days»; passava cheques de seis números e guiava o seu Rolls-Royce para ir jantar com os Beatles.

A rapariga da voz de ouro e rosto de Madona não se modificou apesar do seu sucesso de Cindarela. Aprendeu a estar tão à vontade no banco traseiro de um Rolls conduzido por um motorista como quando viajava de autocarro — mas faz questão de que no armário de bebidas do automóvel nunca falte leite. Habituou-se à ideia de que pode comprar praticamente tudo o que lhe apetecer-mas raramente os seus desejos vão além de algo mais excitante do que uma bicicleta nova; os seus tesouros favoritos são recordações velhas e usadas como Dooby, a boneca holandesa que lhe ofereceu o seu primeiro namorado quando tinha 14 anos e o pesa-papéis de ferro e plástico que os pais lhe deram como recompensa dos seus sucessos escolares.

Das suas recordações consta também uma rolha e um rótulo de uma garrafa de champagne. Marcam uma data-5 de Outubro de 1968 — a primeira vez que bebeu *champanhe* com os Beatles para festejar o sucesso de *«Those were the days»*, a canção que destituiu do primeiro lugar da lista de êxitos *pop* o próprio *«Hey Jude»* dos Beatles.

Foi Paul Mc Cartney que descobriu Mary e evidentemente a etiqueta Apple dos Beatles que a lançou; e Mary simultâneamente com a fortuna que conquistou para a Apple, tricotou uma camisola para Paul e pintou uma paisagem marítima para a mulher dêste, Linda, como prova de amizade.

Mary Hopkin não se interessa nada pelo género de devertimentos normalmente característicos das estrelas do mundo da música *pop*. No tempo livre de que dispõe prefere pintar aguarelas ou tricotar — gosta tanto de tricotar que durante uma viagem que fez com Engelbert Humperdinck aproveitava todos os momentos livres para o fazer.

De uma beleza suave, caracterizada por um toque de simplicidade, ela representa algo como um paradoxo pop. Anos a fio sonhou com a fama; agora que a alcançou aceita-a com a maior naturalidade possível e fácilmente granjeou riqueza, sucesso e a amizade dos Beatles. Recusou que, o mito se sobrepusesse à sua personalidade — continua a ser Mary Hopkin, a rapariga de Pontardawe com uma voz de ouro.

Esperando o grande amor que ainda não chegou

Velas de aniversário ou simplesmente um gesto de paz?

Um chapéu de palha e uma bicicleta original

HITACHI

HITACHI
Autorádios
Rádios Transist.
Alta Fidelidade
Gravadores
Aspiradores
Ventoinhas
Ar Condicionado
Exaustores
Máquinas de Cozinha

HITACHI
o maior prestígio
japonês
representado por

NOGUEIRA INTERNACIONAL
Exposição e Vendas
Av. República, 41
Tel 779151 — Lisboa

R. Santos Pousada, 678
Tel. 53867 — Porto

PLANO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

DL/DOMINICAL PERSONALIDADES

A ARCA DOS TESOUROS DE MARY

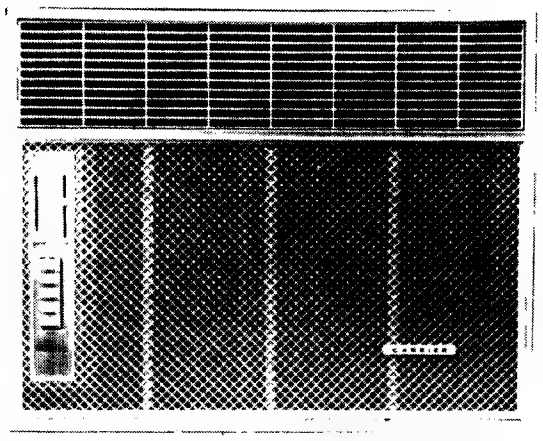
A arca dos tesouros de Mary: recordações que representam uma súmula sentimental da vida privada de uma estrela. Entre elas contam-se (na fila detrás) uma maçã — símbolo da editora de discos fundada pelos Beatles; um mapa do país de Gales com a sua cidade natal, Pontardawe, assinalada; Doody, a boneca holandesa que lhe foi oferecida pelo seu primeiro namorado quando tinha 14 anos; lã e agulhas de tricotar — leva o trabalho de tricot sempre que parte em viagem e uma vez fez uma camisola para Paul McCartney; (na segunda fila) um carro miniatura da sua colecção; uma taça de champanhe, a rolha e o rótulo da garrafa que marcam a data da primeira vez que bebeu com os Beatles — quando a canção «*Those were the days*» roubou o primeiro lugar na lista de êxitos *pop* ao «*Hey Jude*»; uma orquidea; o pesa-papéis de ferro e de plástico com que os pais a presentearam pelos seus sucessos escolares; uma lagosta, por gostar tanto de peixe; as aguarelas que constituem o seu passatempo — Linda McCartney possui algumas das paisagens marítimas pintadas por Mary; e os quatro valetes de um baralho de cartas de jogar que simbolizam Paul McCartney, Donovan, Justin de Villeneuve (o agente de Twiggy) e o guitarrista espanhol Manitas de Plata — os quatro homens que ela mais admira : uma fotografia rasgada de Paul McCarthey e um medalhão em forma de coração com a fotografia dele dentro.

SUGESTÕES DA MODA

De França chegou-nos esta ideia encantadora: o vestido acima apresentado e desenhado por Jean Patou dá uma atenção muito especial às mangas da blusa transparente usada por baixo de um vestido largo de mangas curtas. Temos assim um novo exemplo da importância atribuída às mangas na moda deste ano.

As alpercatas de sola da corda subiram de categoria. Passaram do uso com fatos de banho a complemento indespensável da moda de Verão este ano. A sola continua ser de corda mas com uma parte de cortiça oca que serve de salto. As cores vivas são preferenciais.

Externato
Sebastião da Gama
CURSO DE FÉRIAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531
(em frente da Cervejaria Portugália)



climatizadores
AEG-TELEFUNKEN
o melhor clima ao seu dispôr

Quaisquer que sejam as previsões do boletim meteorológico tem sempre o melhor clima ao seu dispôr. Melhorando a própria natureza, os climatizadores A E G·TELEFUNKEN renovam o ar ambiente, aquecendo ou arrefecendo desumidificam e filtram, com extracção de fumos tudo isto com funcionamento silencioso.

AEG TELEFUNKEN

CASA RUSSELL
DISTRIBUIDOR OFICIAL
EXPOSIÇÃO E VENDA NA AVENIDA DA IGREJA, 20-A

A FEIRA DO ARTESANATO DE CASCAIS

SABOR POPULAR PARA CONSUMO TURÍSTICO

Contando com nove anos de existência, pequena e maneirinha, salpicada de colorido e com cheiro popular, abriu, sem protocolo, a Feira do Artesanato de Cascais. Pequena amostra de «artes» caseiras ou não, é ponto de encontro para turistas de cá e de lá, na procura da novidade, ou apenas no reconhecimento de mil e uma quinquilharias, produto da imaginação de uns tantos habilidosos.

O pequeno Mercado, não traz novidades. Os expositores, a maior parte, são nossos velhos conhecidos, desde a Rosa Ramalho que repete incansàvelmente os mesmos temas nos seus barros que se tornaram monótonos, até ao Josafaz que de marceneiro virou artesão e não está arrependido. O artesanato ainda é negócio.

Texto de
MARIA AURORA

A TRADIÇÃO

Na pequena barraca de Natália de Almeida de Estremoz, os quadros vivem da tradição do sec. XVIII. São pintados em vidro com fundo dourado e prateado. Professora primária, a leccionar no Curso Preparatório, ocupa os tempos vagos a pintar. A arte é típica do Alentejo. Trabalha sòzinha.

—**Não me entusiasmam estes trabalhos**, diz-nos o filho, Jorge Simões de Almeida, que quer ser escultor.

—**Frequento o segundo ano de Belas-Artes. O meu irmão faz umas «gracinhas» de metal que também aqui temos. A mãe tem pouco tempo para fazer isto, mas como é já muito conhecida e procurada, tem sempre alguns minutos para se dedicar a estas pinturas.**

Ao lado ficam as louças... ao balcão José Marque Lopes e Esmeralda, sua mulher. De artesanato caseiro, o seu negócio de louças virou pequena industria. Têm dezoito empregados e fazem impossíveis dada a carência de mão-de-obra.

Todas as faianças são pintadas à mão. As primeiras peças que fizemos eram de inspiração antiga. Baseámo-nos em peças do sec. XVIII. Depois decidimos criar. Continuamos a fazer modelos antigos mas a maior parte dos que aqui temos é de inspiração pessoal — explicou-nos José Lopes.

O negócio vive de uma sociedade deste, com Sequeira, um pintor. José Lopes nunca frequentou uma escola de arte, tudo o que faz é intuitivo. Andou por fábricas de cerâmica «para ver como era».

— **O lucro que fica de um mercado**, explica, **anda à volta dos 40 por cento. A peça mais barata que aqui temos é um cinzeiro pintado à mão de 27$50. A mais cara é uma fonte do séc. XVIII que custa 850$00.**

OS TURISTAS

Bibilhotando cada pequena barraca, o turista anda na procura de um «souvenir». Pelo trajo, pela língua, pelo comportamento, pela «pose»... entre nós, não é difícil advinhar onde ele está. Claro que estas manifestações de carácter popular são as mais consumidas (e impingidas!). Um turista é promessa de negócio para o feirante.

— **O artesanato vive muito dos turistas,** diz-nos Conceição Lopes. **Mas agora já aparecem muitos portugueses interessados. A novidade é um chamariz para os estrangeiros.**

Marion Kunkeler tem dezoito anos. É holandesa e está a passar férias em Cascais com a família. Longos cabelos, olhos azuis, sorriso pronto, ri exuberantemente seguida por uma corte de jovens portugueses.

—**Gosto muita da Feira. É uma amostra linda do artesanato português. Estou encantada com Portugal, as pessoas são encantadoras...** (e Monica, no entusiasmo do «flirt» à portuguesa, desfia uma série de lugares comuns).

— **Já comprei barros e peles. Vou levar para a Holanda. São coisas lindas!**

De chapéu à «cowboy» no mais puro estilo texano, acompanhado pela esposa, de fato comprido, o sr. Mackenzie, de Dallas, encanta-se com os cantoneiros.

— **Estou tentado a comprar umas estatuetas para levar para o meu jardim. São primitivas e bonitas. As preferências da mulher iam para uma fonte...**

— **Levaremos, de certeza, várias destas peças para o Texas!**

OS BALÕES

Um vendedor de balões é um negociante de ocasião. Pode vender gelados, brinquedos ou castanhas. Distribui alegria, é o enlevo das

Continua na pág. 18

Pontes de pedra «made in Portugal» para a casa de Mrs. Mackenzie

ar condicionado!
frescura,
conforto;
numa só palavra:
Westinghouse

Os condicionadores de ar da WESTINGHOUSE proporcionam-lhe um verão mais fresco, um ambiente mais agradável; enfim, o ambiente de que necessita.

Em qualquer local em que se encontre, a WESTINGHOUSE permite-lhe viver à temperatura que mais lhe agrada.

Os condicionadores de ar WESTINGHOUSE foram especialmente concebidos a pensar em si!

unigrupo

Pode estar seguro
(e fresco) se é
Westinghouse

sonipol • AV. 5 DE OUTUBRO, 56 – LISBOA

Por favor enviem-me folhetos sobre os condicionadores de ar WESTINGHOUSE.
Nome
Morada
Localidade

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

FALA McGOVERN, O HOMEM NOVO DOS E.U.A.

COMO QUERO MUDAR A AMÉRICA

O «leader» democrático em luta pela Casa Branca ilustra neste artigo as ideias que o guiam na sua batalha, e conta, também, a história da sua vida, influenciada pelo exemplo do pai, pastor protestante.

Texto recolhido por Richard MERYMAN

Penso exactamente ter ganho a nomeação. Se, depois disto, um grupo de velhos politiqueiros tivesse de se pôr de acordo para me negar este direito, só porque não pedi a sua ajuda, nunca lhes perdoaria. Muitos milhares de pessoas trabalharam duro, dando tudo por tudo, nesta campanha eleitoral: seria, para elas, uma experiência tão traumatizante e enganosa, que não a poderia aceitar. Creio que concorreria como independente ou apoiaria qualquer outro de uma lista independente.

Em 1968, em Chicago, logo depois das eleições, sentei-me ao lado do prefeito Daley, durante um banquete. Disse-me ele: **«O candidato de 1972 será o jovem Kennedy, ou tu».** Causou-me uma grande impressão. E penso que seja ainda da mesma opinião.

Em 1969, decidi apresentar-me como candidato à presidência, mas quase todas as pessoas a quem confiei o meu propósito me desaconselharam; até os meus colaboradores eram contrários. Porém, o meu amigo Henry Kimelman, que hoje administre a minha campanha eleitoral, declarou-se abertamente favorável. Sem o seu entusiástico encorajamento, talvez não tivesse sequer tentado.

Pensava verdadeiramente poder obter a nomeação. Ted Kennedy tinha, talvez, melhores possibilidades, mas eu duvidei sempre que se apresentasse. Além do mais, considerava que Humphrey não tivesse muitas possibilidades de êxito e que Muskie tivesse menos bagagem e menos imaginação do que eu. Após os primeiros meses de 1969, tornava-se, também, claro que Nixon não conseguiria pôr fim à guerra no Vietname e pensava que isto seria para ele o escolho mais perigoso. Quando, depois, foi concedido o direito de voto aos maiores de dezoito anos, compreendi que conseguiria.

Dava-me conta de que toda a minha carreira tinha sido uma sequência incessante de batalhas desesperadas, mas, como todos diziam, delas havia saído vencedor.

Em 1953, era ainda um jovem professor na **Dakota Wesleyan University de** Mitchell; tinha trinta anos, um título académico, e era director do Instituto de História e Ciências Políticas. Agravava-me ensinar porque tinha a possibilidade de falar aos jovens; depois, vi a possibilidade de o fazer em escala mais vasta. Demiti-me e comecei a reorganizar o partido democrático na Dacota do Sul. Todos, ou quase todos, pensaram que eu fosse louco. Bradley Young, o «leader» democrático da cidade, disse-me: **«George, és um bom rapaz, mas meteu-se-te em cabeça uma coisa impossível: deixa andar!».**

Quando escrevi a cada um dos 67 presidentes das comissões do condado, dizendo-lhes que tinha sido nomeado director executivo e solicitando ideias e informações, só seis deles responderam. Muita gente tinha absolutamente medo de admitir abertamente ser democrática. Um dos presidentes, que visitei no seu estabelecimento comercial, levou-me para as traseiras da loja, para que os seus clientes não me vissem. Uma outra vez, falei a um grupo feminino, e, no fim, notei uma velha senhora que esperava um pouco afastada, que todos se retirassem. Aproximou-se, olhando à sua volta, e, passando por mim, sem me olhar, disse: **«Sou democrática»,** e dirigiu-se para a porta, com o rosto tenso. Parecia ter dito: **«Sou comunista».**

Três anos depois apresentei-me como candidato ao Congresso: estava na liça com o candidato republicano que tinha o maior número de votos e ocupava o cargo há seis anos. Muitos me disseram que, para mim, era demasiado rápido, porém, eu apontei para o facto dos republicanos não me terem tomado a sério. E fiz bem.

Tinha cinco filhos pequenos e não podia contar com qualquer rendimento. Minha mulher ajudou-me, trabalhando em casa. Alguns amigos deram-me dinheiro para manter a família (quatro mil dólares). Gastei outros doze mil na campanha eleitoral, e endividei-me em sete mil dólares. O nosso automóvel

McGOVERN

Continuação da pagina anterior

estava literalmente feito em pedaços aos 200 mil quilómetros. George Cunningham, que ainda hoje está comigo, ajudou-me gratuitamente, e assim fez também uma secretária, Pat Buchanan. Era este todo o meu pessoal.

Foi muito duro, de princípio. Apertava a mão às pessoas, dizendo: **«Sou George McGovern»**, e apresentava um cartãozinho com o resumo do meu programa. Alguns rasgavam-no e deixavam cair os pedaços a meus pés. Vendíamos grandes distintivos eleitorais a um dólar cada um: às vezes, tínhamos literalmente de andar à caça de adquirentes para poder comprar gasolina. Recordo que, uma vez, meti uma nota de vinte dólares numa algibeira rota e perdi-a durante um piquenique: voltei ofegante ao mesmo sítio naquela mesma noite e procurei durante uma hora com o auxílio de uma pilha eléctrica. Foi um duro golpe para a nossa campanha eleitoral.

Quando me apresentei às eleições, os meus colegas ofereceram-me um jantar de consolação: de facto, nenhum deles pensava que o meu adversário, Joe Foss, pudesse ser batido. Tinha sido governador durante quatro anos; fora um ás da aviação durante a Segunda Guerra Mundial (26 aviões japoneses abatidos), aparecia na capa de todas as revistas do país, em todos os visores da TV. Era, em suma, e de muito longe, o mais famoso cidadão da Dacota do Sul, além de ser um homem simpático.

Porém, a campanha de Joe não correu bem. Na véspera das eleições, Joe copiou uma coisa que eu havia feito: uma aparição de cinco minutos, com a família, na televisão. Chega a imagem, em directo, da residência do governador, e ele tem à sua volta a mulher, os filhos e o cão. Tem o texto do discurso sobre o **monitor,** mas quando começa a lê-lo, um dos seus filhos faz o mesmo, transforma-se no seu eco. Então, Joe procura fazer calar o filho, porém, o cão enerva-se e, quando ele o acaricia para o acalmar, rosna. Por fim, volta-se desesperadamente para a mulher, e pergunta-lhe em tom de súplica: **«Querida, queres dizer alguma coisa?»: «Sobre que assunto?»**, disse ela. **«Sobre a minha campanha eleitoral.» «E porquê?»**, disse ela novamente. Um desastre. Eu fui eleito fàcilmente.

Não exactamente por que me meto nestas camisas de onze varas, por que me entrego a batalhas que todos dão por perdidas logo à partida. Minha mulher diz que eu tenho um **ego** a satisfazer. Fico muito orgulhoso quando obtenho um êxito difícil, abraçando uma causa impopular e tornando-a aceitável, e agrada-me ter o mérito disso. Nos debates com Humphrey, na Califórnia, mais do que me ter ofendido, deixou-me surpreendido o facto de ele ter pretendido assumir a minha própria atitude sobre a guerra no Vietname. Não compreendi como se podia ter tanto descaramento.

Eu falo mais como um professor do que como um orador político. Sob muitos aspectos, penso em mim próprio como em alguém que procura plasmar a opinião pública, educar, informar a gente.

Meu pai tinha a mesma inquietação. Era um «pastor construtor» na Dacota do Sul. Construía uma igreja e, passado pouco tempo, tornava-se irrequieto, transferia-se para outro lado e construía outra igreja. Era um trabalhador incansável, um homem muito forte: trabalhava igualmente de carpinteiro e superintendia na construção das igrejas, que havia projectado sòzinho. Deve ter construído cinco ou seis. Seu pai — meu avô — era mineiro de carvão no Illinois.

Com a idade de 8 ou 9 anos, meu pai e outros seus coetâneos, eram levados ao amanhecer para as minas e ali trabalhavam 14 horas por dia. Depois de uma máquina ter cortado o filão de carvão e uma outra ter carregado os blocos numa vagoneta, os meninos deviam recolher os pedaços de carvão remanescentes caídos por terra e deitá-los, à mão, para as vagonetas. Chamavam-lhes **«os rapazes dos restos».**

A ética puritana do trabalho foi uma característica da minha juventude. **«Fazei bom uso do vosso tempo»,** é uma frase que sempre ouvi repetir. Por isso, não posso suportar quem diz que não vale a pena trabalhar.

Meu pai mantinha um montão de irmãos e irmãs, primeiro,trabalhando como mineiro, depois, como jogador profissional de **baseball**. Jogava na segunda base. Chegou a ponto de ser recrutado pelos **Cardinals** de St. Louis. Mas, por fim, decidiu tornar-se pastor de almas.

Senti sempre um pouco de timidez junto dele: embora lhe agradasse rir e folgar, não estabeleceu nunca uma relação de confiança verdadeira. Era muito mais velho do que eu (minha mãe era a sua segunda mulher, e havia casado com ele quando ele já tinha 50 anos). Sempre o admirei pela maneira como punha em práiica a sua fé. Recordo que, às vezes, quando chegava qualquer vagabundo e a família estava à mesa, meu pai convidava-o sempre a comer, mesmo que a comida fosse pouca. Minha mãe era escocesa e, portanto, extremamente parcimoniosa. Nunca deitava fora um par de calções só porque estavam coçados: remendava-os. Em suma, o trabalhar duramente e a economia eram duas virtudes muito apreciadas na nossa família.

Desde que estou na política, minha mulher Eleanor faz o que fazia minha mãe: assumiu o peso da educação dos filhos. Estou certo de que chorou muitas vezes, dentro de si, quando, vendo-me partir, procurava encorajar-me. Sem a sua compreensão teria, provàvelmente, abandonado a vida pública. Tem sido sempre uma corrida em ascensão, durante muito tempo, e o ter também a sua oposição teria sido verdadeiramente demasiado. Agora, porém, Eleanor representa uma das minhas cartas de trunfo na campanha eleitoral (comporta-se muito bem quando aparece na televisão). Eu nunca fiz verdadeiramente justiça à sua inteligência e à sua habilidade política, mas considero-a um dos elementos principais do meu êxito actual. Entre outras coisas, deve submeter-se a muitas fadigas que lhe advêm da minha actividade pré-eleitoral. Em compensação, goza também as cenas mais curiosas. Uma vez, porém, «encurralaram-nos». Foi em 1962, quando voltei a Dacota do Sul para as eleições senatoriais e pensei experimentar um expediente publicitário já usado pelo presidente Kennedy: em Rapid City enviei um cartão impresso a cada cidadão cujo nome aparecia na lista telefónica, convidando-o a encontrar-se com George e Eleanor McGovern junto do Auditorium municipal. Com grande surpresa minha, vieram aos milhares e puseram-se em fila para nos saudar. Era uma verdadeira agonia: há dois anos que não ia a Dacota do Sul e tinha perdido de vista muita gente, mas havia pessoas que, com expressão cordial me diziam: **«Como estás, George? Apre-**

«O meu carisma e a promessa de paz».

«Não temo que me chamem radical»

O candidato respondeu abertamente a todas as perguntas

senta-me a tua mulher». E, vendo-me hesitar, acrescentavam: «**Sabes quem sou, não é verdade?**». Eu dizia que sim, mas mentia. Finalmente, vi Bob Cook, que conhecia bem, com toda a sua família e perguntei-lhe: «**Como está tua mulher?**». Respondeu-me: «**Perdi-a**». E tinha uma cara tão séria que pensei tivesse morrido. Pensei também que a notícia devia ter sido publicada nos jornais, e disse: «**Acidente, é verdade, lemos no jornal**». Bob Cook respondeu então: «**Mas não, perdi-a nesta balbúrdia**».

Houve um tempo em que era muito embaraçante para mim fazer parar um desconhecido e apertar-lhe a mão. Não faz parte da minha natureza ser expansivo com os desconhecidos, e pensava que um gesto ditado por motivos de um oportunismo político não era sincero como devia ser qualquer aperto de mão. Porém, fazia-o com maior frequência do que qualquer outro político de Dacota do Sul, porque sabia que era necessário fazê-lo.

Quando entrei na política, pensei que as minhas ideias progressistas teriam sido mais aceitáveis num Estado mais conservador se eu as tivesse exposto de forma medida e pacata. Creio que esta ideia tenha modificado para sempre o meu estilo oratório. Em determinada altura, na escola, falava com o dobro da velocidade. Verificou-se uma reviravolta na minha vida quando comecei a sobressair no liceu. A minha professora de inglês, Rose Hofner, um dia pediu-me para que ficasse na aula após a lição e, quando ficámos sózinhos, disse-me que tinha um grande talento para exprimir as minhas ideias, e que, nas raras ocasiões em que tomava a palavra, era muito eficaz. Assim, levou-me a Bob Pearson, professor de oratória.

Estava agradàvelmente surpreendido. Pela primeira vez era notado por um professor. Recordo a minha primeira conversa sobre o tema: «**Os Estados deveriam adoptar uma legislatura unicamaral**». Devia falar dez minutos, porém, dois minutos depois de começar não tinha nada mais para dizer e sentei-me.

Bob Pearson, o professor de oratória, ensinava também história americana. Para mim, um dos mais importantes da minha vida foi quando começou a contar-me a sua vida, e me explicou quanto era importante ter princípios e ideais, e que o ideal maior era aquele em que o indivíduo se põe ao serviço dos outros. A partir daquele momento, não duvidei nunca que, para obter satisfação na vida é preciso dedicar-se a qualquer coisa de mais importante do que o dinheiro.

Mais tarde, depois de me ter licenciado pela Universidade Dacota Wesleyan, um professor de filosofia fez-me redescobrir o Evangelho. Foi, então, que tomei a decisão de me tornar, também eu, pastor. Mas, passado apenas um ano de actividade pastoral, deixei o ministério e voltei ao ateneu para ensinar: agradava-me a oratória do púlpito, mas as funções sacerdotais tinham-me feito sentir inábil e acanhado. Nem me sentia bastante santo para celebrar matrimónios, funerais, baptismos e comunhões.

Recordo um outro episódio da minha vida escolar que teve um grande efeito sobre mim. Um dia, o professor de ginástica nos fazia voltear a cavalo, eu, depois de ter perdido o equilíbrio, parei com medo de partir o pescoço. O professor disse-me: «**És um cobarde**». E aquela frase fez-me mais mal do que qualquer outro insulto. Assim, quando fui para a Universidade, inscrevi-me no curso de pilotagem, embora morresse de medo cada vez que voava.

O primeiro «choque» que tive durante a guerra, foi ver um dos meus companheiros de curso morrer queimado. O seu avião capotou na pista durante a descolagem: tiraram o piloto da carlinga em chamas, e vi o seu tórax elevar-se e baixar algumas vezes. Morreu ali, sobre a pista, Recordo também a primeira vez que vi um bombardeiro explodir em pleno voo. E terrível a rapidez com que se pode morrer.

O meu navegador foi morto durante uma missão, efectuada num outro avião, Deram-no como desaparecido e até ao fim da guerra a sua cama ficou vazia ao lado da minha, tendo em cima os seus objectos pessoais e as suas fotografias. Era uma coisa muito triste.

Durante a guerra, nunca tive problemas morais para lançar as bombas. Dizia a mim mesmo que os civis estariam nos refúgios, mas, na realidade, não me importava nada. Embaraçava-me admiti-lo. Os alemães disparavam contra nós, e com estilhaços de **shrapnels** despedaçavam-nos os pára-brisas, danificavam-nos os motores, atingiam-nos os homens da tripulação. Estavamos empenhados na luta para pulverizar a máquina bélica alemã Pensei que a América estivesse seguramente do lado justo. Porém, aquela minha passada experiência não influência minimamente sequer a minha opinião sobre o Vietname. Não quer isto dizer que me tornei um pacifista, antes, em circunstâncias semelhantes, pediria ainda hoje ao Congresso que declarasse a guerra. Mas tive certamente um grande horror pelo desperdício insensato de vidas humanas. Sei que o confronto não é justo, mas o Vietname faz-me horrorizar do mesmo modo que os massacres dos judeus ordenados por Hitler.

Foi na guerra que, pela primeira vez, encontrei rapazes provenientes das grandes cidades, que não sentiam ligados aos lugares da sua origem. A mim, pelo contrário, agrada-me sempre voltar a Mitchell, a cidadezinha na qual decorreu a minha infância, e aonde morreu meu pai. Satisfaz-me saber que é um lugar que conheço completamente, e onde tenho raízes. Há ali grandes choupos, grandes carvalhos americanos, as pequenas estradas que levam fora da cidade, os parques. Não há muitas escolas: ao contrário, há apenas uma. E não há muitas bibliotecas: há só a **Carnegie Library**. Cada estabelecimento tem a sua «personalidade», assim como cada um dos três cinemas. Numa leitaria comprava-se o leite com malte, na outra os gelados. Cada coisa tinha o seu lugar, a sua função específica.

McGovern e a mulher na hora da gande vitória. «Quero levar para a Presidência o espirito das pequenas comunidades americanas»__ disse o candidato __ «baseando-me nos ideais progressistas dos jovens que me apoiam».

Eleanor McGovern acompanha o marido em todas as fases da campanha

Penso que isto torne mais fácil encontrar o próprio lugar no mundo. Quando a gente fala do sentido comunitário que existe nas pequenas cidades, do papel da família, das relações com os vizinhos, da filiação a uma igreja, do espírito de corpo de uma escola, eu sei do que é que se fala, porque todas estas coisas me deram uma norma, um sentido de segurança pessoal.

Quando regressei a Mitchel, após os estudos pós-universitários, encontrei muitas coisas mudadas. E também as ideias tinham mudado. As minhas teorias progressistas haviam desacreditado as velhas ideias conservadoras da cidade, embora uma parte dos cidadãos não pense como eu é, pelo contrário, já não me aceite.

Em todas as campanhas eleitorais, desde 1956, a principal acusação que se me faz é esta: sou demasiado progressista, era o fantoche de Walter Reuther, o fantoche da esquerda, o fantoche de John Kennedy, o activista da ADA (**Americans for Democratic Action**). Na realidade, considero-me efectivamente um progressista, no sentido em que estou disposto a superar as ideias tradicionais. Penso que precisamos de modificações radicais, e não me importo que as pessoas me condiderem um radical.

Sou bastante realista para saber que muitas das coisas que recomendo não seriam aceites pelo Congresso; sei até que nenhum presidente faz tudo que desejaria fazer. Mas penso que o presidente possa dar o tom para ajudar a nação a dirigir-se para onde deve. Quem considera que não sou bastante «duro» para desempenhar o papel de presidente, não me conhece suficientemente bem, não compreende que se pode ser duro e, ao mesmo tempo, tranquilo e reservado. A minha dureza deriva de um sentido de justiça bem desenvolvido. Aqueles tais que crêem ser os mais fortes de todos, os grandes senhores do Pentágono, seriam os primeiros a dar-se conta de como sei ser duro, se fosse eleito. Creio que a maior prova do próximo presidente será a de saber resistir aos militares, não digo aos russos ou aos chineses, mas aos nossos próprios.

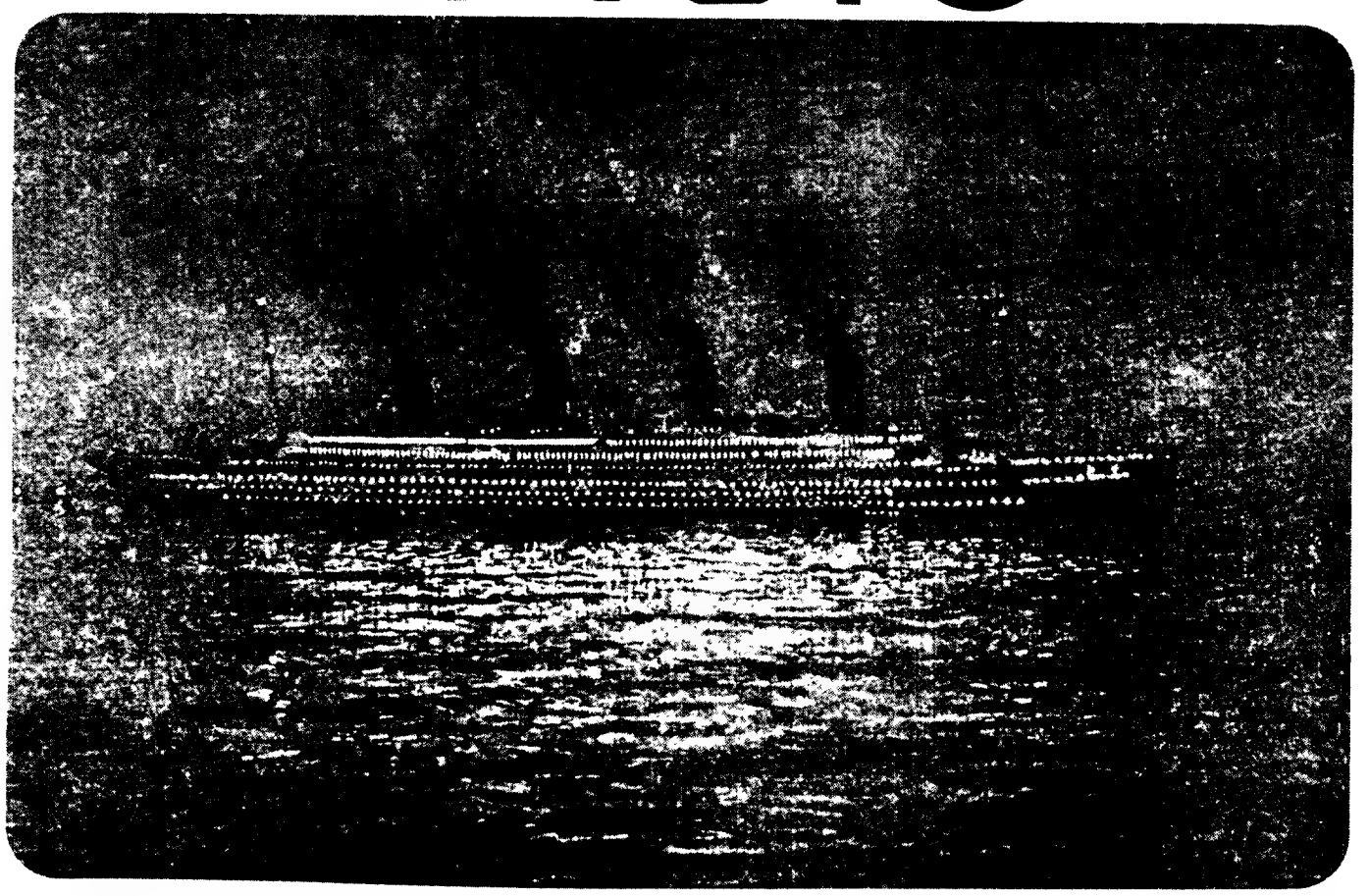
Quando anunciei pela primeira vez a minha candidatura, a gente disse: é demasiado tranquilo, demasiado quieto, não é bastante **carismático**; é demasiado bom homem, não tem bastante espinha dorsal para ser presidente. Penso agora que estes aspectos do meu carácter poderiam ser-me muito úteis, dadas as tendências actuais do país. Em três anos, de 1969 a 1971, falei em mais universidades do que qualquer outro homem político da América. Eu sempre considerei os jovens como uma espécie de vanguarda, que indicava o caminho ao país inteiro: há cinco anos, eles tinham os cabelos compridos, agora todos os têm. Há cinco anos, usavam indumentárias coloridas hoje toda a gente usa camisas multicores. Aquilo que eles pensavam há dois anos, hoje pensa-o a maioria do país.

Creio mover-me com uma «vanguarda» em torno da qual está pronta a recolher-se a maioria do povo americano. Penso que haja uma coligação de jovens, pacifistas, habitantes dos subúrbios urbanos, agricultores, operários, negros, americanos de origem mexicana, que está pronta a apoiar directamente um «leader» político e não espera nenhuma ordem dos funcionários do partido, dirigentes sindicais, dirigentes agrícolas, chefes religiosos. Quero que o país encontre não necessàriamente um novo conjunto de valores, mas um modo de conciliação das nossas acções com os princípios eternos da nação. Quero um empenho menor na procura da segurança através do potencial militar e um maior na busca da dignidade e da justiça, da igualdade e da consideração pelo indivíduo. Quero criar maior sensibilidade às frustrações e às ansiedades da gente, de modo que o Governo se torne um instrumento mais flexível. Sob um certo ponto de vista, creio que sejam estes os valores típicos de uma pequena cidade transferíveis para o plano nacional: o sentido da comunidade, a responsabilidade para com os outros. São estes as coisas em que fui educado a acreditar.

O NAUFRÁGIO DO TITANIC

Enorme multidão circunda a grande nave da «White Star Line», lançada à água nos estaleiros navais «Harland & Wolff», de Belfast, em 31 de Maio de 1911, agora fundeado no porto de Southampton.

Com as suas 46.320 toneladas de arqueação, os 269 metros de comprimento e os 28 metros de largura, o Titanic é um assunto de interesse geral. Também aqueles que não estão em Southampton sonham estar ali e falam com admiração do moderno navio que se apresta para iniciar a viagem inaugural através do Atlântico, para levar à América a mensagem mais concreta da capacidade realizadora da velha Europa. Comanda-o, por virtude dos serviços prestados à companhia, o comandante Edward J. Smith, embora tenha já ultrapassado o limite de idade.



O navio durante a primeira noite de navegação. Com o comprimento de 269 metros e a largura de 28 metros, o «Titanic» tinha uma arqueação bruta de 46320 toneladas. As suas gigantescas caldeiras podiam abrigar um carro de dois andares

Tudo, no **Titanic,** é gigantesco: a âncora tem um peso de 15 toneladas, o timão supera as 100 toneladas, a grande hélice central e as laterais atingem respectivamente as 22 e as 38 toneladas. As caldeiras escondidas no seu ventre são de dimensões tais que um carro urbano de dois andares pode entrar nelas còmodamente. Cada pormenor causa espanto. É o primeiro navio do mundo dotado de piscina; além disso, tem campos de jogos de tamanho natural, jardins suspensos e até algumas maravilhas técnicas até então desconhecidas: um cavalo e um camelo eléctricos.

As seis semanas anteriores à partida são inteiramente dedicadas a verificações minuciosíssimas, a fim de que tudo, no dia fixado, esteja absolutamente em ordem. Em 9 de Abril de 1912, a apenas vinte e quatro horas do momento esperado com tanta ansiedade, um técnico do navio, que ali tem dispendido as suas energias, como tantos outros, escreve para casa: «O **Titanic** é incomparável».

Opinião unânime. Ao projectá-lo e ao realizá-lo, foram considerados todos os resultados obtidos pelas outras grandes naves que durante os últimos anos sulcaram os oceanos; para lhe dár a estrutura mais sólida possível foram empregados dispositivos modernissimos: foi dotado com motores de quádrupla expansão para as hélices laterais e de turbinas a baixa pressão para a central; de um duplo fundo a todo o seu comprimento. Para se poupar peso evitou-se, todavia, uma dupla compartimentação lateral: os dezasseis compartimentos estanques são, só por si, uma garantia de solidez (diz-se que o navio aguentaria o mar mesmo com quatro compartimentos inundados).

NEM DEUS

O seu lançamento assinala um momento fundamental na encarniçada luta acesa entre as companhias de navegação. O número daqueles que fazem viagens por mar vai aumentando; cresce, portanto, a exigência de dispôr de navios cada vez mais modernos e mais velozes; e o **Titanic,** olhado com inveja pelas sociedades concorrentes, apresenta-se com o transatlântico do futuro, aquele que proporcionará rápidas e seguras viagens.

É portanto, pelo menos em teoria; e assim se revela no dia em que o ministro Clark sobe a bordo e faz uma inspecção por conta do Ministério do Comércio. Ao seu olhar atento e perito nada escapa: ele exige também aquelas verificações normais que habitualmente são descuradas por serem de menor importância e para as quais vale a palavra do comandante. A jóia da «White Star Line» é, na verdade, o colosso que todos crêem, o pacífico gigante que está para afrontar as rotas atlânticas. A confiança que infunde é tanta, que induz Clark a exclamar: «Nem Deus te pode afundar!».

Se exteriormente tudo é harmonioso, calibrado, a bordo, entre a tripulação, não reinam a mesma euforia e a mesma entusiástica adesão. Durante os dias que precedem a largada foi-se desenvolvendo uma notável insatisfação por causa de algumas modificações nos quadros dos oficiais. No último instante, o comandante Smith pretendeu a substituição do segundo comandante Murdoch, que retrocedeu para primeiro oficial; o primeiro oficial Lightoller passa a segundo. Entre o inferiores propaga-se uma certa desilusão; muitos deles não se conhecem e, no ambiente em que se encontram, sentem-se estranhos. O mesmo acontece com a tripulação.

Porém de momento, todo o contraste é refreado, e nada vem perturbar, às primeiras, a festiva atmosfera de largada. **«O navio está carregado, as máquinas estão em ordem, todos os mapas e cartas marítimas em dia»**: com estas palavras o comandante Smith se despede do porto de Southampton, da companhia de navegação, do mundo.

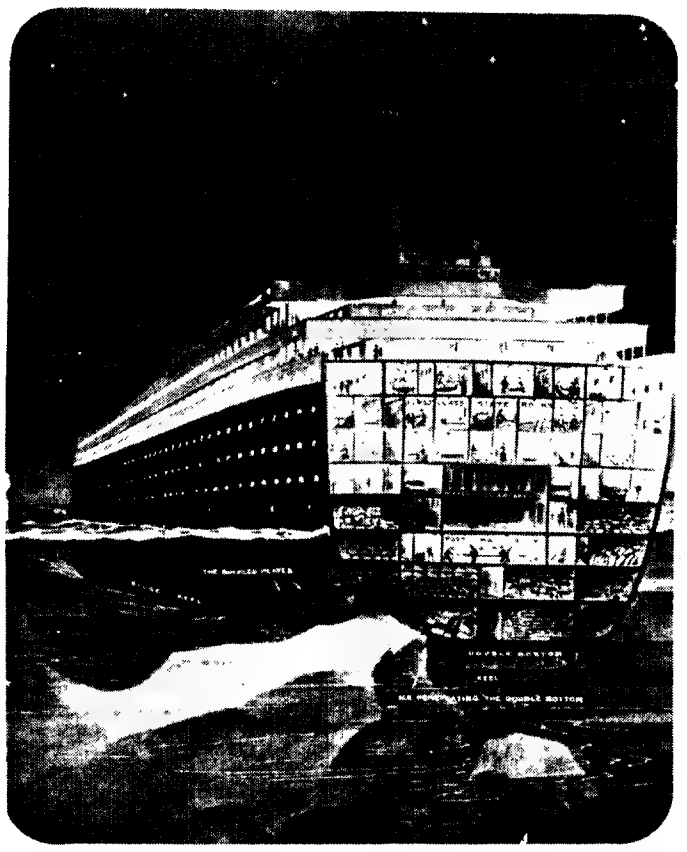
APREENSÃO

Junta-se o piloto Bowyer, a escada de portaló é arriada. **«Vez aos rebocadores!»**. E, nos cais, a multidão exulta, enquanto o **Titanic** se afasta lentamente, entre duas alas de pessoas admiradas. O eco dos aplausos ainda não se esvaíu quando um estremecimento percorre os presentes.

Perto da embocadura do porto, a enorme mole do navio provoca um remoinho tão forte que o **New York** e o **Olimpic** — ali afundados — quase entram em colisão com o colosso. Rebentadas as amarras, o **New York** aflora ao de leve a popa do **Titanic**, e uma maciça escala de portaló, com o peso de 18 quintais é arremessada à água Por pouco, o erro de cálculo do comandante Smith não gera uma desgraça antes ainda do barco alcançar o mar. Entre os assistentes espalha-se uma certa apreensão; muitos dos passageiros interpretam o facto como um mau presságio.

Um segundo incidente vem a verificar-se na infeliz largada. Os marinheiros lamentam-se com Ligholler pela falta de um binóculo na gávea. Desconfiados e apreensivos, alguns membros da tripulação decidem, entre si, abandonar o Titanic na primeira oportunidade. **«Este navio continua a não me agradar»**, escreve um oficial.

A viagem é iniciada. Em breve os passageiros — entre os quais figuram alguns expoentes de aristocracia financeira anglo-americana — começam a explorar a nova e esplêndida casa. Além da piscina, encontram um ginásio, uma pista de golfe, banhos turcos, um campo de **squash**. A coberta está dotada de uma sala para fumadores, de uma sala de leitura, de jardim de Inverno e de cabinas de luxo que se estendem às cobertas B. e C. A coberta B dispõe de um magnífico restaurante e de um «Café Parisiense» com varandas e plantas trepadeiras; a coberta C tem uma biblioteca, um salão aberto e uma estufa de flores de preço. A coberta D tem a sala de jantar de primeira classe, capaz de alojar



UM «CORTE», executado por um técnico inglês depois da tragédia, que mostra o momento dramático do choque contra o «iceberg», às 23.40 de 14 de Abril de 1912

— AJUSTAGEM
— ALVENARIAS (PEDREIROS)
— CARPINTARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
— CARPINTARIA DE MOLDES
— COFRAGENS E ARMADURAS
— COMPOSIÇÃO TIPOGRÁFICA
— DESENHO DE MÁQUINAS
— ELECTRICIDADE-AUTO
— ELECTRICIDADE B.T,
— FRESAGEM
— MARCENARIA
— MECÂNICA-AUTO
— PINTURA METALÚRGICA E DE AUTOMÓVEIS
— REPARAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
— SERRALHARIA CIVIL
— SOLDADURA ELECTRO-ARCO
— SOLDADURA OXI-ACETILÉNICA

— Se tem bons conhecimentos da sua profissão
— Se gosta de ensinar
— Se quer iniciar uma carreira atraente

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de MONITOR.

Para um total esclarecimento das condições de admissão, natureza da actividade, programa de concurso, vencimentos, etc., contacte até ao próximo DIA 23 DE JULHO qualquer dos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego espalhados pelo País.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

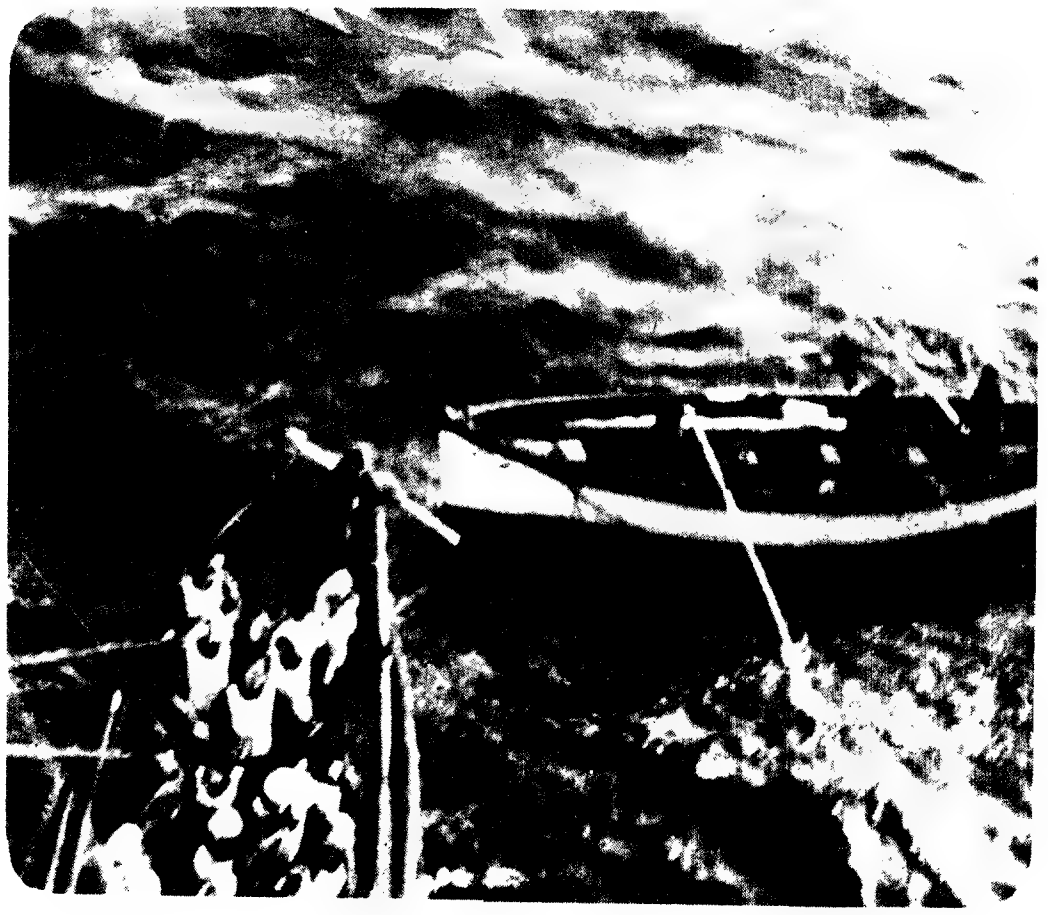
GRANDE OURIVERSARIA

DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Por DANTE VIRGILI
Exclusivo «Storia Ilustrada»/DL

NAUFRAGOS do «Titanic» em duas raras imagens fotográficas. O transantlântico afundou-se nas águas do Atlântico, às 2,20 da madrugada do dia 15 de Abril de 19 2. O primeiro navio de socorro chegou ao local uma hora depois



mais de 550 pessoas à mesa e, à popa, a da segunda classe, preparada para 400 lugares. Na coberta F, há uma sala de jantar de terceira classe. Não faltam salas especiais para o serviço dos ilustres hóspedes, que não se cansam de apreciar o imenso palácio flutuante e passam o dia 10 de Abril numa serena animação. À noite, a orquestra toca durante longo tempo.

A primeira escala é em Cherburgo, aonde entram pessoas, depois, até à costa irlandesa. Durante as primeiras horas do dia 11 de Abril atracou em Queenstown. Os acolhimentos triunfais tributados ao transatlântico contrastam com um facto muitíssimo singular: alguns marinheiros deixam o navio, e também um ou outro passageiro particularmente supersticioso desembarca. Espalhou-se a estranha convicção de que o **Titanic** traga infortúnio.

MENSAGENS

Durante a navegação do dia 11, um outro elemento vem perturbar a vida de bordo. A instalação de rádio do **Titanic**, considerada a mais potente e moderna, tem um alcance que varia de 250 a 2.000 milhas marítimas, com uma antena de 60 metros; o transmissor, accionado por um gerador de 5 quilovátios, de súbito, avaria-se (em caso de emergência poderia funcionar por meio de um diesel colocado de reserva). A reparação da avaria provocada por curtos circuitos que se verificam por causa do contacto entre os cabos do transformador secundário e os parafusos de ferro — requer um longo trabalho e, naturalmente, o acúmulo de grande parte das mensagens privadas que o navio costuma enviar.

Na manhã de 12 de Abril, o **Titanic** está em pleno Atlântico. A velocidade é de cerca de 21 nós horários; o mar está tranquilo, o dia esplêndido. A bordo, a vida segue o curso habitual: recreações e música continuamente. Nesta fase da viagem, a orquestra tem a parte de leão. Dois momentos, duas épocas se entrelaçam com as melodias de Lehar que reevocam imagens de um mundo em declínio, com os ritmos do **Alexander Rag Time** que levam sobre as ondas as esperanças do novo século. E entre regatos de champanhe e de licores os passageiros vivem o seu «tempo sagrado».

Porém, na ponte de comando as coisas não marcham tão bem. Os boletins de «gelo à vista» chegam cada vez mais alarmantes e em maior número; o **Titanic**, no entanto, está ainda longe das zonas de perigo grave. Os telegrafistas são submetidos a um trabalho exaustivo porque, de mistura com os comunicados, continuam a chegar mensagens de congratulação da parte de personalidades do mundo político e económico.

Com o decorrer das horas, as mensagens passadas para a ponte de comando vão perdendo a importância; o receio do gelo, dos **icebergs**, tornam-se um hábito e, com este, o temor devanece-se. A frase de Ligholler, **«nunca como no Inverno, no Atlântico, são necessárias infinitas precauções»**, como a voz de um momento longínquo. A exigência de travessias rápidas obriga a descurar muitas cautelas, a ignorar os perigos, e nos homens do mar há o hábito ao risco.

Também o Domingo, dia 14, é um dia encantador. O oceano está calmo, o vento moderado de Sudoeste. Nas últimas vinte e quatro horas o navio cobriu 546 milhas (de 11 a 12 só tinha coberto 386; de 12 a 13, 519); para os próximos dias, prevê-se um ulterior aumento do percurso quotidiano. As informações sobre a velocidade alegram os passageiros, sempre mergulhados num clima de festa.

O VULTO

À torre de comando continuam a chegar mensagens da parte de navios que avisam o **Titanic** sobr a presença de enormes **icebergs** na zona. Durante a tarde, a temperatura esterior diminui, o frio torna-se intenso. Os passageiros refugiam-se nos salões, na biblioteca. Depois do jantar, alguns dos passageiros reunem-se para entoar hinos religiosos, e os cânticos continuam até às 22 horas. O mar está indescritìvelmente belo. Poucos se dão conta de que as máquinas do **Titanic** trabalham num regime superior ao habitual; agora a sua velocidade é de 25 nós, embora os boletins recebidos durante o dia tenham sido alarmantes. Às 9 horas o **Caronia** assinalou um **pack**; às 11.40 o **Noordam** comunicou a presença de muito gelo; o **Baltic**, às 13 horas, estava à vista de **icebergs.** Todas as notícias são transmitidas à ponte de comando, menos a do **Baltic**, que fica, esquecida no bolso de um suboficial até que o comandante a pede algumas horas mais tarde.

Muito embora o **Californian** assinale, às 19 e 30, ter passado por dois grandes **icebergs**, no **Titanic** acorda-se em considerar que o navio não encontrará gelo antes da meia-noite.

EDWARD J. SMITH, o comandante do «Titanic»

Às 19 e 50 chega uma comunicação do **Mesaba**: **«Gelo nas latitudes 42º até 41º 25' Norte, nas longitudes 49º até 50º 30' Oeste»**. O **Titanic** responde «Recebido — obrigado». O operador do **Mesaba** continua durante muito tempo à espera — segundo o costume — de uma mais pormenorizada resposta do comando, mas a mensagem não e notificada nem ao comandante Smith, nem aos oficiais da ponte.

Às 22 e 30, o **Rappahannock** cruza-se com o transatlântico e comunica por meio de sinais luminosos: **«Acabamos de passar através de um espesso banco de gelo. Sofremos graves danos no timão e num hélice»**.

«Obrigado e boa noite», é a resposta.

Às 32 horas, o **Californian** informa estar bloqueado pelos gelos, mas o telegrafista do **Titanic** não compreende e pede ao colega para não interferir ulteriormente nas transmissões do navio, que continua a mandar para o éter telegramas particulares. O mar está liso como uma chapa, o céu limpo, o ar frio. A vida de bordo não muda: há quem jogue as cartas, quem leia, quem dance.

«Rumo 289º»: o navio navega à máxima velocidade. Na ponte, já há um par de horas, discute-se a dificuldade de identificar os gelos pois que, com o mar muito calmo, a característica espuma das águas na sua base dificilmente de nota.

Às 23 e 40 o vigia Fleet, imóvel no seu posto de observação, fixando a escuridão, distingue, de repente, um vulto à proa: qualquer coisa mais escura do que a própria noite. Rápido, bate três badaladas no sino do seu posto de observação: sinal de perigo à proa; depois, agarra no telefone e chama a ponte de comando: **«Iceberg direito a nós pela proa!»**. De repente, na ponte de comando, o primeiro oficial Murdoch ordena ao contramestre Hitchens: **«Tudo a estibordo!»** e para a casa das máquinas: **«Avante, a toda a força!»**; finalmente, prime o botão que comanda o fecho das portas dos compartimentos estanques. O timoneiro roda tudo à direita, a proa começa a obedecer, o navio desvia para o mar livre, mas não suficientemente depressa: como um golpe de navalha, o gelo penetra ao longo do costado da direita, que é rasgado. Uma imensa cascata de água precipita-se na casa das máquinas.

O comandante corre para a ponte, controla o inclinómetro e descobre, consternado que o navio já tem uma inclinação de cinco graus. Aos engenheiros de bordo pede relatórios dos danos verificados: são de tal modo graves que tornam patente estar o **Titanic** condenado. Um ulterior diagnóstico confirma que poderá resistir, no máximo, hora e meia. As caldeiras rebentaram; o ruído do vapor que se escapa é ensurdecedor, as palavras não se ouvem. Aos telegrafistas é comunicada a posição para que lancem o S.O.S.: 41º 46'

Continuação da pág. 20

Câmara Municipal de Lisboa
Casa da Comédia

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO
Voltam a apresentar
Hoje e todas as noites pelas 21,45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»
de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo
JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)
Bilhetes à venda no próprio local
Descanso companhia 2.ª feira Grupo B 10 anos

CAYATTE FILMA DE NOVO

PARIS . O realizador André Cayatte, que depois da película «Mourir D'Aimer», interrompeu durante largo tempo as filmagens de «Il n'Y A Pas de Fumée Sans Feu», com a colaboração de Annie Girardot, Mireilli Darc, Bernard Fresson e, provàvelmente, Mathieu Carrière e Michel Bouquet. O filme conta a história de um médico que aceita candidatar-se às eleições municipais. O perfeito em exercício, temendo este rival, recorre, porém, a todos os processos para o afastar, incluindo a acusação de assassínio, usando como prova uma fotogradia falsa. O problema para o qual André Cayatte pretende chamar a atenção é o perigo que a técnica electrónica traz ao cidadão, pois não se trata apenas da violação da sua vida privada, mas, também, de um abuso à sua liberdade, aos seus movimentos e até aos seus pensamentos.

Artesanato

Continuação da pag. 12

crianças. Normalmente já perdeu os sonhos próprios e vive dos sonhos alheios.

Joaquim António Correia é vendedor de balões na Feira.

— **O balão foi sempre o encanto das crianças. Até dos pais, que se recordam da infância! Vendo muitos balões. Comecei neste negócio quando ceguei. Custou-me recuperar a vista. Eu era um comerciante muito modesto na província. Vivia como Deus quer. Para me tratar gastei as magras economias que tinha. Hoje não posso carregar pesos e dedico-me a isto. Gosto muito de crianças e elas gostam de mim. A alegria delas é a minha!**

Vive numa casa de madeira atrás da Feira Popular. Tem o rosto traçado de rugas e um sorriso de circunstância dramàticamente triste.

— **Sabe, gostava de falar consigo noutras altura. Tenho um drama para lhe contar. Um drama apaixonante. É um assunto de grande importância,** confidencia a meia voz. **Procure-me noutro dia.**

E o velhote lá fica, preso à fantasia dos fios multicolores que prendem grande «bouquets» de balões cheios de ar.

AS JOIAS

Isabel Caetano de Brito faz joias. De prata e metal. Com pedras coloridas. Tirou um curso em Londres. Está há pouco em Portugal e é a primeira vez que expõe num certame com estas características. Foi aluna da Escola António Arroios e mostra-se decepcionada com o pouco interesse do público português por estes trabalhos.

— **A gente jovem não se interessa em aprender esta arte. Tenho uns cursos que são mais frequentados por senhores de meia idade. As peças que faço também não têm muita procura em Portugal. Durante o tempo em que estive em Londres vendia extraordinàriamente bem. As minhas joias tinham muita procura. Aqui não noto muito interesse.**

Um curso destes dura de três a seis meses. Requer habilidade, e imaginação. A peça mais barata à venda na barraca da Isabel custa 150$00. A mais cara 2500$00.

Artesanato de qualidade não acessível. Presença de ostentação num mercado popular.

PARA TODOS

Loiças, peles, flores de papel, vergas, peças de pedra e madeira... os bordados de Viana, os galos de Barcelos, as loiças de Alcobaça, os tecidos da Nazaré, as rendas de Peniche, as peles de Évora, os cobres de Vila Viçosa, os mármores de Estremoz... a sardinhada, o chouriço assado, o pão acabado de coser, a caldeirada... a curiosidade, a compra, a venda, a música, a cor.

Um mercado de bugigangas, ao sabor popular para turista ver consumir umas horas, quebrar ou arrastar rotina.

Do artesanato caseiro à pequena indústria: faianças de José Marquês Lopes

RETRO-ESCAVADORAS – PODEROSO BRAÇO AUXILIAR DE GRANDE VERSATILIDADE APLICÁVEL A QUALQUER MARCA DE TRACTORES:

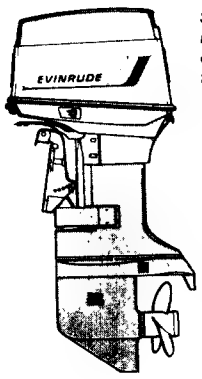
McCONNEL

J. J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L. ao serviço da lavoura

Divisão Agrícola - AZINHAGA DOS LAMEIROS - ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR - LISBOA-4 - TEL 79 40 95-96-97-98

SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA McCONNEL

4 SEQUIADORES SIMULTÂNEAMENTE!...



So um motor potente o pode fazer
Mas além de potente
o ***EVINRUDE TRIUMPH 65 HP*** *tem 3 cilindros com alimentação em arco, cada um com o seu carburador, e bobine do condensador de concepção especial que o torna 20 vezes mais rápido do que o normal*
Mais ainda. A alimentação em arco faz com que a compressão e a potência aumentem e o consumo de gasolina diminua

MUITOS ANOS DE USO
ALTO VALOR DE TROCA

ETP 20 A

EVINRUDE

O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV 24 DE JULHO 52 A/G - LISBOA - TEL 667794

EX-CONJUNTO MUSICAL «OS YAKS»

Os Pais de DOMINGOS CORREIA, vocalista e viola-solo deste antigo Conjunto, falecido em combate, em Moçambique, participam que o funeral se realiza amanhã, 2.ª-feira, 24, da Igreja da Memória, Cal. de Galvão, às 14 horas, para o cemitério da Guia, em Cascais.

DL/DOMINICAL NATUREZA

O MUNDO MISTERIOSO DOS INSECTOS

Vamos debruçar-nos ligeiramente sobre o mundo dos insectos, esse universo misterioso que domina o mundo animal e que não sabemos se, em algum momento, não chegará a dominar a Terra. Como diz Dámaso Alonso:

estão a fazer-me pena, extraordinàriamente, os insectos, porque não há dúvida, estou a desconfiar dos insectos, de tantas advertências, de tantas patas, cabeças e esses olhos.

Segundo alguns cálculos, uma terça parte das colheitas mundiais, perdem-se como consequência das enfermidades que os parasitas produzem nos cultivos agrícolas. Biólogos, agrónomos, químicos e cientistas de diversas especialidades procuram com empenho sistemas efectivos de protecção das plantas contra estes animais que nos roubam literalmente os alimentos.

Tecnologia humana. Mas os insectos também sabem defender-se. Cientistas da Universidade de Cornell, em Nova Iorque, descobriram que os insectos, reis da guerra química, avançaram na sua «tecnologia» e agora empregam substâncias fabricadas pelo Homem para se defenderem dos seus inimigos. Ao estudar o comportamento dos gafanhotos *romalea micróptera*, que são atacados pelas formigas, sobretudo quando a fêmea está imobilizada e com o abdómen enterrado, durante a época da postura, notaram que emitia um líquido extraordinàriamente efectivo para deter as atacantes. Ao analisar o líquido, depois de o extrairem de centenas de insectos, comprovaram, com surpresa, que continha 2.5 diclorofenol, derivado de um insecticida fabricado pelo Homem. Assim, os insectos, que sempre se valeram de substâncias irritantes que tomam da Natureza, empregam agora uma arma que o Homem usa contra eles. É escusado dizer que o gafanhoto é imune ao 2.5 diclorofenol, que repele a formiga.

Percevejo do campo do género «Graphosoma» sobre infrutescência de umbelífera. A maioria dos insectos da ordem dos heterópteros tem a particularidade, como sistema defensivo, de desprender líquidos mal cheirosos ao ser atacados pelos seus depredadores.

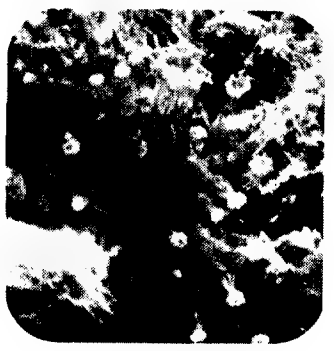
Mosca florícola do género «Eristalis sp. 2» pousada sobre uma flor cultivada denominada «Rainha Margarida». A maioria dos dípetros frequentam as flores, pelo que são considerados insectos polinizadores por excelência.

***Efémera («Ephemera vulgata»).** Os efeméridos são insectos de constituição muito delicada e de tamanho exiguo. As suas larvas crescem na água. Os adultos têm uma vida efémera como o seu nome indica.*

Quanto ao Homem, não se determinou ainda exactamente o papel que desempenham os insectos na propagação de certas enfermidades, mas estuda-se, misturando com isótopos radioactivos as espécies concretas e estudando posteriormente a sua dispersão. Assim, sabe-se que o raio de acção das moscas domésticas é de uns dois quilómetros, ainda que possam chegar a um máximo de trinta.

Senhores do planeta? Naturalmente, há muitos insectos que beneficiam o Homem, e um deles, as abelhas, que produzem milhares e milhares de toneladas de mel por ano e que são estudadas por grupos internacionais de entomologistas.

Dizem os cientistas que, se fosse o número que contasse, seriam os insectos e não os homens, os senhores do planeta. Milhões de anos antes da nossa chegada existiram já outros reinos que se assenhorearam das terras e dos mares; existiram a Idade dos Peixes e a Idade dos Répteis. Encontramo-nos, perguntam os cientistas, perante a idade dos insectos? Até agora conhecem-se já mais de meio milhão de espécies, frente a apenas seis mil de mamíferos, e, segundo parece, continuam por descobrir milhões de espécies.



Este celenteradoé muito frequente nas nossas costas, repousando sobre os fundos pedregosos ou rochosos, ou associado a diferentes espécias marítimas, com as quais vive em simbiose. A sua coloração é muito variável, oscila do branco ao vermelho escuro.

GASQUILHO & FILHOS, LDA.

AGENTE OFICIAL

MAZDA

1.600 COUPÉ

visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa

JOÃO ALBINO AMARAL

MISSA DO 7.° DIA

A família de João Albino Amaral participa que amanhã, dia 24, pelas 18.30 horas, será celebrada missa por seu eterno descanso, na capela da S. Beneficência Espanhola, à Av. D. Rodrigo da Cunha, n.° 1.

JOÃO ALBINO AMARAL

MISSA DO 7.° DIA

A GERÊNCIA E COLABORADORES DE DURAN, GARCIA & CIA, participam a todos os seus amigos que será celebrada missa por alma do pai do seu sócio - gerente Carlos Ventura Amaral, na capela da S. Beneficência Espanhola à Av. D. Rodrigo da Cunha, n.° 1, amanhã, dia 24, pelas 18.30 horas.

DR. ÂNGELO CÉSAR

AGRADECIMENTO

Impossibilitados de o fazermos pessoalmente, como queríamos e devíamos e não dispondo, mau grado nosso, de outro meio, que não este, manifestamos, sensibilizada e reconhecidamente, o nosso indelével agradecimento a todos quantos nos acompanharam, com a sua amiga e prezada solidariedade, na perda do nosso pai e sogro.

Maria Alice César Vasques Osório
Ângelo de Castro César Machado
Duarte Nuno de Castro César Machado
Álvaro Afonso de Castro César Machado
Maria Alice Cabral Barbedo Pinto César Machado
Leonor Maria Hitzmann César Machado
Maria Luísa Patrício Henriques da Silva César Machado
Manuel Vasques Osório

MOCAR, S. A. R. L.

PEUGEOT — ALFA ROMEO

Ex.mos Clientes,

Durante o período de férias que fica compreendido de 31 de Julho a 1 de Setembro inclusive, as nossas Oficinas de Assistência:

N.° 2 — Alam. das Linhas de Torres, 157-A
N.° 3 — Rua Luciano Cordeiro, 79 A, B e C
N.° 4 — Rua dos Soeiros, Lote B-2

encontrar-se-ão encerradas, mantendo-se porém em serviço a nossa Oficina de Assistência:

N.° 1 — Rua D. Luís de Noronha, 40

aonde estaremos ao Vosso dispor.

MUITO OBRIGADO

VINHO DO PORTO

Marca reputada pretende entregar sua representação em regime de exclusividade. Área de Lisboa e/ou Sul do País. Dá-se preferência a firma já integrada no ramo. Resposta à Delegação deste jornal no Porto ao n.° 99.

TITANIC

de latitude Norte e 50º 14' de longitude Oeste. Na casa das máquinas, que às 0,40 estará desocupada, a água atinge já os joelhos dos homens empenhados num duro trabalho para evitar ulteriores danos. As bombas de emergência bem pouco servem. Os marinheiros aprestam-se para lançar ao mar as embarcações de salvamento.

O PÂNICO

Da sala do telégrafo, a invocação de socorro não parte com oportunidade. A notícia do choque contra o **iceberg** faz sorrir, e os telegrafistas consideram-na sem fundamento, mesmo quando o oficial dá ordem de lançar o S.O.S.

A todo esta confusão faz de contraponto a calma dos passageiros. O choque com o **iceberg** não impressionou; a maior parte deu apenas por um ligeiro rangido e, pelas vigias, olham o mar. Durante algum tempo, as actividades mantêm-se imutáveis, ninguém se dá conta da gravidade da situação. Depois, pouco a pouco, também entre os viajantes se difunde o alarme e, em muitos, nasce a sensação de uma catástrofe iminente. Assegurando que tudo se irá passar pelo melhor, o comissário de bordo procura dissipar a tensão e pede às senhoras que voltem às cabinas, vistam roupas mais fortes e subam, depois, à coberta. As 0 e 30 o alarme é geral, todos são obrigados a subir à coberta.

Os ânimos começam a ressentir-se da dramaticidade do acontecimento; cenas de pânico estão para ter lugar, quando a orquestra ataca os motivos habituais; a música tem um efeito benéfico e traz um pouco de calma que consente um regular início da evacuação do navio. Chalupas com mulheres e crianças são arriadas ao longo da amurada.

E finalmente abatida a cancela que impede aos passageiros de terceira classe o acesso ás cobertas superiores, e uma enorme multidão precipita-se sobre a coberta superior. Gemidos, gritos. Desespero de grupos familiares que não querem separar-se; os homens são afastados à viva força para que as operações de salvamento possam continuar.

A AGONIA

Entretanto, os telegrafistas não cessam de lançar repetidos S.O.S., mas o transmissor está cada vez mais fraco. A dez milhas de distância, o **Californian** está imóvel, circundado por gelo. Os seus oficiais tomam por fogo-de-artifício os foguetões de sinalização do **Titanic.** «ali divertem-se», é o seu comentário. O **Titanic,** pelo contrário, **a grande Babilónia flutuante** como foi definido, agoniza.

E lançado o «**Salve-se quem puder**». Aos pilotos das embarcações o comandante Smith, através de um megafone, ordena que fiquem junto do navio, para poder socorrer quem se encontre ainda na água. Porém, as ordens já nada valem; prevalece o instinto da conservação. O medo de redemoinho enorme que o **Titanic** provocará ao desaparecer, apossa-se dos ocupantes dos escaleres, e algumas mulheres intimam os remadores para que se afastem o mais possível.

Um episódio revela como ninguém está já em situação de conservar a frieza e a lucidez. Quando é arriada ao mar a lancha n.º 13, é arriada ao mesmo tempo a lancho n.º 15. Em vão quem se encontra na embarcação que está por baixo grita que suspendam a descida da N.º 15: a bordo não se presta atenção. O embate quase inevitável é evitado pela presença de espírito de um fogueiro que, debruçando-se para fora da lancha n.º 13, corta os cabos que a ligam ao navio. Exactamente a tempo.

Às 0,30 o **Titanic** entra em contacto com o **Olimpic** que não compreende o trágico da situação e comunica: «**Façam rumo a Sul para virem ao nosso encontro**».

O Titanic deixa o porto de Southampton em 10 de Abril de 1912

As mulheres choram, as crianças metidas nas lanchas, olham, com os olhos arregalados, aqueles belos foguetes coloridos que sobem para o céu. O cenário no qual a última parte do drama está para se desenrolar é terrificante e sugestivo ao mesmo tempo. Música sincopada sobre à coberta, luzes a bordo, mar calmíssimo em todo à volta, terror nos ânimos.

PAI NOSSO

Finalmente, antes da uma da madrugada, o S. O. S. é recolhido pelo **Carpathia** que navega a cinquenta milhas do ponto da colisão. «**Acorremos, Deus vos ajude**», transmite o telégrafo de bordo. Então, o comandante Smith permite aos seus telegrafistas que abandonem o posto, e também eles correm em busca de salvação. O fim está próximo. A orquestra toca o hino evangélico **Outono**, a água avizinha-se já da coberta dos escaleres. Alguém pede uma arma; Ligholler satisfaz o pedido. Murmura-se a última, desesperada oração: «**Pai Nosso...**». A água avança, cada vez mais ameaçadora, sobre a coberta. A orquestra toca **Mais perto de Ti, Senhor.** A água cai sobre ela, varre tudo. Muitos no gélido oceano.

As luzes de bordo, que não haviam deixado de brilhar, agora apagam-se. As caldeiras explodem com um fragor surdo. O **Titanic** levanta-se verticalmente pela popa. Uma chaminé despedaça-se, cai sobre quantos estão desesperadamente entregues às próprias forças na única esperança de salvação. Agora a popa direita, alta, empinada sobre o mar, negra, como uma gigantesca mão. Os três grandes hélices estão parados, inúteis. Poucos minutos depois, às 2,20, o **Titanic** afunda-se no abismo.

Com os motores na sua máxima força o **Carpathia** avança, mas encontra-se ainda a vinte milhas do lugar da catástrofe.

No mar, sempre calmo, sós e abandonadas, as frágeis embarcações: cargas de mulheres prostradas, de crianças aterradas, de feridos, de agonizantes, de cadáveres de que não se querem desfazer. Alguma se virou, e cachos de náufragos a ela se agarram tenazmente enquanto o frio não os paralisa e ós obriga a largar a presa. Na falta de homens, uma ou outra lancha é conduzida com feroz energia pelas mulheres.

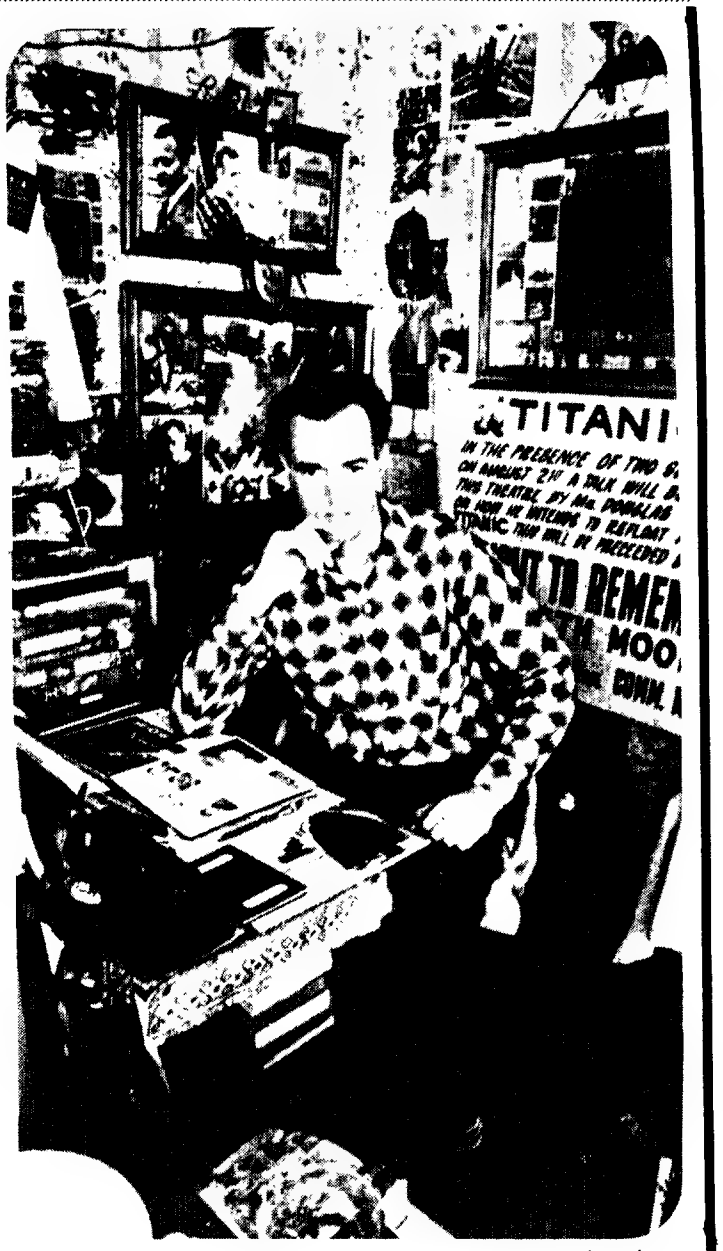
«**Parecia navegar num mar de mortos. Eram tão numerosos que nem sequer se podia remar... Não pareciam mortos por afogamento, pareciam estar congelados**», assim comentará, mais tarde, um sobrevivente. E as lanchas não voltam atrás. O egoísmo de quem se salvou prevalece sobre o sentimento de piedade.

O Carpathia chega às 3,30. Calcula-se que o frio, o esgotamento, o terror tenha causado a morte — durante aquela hora de espera — a, pelo menos, cem passageiros. Às 4 horas da madrugada recolhe a primeira chalupa.

Não foi estabelecido com precisão o número das vítimas; o número mais admissível parece ser a indicada pelo Ministério do Comércio britânico: 1503. Os sobreviventes foram cerca de 800 (com a pressa, não se tomou nota exacta dos náufragos desembarcados em Nova Iorque). O comandante Smith desaparece com o navio.

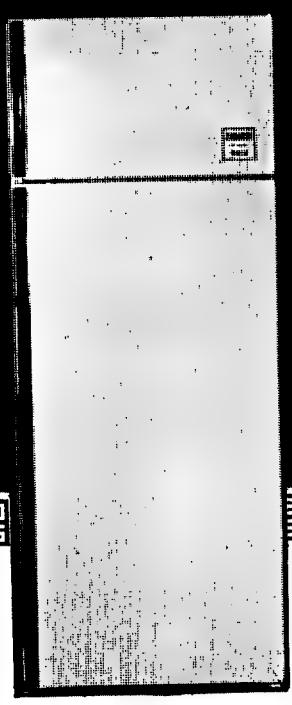
Quem podia trazer socorro não se apercebe da tragédia, mas houve também quem não quisesse aperceber-se. Um barco norueguês, o **Samson**, dedicado à caça das focas, encontrava-se naquela noite apenas a algumas milhas do **Titanic** mas, estando numa zona pribida à pesca e tendo tomado os sinais do transatlântico por os de uma unidade americana em busca de pescadores furtivos, fez-se ao largo a toda a velocidade. O remorso por esta fuga atormentou durante toda a vida o capitão Henrik Naess, que ó no momento da sua morte se decidiu a confessar a ocorrência.

Plena luz sobre o drama de 15 de Abril de 1912, nem hoje ainda pode sequer ser feita. O mar guarda o seu segredo a 3600 metros de profundidade e os homens «**têm procurado manter tudo em silêncio... deixar muitas perguntas sem resposta**», como escreveu, logo depois do inquérito da magistratura, o inglês G. K. Chesterton.



DOUGLAS WOOLLEY, um engenheiro inglês que está projectando a recuperação do «Titanic». O navio jaz a 3600 metros de profundidade. No desastre perderam a vida 1503 pessoas

ZANUSSI É A FÁBRICA E A PRIMEIRA MARCA
ZANUSSI
FRIGORÍFICOS
COMPRAR QUALIDADE E GARANTIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA É BOM NEGÓCIO
J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL.
LISBOA – Av. Elias Garcia, 123 – Tel. 772013 – PORTO – Rua do Freixo, 1273 – Tel. 551013
72FRZ-08



FÉRIAS 1972
FÉRIAS NA PRAIA
FÉRIAS NA MADEIRA
FÉRIAS NOS AÇORES
FÉRIAS NO ALGARVE
TRANSNAUTICA
Agência de Viagens e Turismo
LISBOA
R. Duque de Palmela, 35-37
PORTO
Rua Júlio Dinis, 729
(Peças nos programas especiais)

COLUNA: CICATRIZ ABERTA

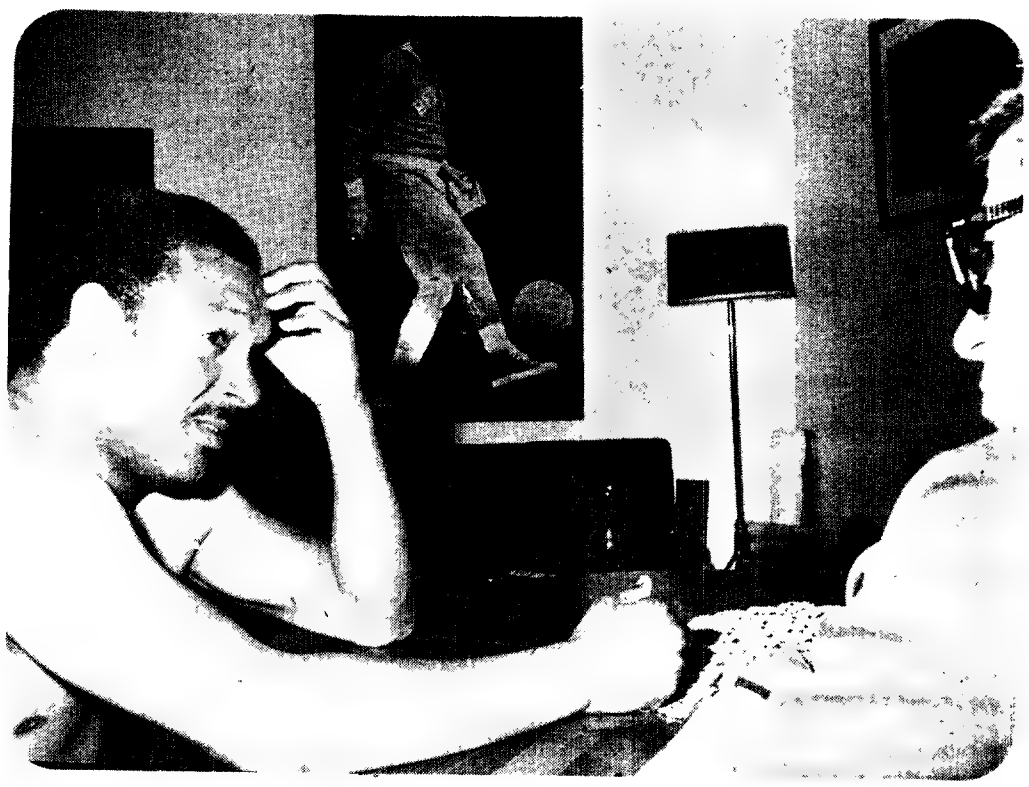
Um conselho, leitor: se você admirou Coluna, não leia esta reportagem. A história do maior e mais prestigioso ídolo do futebol português, do grande «capitão», do nosso Obdúlio Varela, fica-lhe interdita. Porque, neste Julho de 1972, exactamente 17 anos e onze meses após ter desembarcado na Portela de Sacavém para tentar a vida como jogador profissional de futebol, Mário Esteves Coluna tem a mesma fortuna no bolso: e um olhar bem mais triste.

Ele é hoje, apenas e só, uma sombra na rua. A criançada já não pede autógrafos desse sereno e combativo futebolista que implantou o nome nos mais opulentos relvados do Mundo. Ele é hoje, exclusivamente, um homem desorientado e sem horizonte definido. Os jornais, as telefonias, as pantalhas brancas já não transmitem ou reflectem (para a veneração do público de quatro continentes) o rosto ou a voz do comendador Mário Esteves Coluna: que se sentou ao lado dos grandes da terra e por cá recebeu tributos e vassalagens sem medida nem travão. Ele é hoje, rente à parede, um homem baleado pela vida, atingido de alto a baixo por flechas. Trespassado até ao âmago por aquele acre sabor a fel que ninguém deseja, mesmo à hora do último adeus. Os que o vêem passam rodando a cara para o sol. Os que dele precisaram, saltam ràpidamente para o outro lado da estrada, mal o corpo bamboleante e dengoso desse pequeno gigante africano surge ao voltar da esquina. Ele é hoje, com efeito, um homem só entre a multidão.

E, todavia, chegou aos píncaros da fama. Correu a terra, enchendo treze passaportes com carimbos quase indecifráveis. Bonitas mulheres quiseram estar a seu lado. Pais mostraram aos filhos (para que copiassem o exemplo) esse vulto desenvolto e altivo que enchia as quatro linhas que seguravam a relva. Foi o modelo de milhares de portugueses: crianças, adultos, gente. Teve sobre o rosto projectores e cobiças. Deu o braço a quem não conhecia só para tornar feliz um amigo de ocasião.

Hoje, dois anos após o adeus à Luz, as coisas mudaram. A água que desliza sob as pontes levou para o grande mar farrapos de uma vida.

Texto por NEVES DE SOUSA
Fotos de ACÁCIO FIGUEIREDO



«Vi que podia meter uns dinheiros no bolso...» — *«Essa placa deram-me na América...»*

Chego a Vila Franca e pergunto pelo Mário Coluna.

— **Quem? O que jogava no Benfica?**

Meia hora depois, o empregado de uma taberna («casa de pasto», aliás) aponta-me um prédio da Rua da Bélgica.

— **Mora ali. Está lá há um mês.**

Na sala batida pelo vento, um televisor de boa marca e um rádio com gira-discos. Amplo sofá e almofadas em couro. Um quadro de enorme fotografia. Na cristaleira: copos, medalhas, cinzeiros e galhardetes. Duas caixas de papelão amarelo, atadas por corda grossa. Uma boneca andaluza de castanholas em riste. Uma mesa, quatro cadeiras e Mário Coluna.

EXPERIÊNCIA FRANCESA

— Em 1970, saí do Benfica e fui para o Olympique de Lyon. Eu estava a treinar os garotos, ajudava o Artur nos juniores e também dava uma «perninha» na reserva, quando o Zé Augusto ficava a acompanhar o Otto Glória. Uma tarde, apareceu-me outro africano, o Camara, que vinha de Paris com a idéia de contratar o Benfica para um jogo-exibição contra uma equipa de negros, no Parque dos Príncipes. O Benfica pediu muito dinheiro: e até nem tinha uma data livre que interessasse ao Camara. Então, assim como não fosse nada, ele disse-me: «Precisava de um bom jogador para o Olympique de Lyon. Pensei no Calado mas o Benfica abre muito a boca. Você conhece algum interessado na passeata? É bom negócio para mim e para o jogador...» Quase de repente respondi-lhe: «Então eu não posso ir?»

«O Camara ficou entusiasmado. Escreveu para Lyon e um director veio ter comigo. «Quanto podem pagar»? — quis eu saber. O homem foi muito amável; até parecia embasbacado a falar comigo. Aí, eu vi que podia meter uns dinheiros ao bolso e lancei a bisca para uns 400 ou 500 contos. Foi quase: deram-me 375 por uma época, com apartamento pago, prémios e 15 contos de ordenado mensal. Disseram-me, mal cheguei a Lyon: «Você pode fazer muito pelo nosso futebol, porque toda a miudagem viu pela Televisão a sua festa de homenagem e sabe que o Coluna foi um dos maiores jogadores de todos os tempos: «Enchi-me de orgulho e fiz por cumprir: até «abri» um curso de futebol para os garotos dos 10 aos 14 anos. E joguei, sempre onde era preciso; tão depressa a médio como a avançado-centro. Marquei uma boa porção de golos, alguns deles decisivos. Mas, exactamente no dia em que terminava o contrato de uma temporada, um director chamou-me e disse que os meus serviços já não eram precisos. Ficavam muito contentes mas já não queriam mais o Coluna. Vim embora.»

AVENTURA EM PORTALEGRE

Chegado a Portugal, que fazer?

— Na véspera do meu regresso recebi, lá em França, um telefonema de Portugal. Era do sr. Sousa, farmacêutico na Estrada de Benfica e director do Estrela de Portalegre, convidando-me a vir até ao Alentejo. Muita conversa, muita conversa: e, na verdade, como eu não sabia o que fazer à vida, aceitei. Sempre era um princípio para a carreira de treinador que tanto gostava de seguir, a única em que verdadeiramente eu acho que posso triunfar. Cheguei a Portalegre e, ainda antes de ter assinado compromisso com o Estrela, entregaram-me um telegrama do Portimonense solicitando as minhas condições para ir tomar conta da equipa e também dar uns pontapèzitos, de vez em quando. Respondi com o pedido de 80 contos de «luvas» e 10 de ordenado: como jogador eu sabia quanto valia, mas como treinador tinha de ser uma espécie de «muleta negra» e esperar por uma oportunidade. Daí que tivesse pedido tão pouco dinheiro.

Em voz arrastada, Coluna diz-e quase a seguir:

— Pois ainda hoje estou à espera da resposta do Portimonnense.

Amargamente:

— Lá fui morar para Portalegre. Ao princípio, tudo O.K. Eu era novidade: toda a gente vinha conversar comigo, saber coisas de futebol, falar-me das minhas jogatanas e dos grandes momentos que eu passara no Benfica. Depois, a coisa foi começando a dar para o torto. Eu recebera só 50 contos de «luvas» e tinha 10 contitos de ordenado. Mesmo assim começaram a dizer que era muito caro. Que tinha custado uma fortuna. Que desequilibrava as finanças do Estrela. Ora a verdade é que o clube não tinha condições de vida, não tinha possibilidades de trabalho para oferecer a um treinador. Não podia comprar jogadores de valor. E, sem isso, nada feito: não há treinador que aguente um barco daqueles.

«E, no entanto, veja como são as coisas: dias antes de principiar o campeonato, o presidente veio ter comigo e, muito a sério, disse-me que não era preciso arranjar reforços porque a equipa era óptima e toda a gente lá da terra estava crente que, debaixo das minhas ordens, ia saltar da terceira para a segunda divisão. Achei isso uma loucura, um disparate; mas o sujeito falou tão a sério que eu até pensei que estava a sonhar. Olhe que eram só dúzia e meia, os jogadores...

A SORTE SÓ FAVORECE

Sorridente, tristemente sorridente, Mário Coluna conta:

— A prova que eu tinha razão, que era mesmo preciso arranjar futebolistas capazes, veio logo que o azar nos tocou à porta. Num só jogo tivémos dois jogadores expulsos: um foi castigado com oito jogos de suspensão e outro com três. O guarda-redes suplente, que estava sentado no banco, disse qualquer coisa ao árbitro: e veio também para o olho da rua, apanhando quatro encontros de suspensão. No domingo seguinte, o «keeper» titular, logo aos 15 minutos de jogo, bateu contra o poste esquerdo da baliza e par-

DL/DOMINICAL

UM HOMEM NO RÉS-DO-CHÃO

tiu um braço. E o defesa que entrou, numa tentaiva para o substituir de qualquer maneira, só chegou a dar uns passos em campo: também foi expulso! Isto só visto: contado ninguém acredita...

«Fui ter com o director da «massa» e coloquei-lhe o problema. «Arranje-se como quiser: não entro com mais «nenhum». Os jogadores chegam e sobejam». Fiz-lhe ver que muitos estavam na tropa outros não apareciam porque o clube não tinha dinheiro para lhes pagar. Ninguém moveu a direcção do Estrela, e só a muito custo consegui que dessem cinco contos de «luvas», gasolina para as viagens e um conto e meio de ordenado ao Humberto Fernandes, que tinha jogado comigo no Benfica e só aceitou ir fazer uma «perninha» a Portalegre por causa da nossa amizade. Ia lá para minha casa: mas só aos domingos. Chegava à vila, almoçava, conversávamos um bocado e lá íamos os dois jogar. Sim, porque às quinhentas, vendo aquela barafunda toda e sentindo o perigo de baixar de escalão, eu também fui obrigado a jogar. Mas, não valeu de nada: o Estrela foi mesmo por água abaixo:

Quase a balbuciar, o ídolo perdido acrescenta:

— O que eu fiz pelo clube! Sujeitei-me a tudo... Num choque de cabeças, contra um tipo qualquer, aqui no campo do Alverca, abri a testa, do lado esquerdo. Fui para o hospital, cá de Vila Franca, e coseram-me a cabeça com 13 pontos. Foi no dia 4 de Junho, mas não há meio de cicatrizar. Dizem-me que são precisas massagens, que talvez tenha de ser aberto para levar outros pontos. Nem quero pensar nisso... Sabe que mais? Falta-me o Benfica. O posto médico. O Hamilton. Todo aquele trabalho que tinham comigo mal fazia um golpe num dedo...

«ESTRELA DO ESTRELA» NO OLHO DA RUA

— E a expulsão, Coluna?

Não gostou muito, mas encaixou a pergunta. A mão direita entre os cabelos a esbranquiçarem, lá vai dizendo:

— Foi uma chatice, mas olhe que a culpa não foi minha. Eu já tinha sido expulso duas vezes, quando jogava no Benfica: contra o Sporting e contra a CUF. E isso é que carregou o castigo. Mas eu, realmente, não tive culpa nenhuma: foi o miúdo que me desafiou. Estava a jogar em Leiria e apliquei uma «gambeta» ao rapaz: o «gajo» atirou-me um pontapé pelas costas, mesmo num calcanhar. Andava em «brasa», estava irritadíssimo porque toda a gente me estava a assobiar: vai daí descontrolei-me. O árbitro, influenciado por aquele chinfrim, nem me tratou por senhor: mandou-me logo tomar banho.

— Porque é que o assobiavam tanto?

— Devia ser «malta» do Sporting... Foi por causa daquela coisa com o Hilário, daquela vergonha que ele me fez passar...

HILÁRIO E DINHEIRO

O suor escorre pelo corpo castanho de Mário Coluna. Ele está apenas de calção de banho. A janela aberta mostra o Tejo: mas nem uma aragem quebra o desfilar da confissão:

— Aquilo do Hilário, na verdade, deitou-me abaixo. É que eu não sabia de nada, nunca soube de nada até esse dia em que ele apareceu à porta do Estádio da Luz a pedir-me o dinheiro que tinha «empatado» num negócio comigo. Fiquei apalermado: «qual negócio?». «O que a tua mulher sabe» — disse ele. Caí das núvens. E ainda hoje nem quero acreditar: de facto, eu fui um homem que viveu enganado.

Estendo um cigarro a Coluna: «não, não fumo, nunca fumei. E vinho, só às refeições. Pelo menos enquanto estava no Benfica tinha muito tento em mim. Agora é que me deixei relaxar um bocadinho. Mas isto passa». E, respirando forte, enchendo o peito de ar, o maior ídolo de toda uma geração encosta-se ao confessionário:

— Nunca me meti em negócios: nem só, nem acompanhado. O dinheiro que ia ganhando dava à minha mulher para pôr no Banco. Ela é que tratava de tudo. Bem vê: eu andava sempre por fora, jogava no Benfica e na selecção, passava a vida em estágios ou em viagens. Treinava e jogava, jogava e treinava. De resto, nunca tive cabeça para me meter em contas, em imaginações complicadas. Jogava à bola e chegava.

«No fim de contas, ainda hoje acho tudo muito estranho. O Hilário almoçava ou jantava quase todos os dias comigo. Nunca me falou em ter dinheiro na mão da minha mulher. Uma bela tarde, apareceu num disparate medonho, gritando que tinha de devolver a parte que era do Lourenço, a parte que era do Figueiredo, a parte que era deste e daquele. Que eles todos já sabiam que aquilo era uma aldrabice: que não existia nenhum valor, nenhum prédio em construção, nenhum terreno para urbanizar. Fiquei mesmo palerma de todo, sem perceber do que é que esse tipo me estava a falar. E, olhe que eu não merecia que ele me tratasse assim, que me encobrisse o que estava a passar-se, que não viesse lealmente ter comigo a contar aquilo em que eu estava envolvido. Meteu o caso na Polícia, levou-me arrastado para uma queixa pública: e tenho de ir a Tribunal responder por uma coisa que não fiz.

Veemente, convicto, plenamente certo de estar dentro da lógica, Mário Coluna quase se descontrola e quase grita:

— Quem sabe de tudo é a minha mulher. Quem fez isto tudo foi a minha mulher. Mas eu, infelizmente, sou casado pela Igreja: e em comunhão de bens...

DESMENTIDO A PÉS JUNTOS

Acabrunhado, quase reduzido a cisco, Coluna continua, agora mais calmo, mais manso, menos assomadiço:

— A Lia, mulher do Hilário, sabe de tudo. Ela, a minha mulher e o Hilário, é que me enredaram, me atrafulharam. E ainda ele teve coragem de chegar à revista «Notícia» e dar uma entrevista! O que ele quis no fim de contas, foi propaganda para a sua festa e destruir-me em África, deitar-me abaixo em Moçambique, para eu até ter vergonha de voltar para lá. Para eu, se calhar, nem voltar para lá. Foi um malandro, não haja dúvida. Nunca conversou comigo sobre isso e passou muitas centenas de contas para a mão da minha mulher? Como é possível? Quem vai acreditar nessa história do dinheiro ser para um negócio de propriedades em que todos tinham imensos lucros para receber logo de repente? Sim: que juiz, que pessoa vai acreditar nisso?

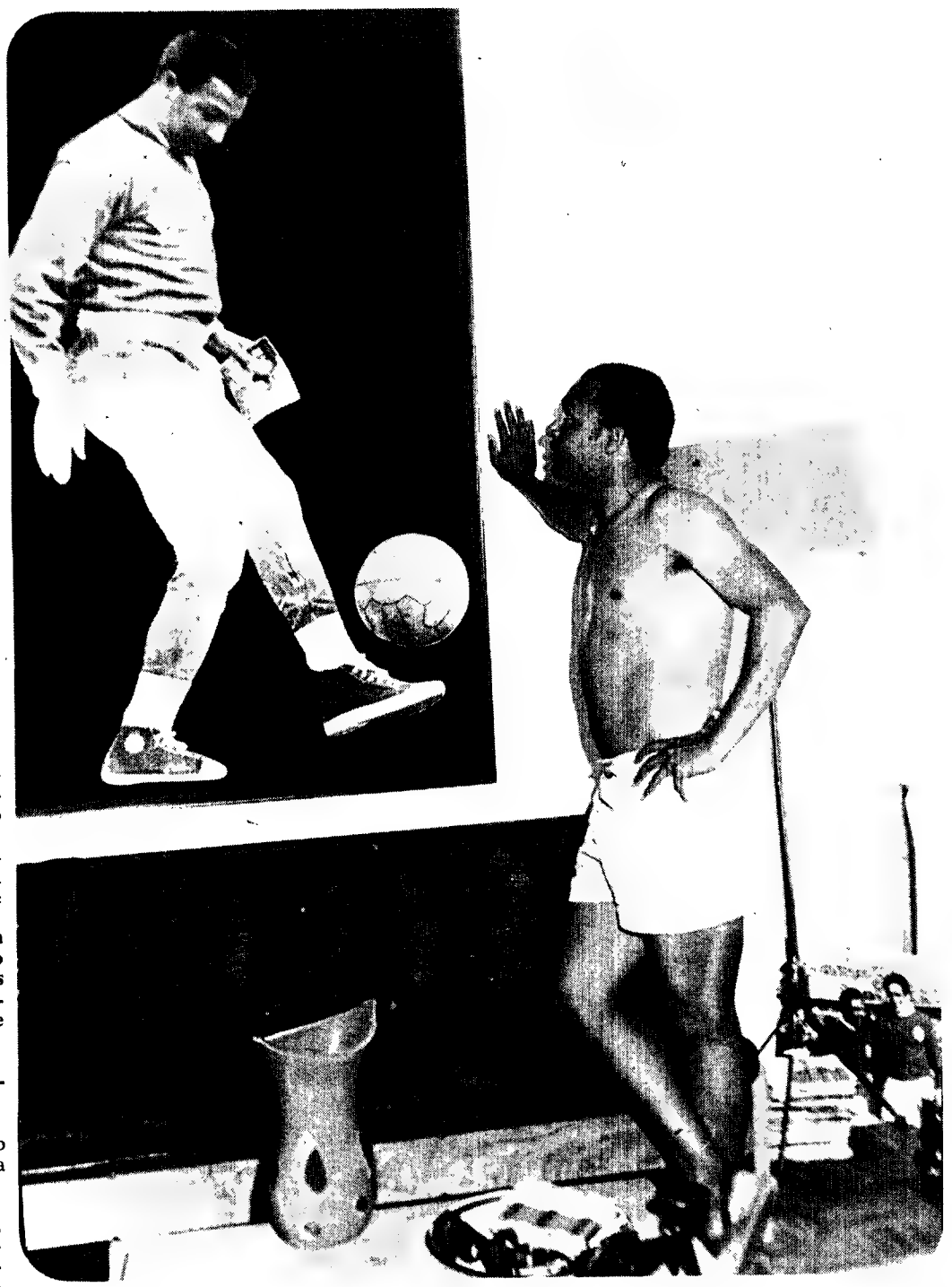
Desbobina:

Eu nem quis responder às patranhas que ele disse na «Notícia». Preferi entregar o caso ao meu advogado, ao dr. Martins Canaverde. Mas podia ter feito um grande barulho, porque eu também sei muita coisa: o Hilário sabe que eu tenho trunfos na mão, sabe que eu tenho papéis que provam que era numa especulação que eles estavam todos metidos, sabe que eu vou ao Tribunal contar o pouco que sei — mas que esse pouco vai também enterrá-lo. E está cheio de medo.

«Ele diz que teve de indemnizar o Figueiredo e o Pedro Gomes: nem sei quem eles são, mal os conheço de vista... E anda para aí a dizer que eu estava feito com a minha mulher, que a Fernanda estava a fazer isto com o meu conhecimento. Falsébio pode ter. Só as despesas andaram perto dos 400 contos: mas vieram os maiores jogadores de todos os lados. E dei-lhes um banquete no Casino Estoril. E ofereci belas prendas. Ná! Ná! Tão cedo não haverá outra igual!

Atiro uma pergunta, quase a medo: e quanto dinheiro veio para a sua mão?

— Da festa?



Dez anos de separação

Coluna dá uma gargalhada.

— Da festa? Quase nada. O Benfica pagou tudo quanto eu devia às finanças, de impostos, de coisas antigas. Limpei as dívidas todas: fiquei «teso» mas bonito...

Emendando, um pouco:

A verdade é que eu não queria que nenhum jogador do Benfica ficasse prejudicado por minha causa: e todos os que tinham contas comigo receberam o seu dinheiro, graças a essa festa.

Aí está a curiosidade do repórter a bailar: como é que o Coluna, ganhando como «estrela», devia dinheiro até a colegas? Outra vez a tal encruzilhada. Outra vez a necessidade de uma resposta:

A minha mulher, depois de muita conversa, acabou por me levar a comprar um prédio. «Olha que ainda é a melhor maneira de segurar o nosso dinheiro» — dizia-me ela. E eu confiei. Era presiso entrar com 500 contos: depois ia-se pagando o resto. Arranjei uma letra de favor, descontei-lhe o dinheiro e passei-lhe para a mão. Mas, qual prédio... Se calhar foi nesse negócio que entrou o tal dinheiro que me «emprestaram»...

Atalhei: «Coluna, você que nunca foi parvo, parece dizer agora que estava apalermado, que sua mulher era a dona da casa e você um garotinho de peito. Nunca lhe perguntou onde é que era o prédio que ela comprara? Nunca indagou para onde é que ia essa autêntica fortuna? Nunca quis saber nada?». Como um cordeirinho, o forte campeão soletra a medo:

Ela é que sempre tratou das minhas coisas: uma vez saiu comigo, mostrou-me um terreno e disse que era alí que ia ficar o nosso prédio. Acreditei. Tinha de treinar e de jogar, havia as viagens e eu, quando conseguia chegar a casa, vinha completamente arrasado. De resto, fazia tanta confiança nela...

(Fernanda, a mulher de Coluna, estava no quarto ao lado. Pergunto ao fabuloso ex«-internacional» se posso ir falar com ela. A resposta é seca, brusca, veloz:

Não. Desculpe, mas não pode. Ela já esteve entre a vida e a morte; quando andámos separados, foi para o hospital, por causa de uns comprimidos que tomou, e eu não quero ser acusado de a ter atirado para a sepultura. A Polícia, o Tribunal, isso está bem: aí tudo tem de vir ao de cima. Até lá, desculpe mas deixe-a estar para aí, sossegada da cabeça.

«A medalha de comendador deve andar por aí...»

DA GLÓRIA AO ZERO

a medalha de ouro que o Brasil só dá por grandes feitos aos brasileiros que se tornam à moda que heróis. Eu tenho-a, deve estar por aí, numa dessas gavetas. Ou talvez na outra caixa, acolá, onde tenho a comenda do mérito desportivo e muitos dos diplomas que me deram durante o tempo que joguei no Benfica e nessas selecções todas que sabe. Sim, eu já nem me lembro bem de todas: sei só que foram 60, porque o resto, quando saíram, contra quem foram, como correram as coisas, até já custa por esquecer. Um dia, que a minha filha ou a minha sobrinha tiverem interesse em saber, vão ao arquivo de um jornal; porque todos lá têm isso, não é verdade?

Muito devagarinho, encostado ao meu ouvido:

ELA PRECISA DE ESTAR QUIETA E CALADA: Não se pode afligir mais. E, ao fim das contas, o prejudicado sou eu... Deitaram-me abaixo o moral: nos campos da bola, por esse país fora, chamaram-me tudo. Tudo. Tudo, do pior. Desde vigarista a... olhe, nem lhe digo... Confiei demais na minha mulher, foi o que foi. Mas, quantos como eu não há por aí? Sim: quantos? Só que eu tive a pouca sorte de ser uma pessoa muito conhecida, sem ser das políticas ou das finanças. O mal foi esse! Mesmo que eu quisesse abafar a coisa...

ROUPA NA CORDA

Tim-tim por tim-tim, ele adianta:

— **Quem me valeu foi o dr. Borges Coutinho. Olhe que até quis acabar com a vida, sabe? As vergonhas por que passa uma pessoa, não está a ver?**

Depois, sem nexo, Coluna fala de outras coisas: da sua afilhadita (a Carla, filha de Eusébio), do gosto que teve por música brasileira («**cheguei a juntar todos os discos da Angela Maria**»), da vontade que sempre teve em acabar como jogador no Benfica («**só a falta de dinheiro é que me atirou para Portalegre**»).

E volta ao mesmo:

— **Pois é como lhe digo: o dr. Borges Coutinho até se prontificou falar com o dr. Mário Reis, que é o advogado do Hilário, mas este não aceitou o diálogo. Tudo podia ser consertado: e não foi. Acabou por vir a roupa suja toda para a corda: e, se isso me custou muito, não ficará por aqui. Ainda vai haver «lenha»...**

Sem mover um músculo, Coluna afirma:

— **Isto acabou por ser um jogo entre o Benfica e o Sporting. Eles entraram no ponto fraco: mas a gente tem de os vencer. Não houve, nunca, interesse em acordo: o que queriam era matar-me. Bem podiam ter dado um jeito: eu até já tinha pago tudo e não se viria a saber a engrenagem toda. Ainda bem que fui para França: foi um alívio.**

Numa esperança:

— **Muita gente sabe desta história, mas muita também já se esqueceu, não é verdade? Enfim: estou mais conformado...**

AS GAROTAS

Mas, um pouco adiante, Coluna é o primeiro a carregar o canhão:

Também havia aquelas dívidas das lojas, uns negóciozitos que deram para o torto...

Como foi isso?

Vem a si para se desculpar:

— **Coisas passadas, já sem interesse. Eu ainda joguei muito tempo depois disso. Mas não há dúvida que as lojas que eu queria ter, negócios diversos já se se, não pegaram. Mas isso, agora, não interessa. E a outra conversa só quem a sabe toda é a Polícia. Eu estou fora dela... E a minha mulher, no fim de tudo, se fôsse aquilo que disseram por aí, estaria em liberdade?**

Coluna paga dois contos de réis de renda mensal. A casa ainda precisa de muita coisa para se poder considerar mobilada.

Mas o campeão tem uma desculpa:

— **Aqui, em Vila Franca, fico pertinho de Lisboa.**

O combóio é alí mesmo ao fim da rua e passa de hora a hora, nem é preciso tirar o carro da garagem. Também as paredes são de medidas diferentes: não serve aqui a «tralha» que eu tinha na casa lá de baixo, de Lisboa. Isso ficou lá, está guardado. Quando fui para França ficou tudo guardado: e ainda nem tive tempo de fazer a mudança a sério. Também, não a posso fazer: a vida de um treinador de futebol é como a de um saltibanco.

A modos que tentando fazer vingar um ponto de vista:

— **Vou mesmo ser treinador. Tive já um convite do Desportivo de Lourenço Marques: não aceitei porque as pequenas ainda estudam e têm de estar por cá.**

Fala das suas garotas:

— **A Iolanda tem 18 anos: é minha filha e enteada da minha mulher. Coisas de rapaz, entende? Está no último ano de línguas, na Escola Lusitânia de Lisboa. Vive na capital porque fica mais perto dos estudos. A Lurdes é minha sobrinha. Não, não é minha filha: é só minha sobrinha, mas é como se fôsse minha filha. Tem 15 anos e vive comigo desde os quatro anos.**

Passou agora para o segundo ano do liceu. Por elas é que eu me tenho sacrificado tanto. Se não fossem elas... Ah, mas eu quero dar-lhes educação, quero que sejam umas senhoras.

Emocionado:

— **Elas não têm culpa nenhuma disto, não é? Então, pronto. O que é preciso é seguir. Andar em frente. Aqui, em qualquer lado, onde for...**

Muito animado:

— **Pois o Eusébio sempre conseguiu igualar o meu «record» de internacionalizações, mas eu nunca tive um torneio destes, como o do Brasil, com tantos jogos todos a fio, de uma assentada. Acho, por isso, que o meu máximo foi mais difícil de conseguir: e, para lá chegar, tive de passar por cima do Virgílio e do Travaços que também eram dois grandes «craques». Mas o Eusébio é sensacional. Acho justo que ele esteja a meu lado na lista dos «internacionais». Acho justíssimo. Não posso fugir à regra: tenho de o aplaudir. Mas, a verdade é que é mais fácil um avançado arranjar renome internacional do que um médio: e eu fui sempre um médio... Ele faz golos: eu defendia-os ou construía-os. Ela talvez deva a sua popularidade ao facto de ter sido o melhor marcador do «mundial» de Inglaterra. Eu, para conseguir ser quem sou, fartei-me de lutar: prá frente, pra trás, de um lado para o outro. É que, sem mim, a selecção e o Benfica parece que nem eram os mesmos. Quem diz isso até nem sou eu...**

«**Mas, note bem: não quero jogar mais. Nunca mais! Só trinar. Mais nda. Este ano andei aos chutos por engano. De resto, até estou arrependido de ter voltado a Portugal: o Benfica parece que tem o seu quadro técnico todo preenchido e eu não tenho cara nem coragem para andar por aí a oferecer-me. Se me procurarem, se o Benfica ainda me quiser, para tratar da miudagem (por exemplo) vou logo para a Luz. Caso contrário, seja o que Deus quiser. Aqui para nós: se o Benfica desse um geitinho, era óptimo: não é uma empresa comercial, pois claro, não tem nenhuma obrigação. Mas, que diabo, eu sou o Coluna, não é?**

PERSONALIDADE

O Coluna. Mário Esteves Coluna, nascido a 6 de Agosto de 1935, em Lourenço Marques. Filho de Lúcia e de José Maria. Vindo ao mundo no Alto Mahé a um passo da muralha e do mar imenso: que ele sempre sonhou atravessar um dia. O Coluna: que frequentou a Escola Católica de Santana de Munhuana, onde foi colega de Vicente e onde lhe apresentaram um Matateu já a caminho da Europa e do aplauso. O Coluna: que aos 17 anos de idade deixou a casa para ir jogar futebol nas Ilhas Maurícias, como primeira figura da embaixada do Desportivo de Lourenço Marques. Que saltou da Escola Especial lá do Alto Mahé para alinhar ao lado de Nando. Que esteve no «João Albasini», jogou boxe e foi recordista de atletismo: sem contar as suas aventuras como basquetebolista exímio. O Coluna: que saltou 1,835 em altura e inscreveu o nome na tabela, como o homem que chegara mais alto em Moçambique. Que recebia um conto e meio por cada mês de trabalho como aprendiz de mecânico de automóveis no Almoxarifado da Fazenda. Que abria as algibeiras aos 500 escudos da praxe como gratificação do Desportivo, ao fim de um mês de jogos. O Coluna: que a 22 de Agosto de 1954 chegou à Metrópole e 14 dias depois já defrontava o Futebol Clube do Porto. Que meses depois estava em todas as selecções: a 10 de Abril de 1955, na turma B; a 4 de Maio na equipa principal; a 2 de Dezembro no grupo militar.

«Quem sabe de tudo é ela: e eu confiava tanto...»

O Coluna: que mal colocou o pé no Continente (de braço dado com Costa Pereira) logo caminhou para a maior fama até então conseguida por um jogador português de futebol. Que ao lado do seu parceiro de aventura deu a volta ao mundo: jogando aqui, ali, acolá. Que conquistou dez campeonatos nacionais e outros tantos êxitos em «Taças de Portugal». Que foi campeão europeu militar. Que esteve nas «Taças Latinas» de 1956 (Milão, terceiro lugar) e Madrid (1957, terceiro posto). Que ajudou a conquistar duas «Taças dos Clubes Campeões Europeus» e em mais três caminhadas debateu o triunfo no troféu até à última. O Coluna das 60 chamadas à equipa das cinco quinas: que desde a sombria tarde de Glasgow (1955), contra a Escócia, defendeu a camisola mais apetecida perante a Suécia, a Itália, a Espanha, a Inglaterra, a Suíça, a Alemanha Oriental, a França, a Alemanha Ocidental, a Jugoslávia, o Luxemburgo, a Argentina, o Brasil, a Bélgica, a Turquia, a Checoslováquia, a Roménia, a Noruega, a Dinamarca, o Uruguai, a Hungria, a Bulgária, a Coreia do Norte, a Rússia, a Grécia. Que marcou golos à Alemanha Oriental, ao Luxemburgo, ao Brasil, à Turquia, À Grécia. Que foi um dos gloriosos «magriços» da campanha britânica.

O Coluna das coisas simples: que nas entrevistas não se cansava de repetir que gostava de bifes, de batatas fritas, de laranjas, de filmes de acção, de andar de avião, de bolos, de ver TV...

O Coluna das recordações brilhantes: todas as medalhas que um desportista pode conseguir em Portugal e até algumas que foram criadas só para premiar campeões como ele. Que tem a «Ordem do Infante D. Henrique» e recebeu o título de comendador.

O Coluna: que em 1959, na festa de aniversário do seu colega Chipenda, conheceu a angolana Maria Fernanda Chaves e com ela casou pela Igreja a 21 de Setembro de 1960.

ARQUIVO

— **Eu sou o Coluna, não é?**

Levanta-se e vai a um canto da sala. Estende os braços até uma caixa enorme de cartão e abre-a. Então, como de um fosso de mágica, começam a saír de lá punhados de medalhas, dezenas de placas com inscrições de apreço, centenas de distintivos e um ror de pequenas lembranças de outras tantas batalhas contra o apupo e contra o assobio. De longas guerras vencidas ante a admiração de milhões.

— **As faixas de campeão estão nesta gaveta. Mas, é claro, com a minha vida em bolandas não consigo ter aqui tudo. Veja, veja... Esta fita de seda foi-me dada em 1955, pelos portugueses do Brasil: que eu sou lá muito querido. Esta faixa foi entregue aos campeões nacionais pelo Beira-Mar, em 1967: o Benfica tem grande «cartel» em Aveiro. Esta outra, que diz respeito ao campeonato da Europa de 1961, foi oferecida pelo Belenenses: onde tenho amigos aos montes, quase tantos que nem têm conta. Vê esta bola? Rebolou na festa da minha despedida, está autografada por todas aquelas vedetas que vieram jogar ao Estádio da Luz e tem um valor inestimável. Mas já não tenho paciência para arrumar estas coisas todas: eu tinha centenas de galhardetes e já nem me lembro por onde andam, eu tinha uma data de gavetas só com camisolas de selecções internacionais e clubes que defrontei e tudo isso ficou lá para Lisboa, ao cuidado de umas pessoas amigas. Eu tinha uma colecção de emblemas que toda a gente cobiçava e já lhe perdi o conto. Olhe que eu até tenho bom motivo. Chamavam-me «ronha» porque eu sabia segurar o jogo: afinal é isso que o Simões aprendeu comigo, que o Jaime Graça também sabe fazer, que o Eusébio faz quando recua para o meio-campo mal a gente consegue um golo em boa altura. Verdade: eu não sabia inventar. Tratava os árbitros com educação: fazia-lhes ver como deviam ser as coisas, sempre a favor do Benfica ou da**

EXEMPLO DE «CRAQUE»

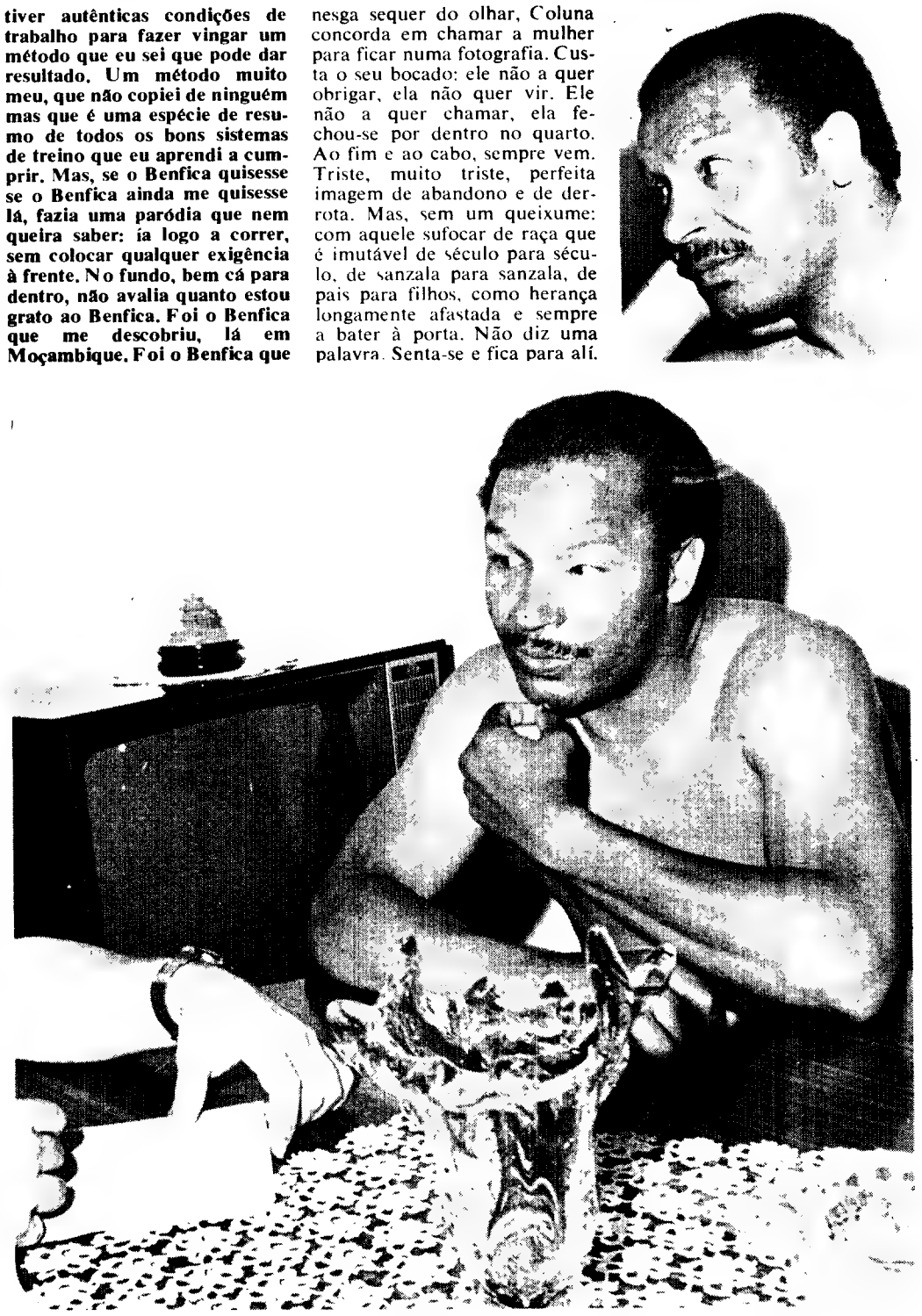
Encosta-se a uma grande fotografia que representa o «capitão» em fato de treino, abraçado com a bola. Fica a contar:

Estou a lembrar-me de uma coisa engraçada. Se tivesse tido um filho da Fernanda, talvez nada de mau nos tivesse acontecido. As pessoas entretêm-se (não é?) deixam de pensar noutras coisas. Ficam mais juntas, é o que é. Se tivesse um miúdo, olhe que tinha feito dele um jogador como eu. Nunca virei a cara à luta. Nunca fingi que estava aleijado para me desculpar perante os sócios do Benfica de ter falhado uma jogada. Nunca me atirei para o chão sem motivo, mesmo sem um

Não dizem uma palavra

Sem um mínimo de ternura

«Rebolou na minha festa de despedida...»



«Sim: fui um homem enganado...»

selecção nacional. Mas, se os influenciava, a culpa não era minha... Mesmo quando havia um problema entre qualquer colega meu e o adversário, eu era sempre o primeiro a pôr água na fervura. Ninguém pode garantir que eu o tenha prejudicado: ou que alguma vez tenha atingido de propósito quem quer que seja. Também não quero passar por santo: havia sempre muito dinheiro em jogo, a selecção ou o Benfica nunca podiam perder, os pequenotes agigantavam-se contra a gente e os «colossos» vinham sempre com a ideia de nos deitar abaixo. Mas eu sempre dirigi bem a rapaziada: tirando um ou outro que era mais «galito», que grimpava um bocadito mais ao princípio de me conhecer, nunca tive problemas.

É que eu dava o exemplo. Não me poupava. Lutava até não poder mais. Esquecia-me do dia de amanhã, para me entregar de alma e coração ao jogo que fazia em cada jornada. Talvez tenha estoirado cedo demais, mas não fico triste nem arrependido por isso: tenho a certeza que um dia, se precisar delas, ainda tenho pessoas amigas que não vão fechar-me a porta na cara. Tenho a certeza... mas ficarei com muita pena se, por qualquer coisa de pior ainda, tiver de ir aborrecer os meus conhecidos dos bons tempos.

MERGULHO ENTRE PRESENTE E PASSADO

Conta que a filha passa muitas tardes ao lado de Flora, a mulher de Eusébio. Que Santana, ex-«europeu» ainda aos chutitos lá no Freamunde, sempre que pode dá uma escapada até perto de Coluna e vem recordar as glórias passadas. Conta que quer vingar como técnico de futebol:

— **Tive os melhores mestres do mundo. Aprendi coisas que poucos treinadores sabem. Tenho uma bagagem cheínha de tudo o que é futebol: só que ninguém, o Herrera, o Gutman, o Otto, ninguém pode pegar no Estrela de Portalegre e fazer milagres. Aí é que foi o meu erro, o erro de todo o tamanho: vir enterrar-me alí, no meio daquela boa gente que sonhava que pelo simples facto de estar lá o Coluna logo cairia do céu um título de campeonato.**

«Boa gente, sim senhor. Mas, com mais sonhos na cabeça que realidades. E os campeonatos não se podem conquistar só com conversa. São precisos jogadores e dinheiro para pagar a esses jogadores. Pois se há grandes clubes, com grandes jogadores, que nunca conseguem chegar ao pé dos títulos, porque raio de coisa é que tinha de ser comigo que o Estrela ia ser famoso?

BENFICA É SAUDADE

A vida, daqui para a frente:

Vamos lá a ver. Pessoas do Algarve têm andado a perguntar-me se eu quero ir para lá, para treinador de um clube da segunda divisão. Pois claro que vou, pois claro que aceito: se a proposta for decente e eu tiver autênticas condições de trabalho para fazer vingar um método que eu sei que pode dar resultado. Um método muito meu, que não copiei de ninguém mas que é uma espécie de resumo de todos os bons sistemas de treino que eu aprendi a cumprir. Mas, se o Benfica quisesse se o Benfica ainda me quisesse lá, fazia uma paródia que nem queira saber: ia logo a correr, sem colocar qualquer exigência à frente. No fundo, bem cá para dentro, não avalia quanto estou grato ao Benfica. Foi o Benfica que me descobriu, lá em Moçambique. Foi o Benfica que me lançou. Foi o Benfica... tudo!

Impante:

— **Mas a verdade é que eu também dei sempre tudo quanto podia ao Benfica. Os directores, os treinadores, os meus colegas, os sócios sabem isso mesmo. Não devem ter esquecido, pois não?**

ADEUS

Sem aliança no dedo, sem carinho na fala, sem um mínimo de indesmentível ternura numa

O ídolo, hoje

calada, absorta, distante do tempo e da história. Fica a fotografia como lembrança de um acaso. Nada mais.

E, já no corredor, a única frase:

— **Desculpem. Desculpem. Não tenho aqui nada que possa oferecer. Não temos aqui nenhuma bebida.**

Repisa, como se não se tivesse escutado bem:

Isto está tudo por arranjar. Não tenho tido cabeça para nada. Os senhores vieram em má hora...

Desculpe, leitor: eu não desejava, mas você insistiu. Quis ler, quis saber, quiz voltar a conhecer aquele que foi (na recordação do Mundo) o patrão da equipa portuguesa de futebol. O nome maior de toda uma geração de craques, de ídolos, de figuras já quase lendárias: que não podem ficar como Coluna, na berma da estrada, marginalizados por uma sociedade que os absorveu.

Culpado?

Inocente?

Falso?

Verdadeiro?

Sofisticado?

Verdadeiro?

Seja o leitor o próprio juiz. Mas, funcione em consciência. Puxe pelos factos, avive a memória, recorde as páginas de livros muito folheados.

Isso: pense com calma.

Sem se deixar arrastar pelo dó fácil ou pela comiseração da esmola de olhos cerrados.

Sem se enredar nas mil teias que prendem, como garras frágeis, uma vida ao tecto do calendário.

Exacto: julgue sem influências.

Se me permite, porém, apenas um pequeno nada: Coluna pode acabar assim? Seria uma lástima, meus amigos, todos nós virarmos o rosto até uma imagem mais bela, desprezando aquele que encheu horas e horas de delírio nos estádios de todas as cordenadas.

Não: pelo muito que o futebol português lhe deve, pelo muito que o Benfica guarda como seu património, esta não pode ser.

A DERROTA DO MAIOR

DESPORTOS — DL/DOMINICAL

SPORTING E BENFICA: POR DÓLARES HÁ BOLA

Termina hoje, em Foxboro, a real caçada ao «dólar» empreendida pelo Sporting e pelo Benfica, perseguição que esteve muito comprometida a meio da semana mas que ao fim e ao cabo, se concluirá para alegria dos tesoureiros dos dois clubes. Com este episódio de fita americana o Sporting arrecada 800 contos (mais coisa menos coisa) e o Benfica cerca de um milhar. O que é importante para quem precisa cada vez mais de dinheiro: dinheiro para alimentar as paixões do futebol ao nível a que chegaram. O que é importante também, se lhe acrescentarmos igual soma de dólares recebida pelo primeiro jogo, terminado com um empate (a gosto do árbitro e dos organizadores) para que ninguém ficasse aborrecido.

As duas equipas têm procurado minorar a espera de oito dias ocupando o tempo a treinar, a passear e a tomar banho nas belas e frescas piscinas dos motéis onde se instalaram. Neste pormenor, a actividade do Sporting tem sido mais intensa: sobretudo no campo, pois Allen está no início da preparação para a nova época e tem de aproveitar o tempo para afinar os músculos e para estruturar um conjunto onde vão registar-se várias mudanças de nomes, jogadores e posições. Em especial no que toca aos defesas laterais:

Néné: pequena divergência sobre «massas»

Carlos Pereira e Manaca estão a ser especialmente «mentalizados», nada admirando que no regresso as duas posições lhes pertençam.

Com o Benfica, a situação é algo diferente. Saturados de futebol, repletos de êxitos e emoções ao longo de uma época extraordinàriamente animada, os jogadores do Benfica desejam acima de tudo, férias urgentes. Isso não quer dizer que Hagan mande os seus pupilos descansar. Longe dessa ideia (até) dirige os treinos com a aplicação da época inteira. Só que visando mais manter a equipa em condições de averbar hoje a vitória que, no domingo passado, lhe fugiu por asneiras do trio de arbitragem: nomeadamente ao

Peres: questão de milhão e meio de escudos

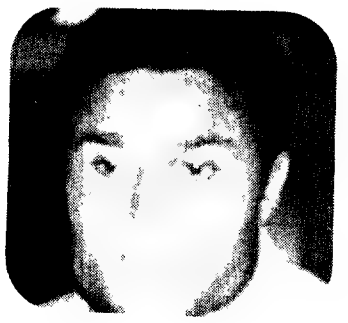
inventar um «penalty» que mais ninguém viu.

Paralelamente a estas actividades desportivas propriamente ditas, outras (não menos importantes) de ordem administrativa estão a ser prosseguidas pelos dirigentes: a renovação de contratos com os elementos renitentes em assinar e seguros do seu valor para discutir preços.

Assim, no Sporting, Carlos Pereira já chegou a acordo com o clube, enquanto Peres se mantém intransigente no pedido de uma verba justa (em seu entender) e que ronda os quinhentos contos anuais, num contrato de três anos. Há mais o caso de Dinis, mas esse resolve-se em Lisboa.

No Benfica, também há um caso «bicudo» e outros de menor significado. Nené não baixa a verba pedida à direcção do clube e o caso arrasta-se, possìvelmente até que em Lisboa os comandos máximos dos «encarnados» encontrem a solução desejada.

Com tudo isto se ocupa a imaginação dos adeptos que, a milhares de quilómetros, são capazes de levar a sério (em termos desportivos) o que não passa de uma pesca ao dólar num circo futebolístico muito bem pago. Mais resultado menos resultado, mais vitória menos vitória, o que conta são os dólares. E esses rumam a Lisboa já, amanhã, na bagagem dos «leões». E, na terça-feira, com os benfiquistas.



EUSÉBIO

Começou como todos, ou quase todos: pé descalço e sola no chão. Começou. Deu nas vistas. Acabou por vir, como alguns — passe no bolso, fato domingueiro. Desembarcou.

Esteve quase um ano sem jogar: papéis na secretaria. A gente à espera. Acabou por saír. No primeiro jogo oficial marcou (que me lembre) três golos ao Zé Pereira, com o Vicente à perna: biqueira de 30 metros e o Zé de olhos na lua.

Jogou e marcou. Chutava. Fugia. Fazia lembrar uma gazela assustada. Meteu o nome em letras grandes nos jornais. Primeiro aqui — depois na Europa, antes do mundo.

Chamaram-lhe nomes. Monstro, Pantera. Príncipe. Comeu de tudo.

Aceitou tudo. Foi luz em olhos de cegos, força no corpo de raquíticos. Correu e marcou.

Fez saltar as telefonias. As delícias dos pobres de espírito. Maravilhou os entendidos. Convenceu os cépticos. Encheu os cofres aos tesoureiros.

Casou com Dona Flora.

Pediu o que lhe era havido e ouviu mais nomes: ingrato, mau filho, preto, degenerado.

Encantou Londres.

Chutou e marcou.

Chorou.

Voltou a correr. Foi ao Parque Mayer e sentou-se na 1.ª fila, de gravata, fato claro e camisa castanha.

Foi cantado nas revistas. Chorado nas modistas. Endeusado nos estádios.

Foi figura nacional.

Foi rei em terra republicana.

Atacado. Marcado. Maltratado.

Ficou feito num feixe. Espetaram-lhe agulhas nos joelhos como se fossem melancias. Nas pernas podem ler-se-lhe as cicatrizes como os rios num mapa.

Feito mito, exploraram-no até ao último tostão de sangue. Venderam-no pelos títulos dos jornais. Pelos jogos internacionais. Trouxe o nome nos contratos. Ocupou horas na rádio. Deu para tudo.

É por isso que não pode morrer tão cedo. Ninguém deixa. Os que são e os que não são — ninguém pode já viver sem ele. Se tivesse sido empregado de escritório era o sr. Ferreira, ou só «o Ferreira» — assim, feito deus, tem direito ao tratamento pelo primeiro nome: chama-se Eusébio.

COLECTIVIDADES POPULARES

DESPORTIVO DE SETE RIOS: NOITE MOLHADA, DANÇA PARADA

Texto de ALEXANDRE PAIS

Problemas, problemas, problemas...

O Clube Desportivo de Sete Rios é mais uma daquelas colectividades condenadas pelos novos planos de urbanização. Com isto não se quer dizer que o rasgar de novas avenidas e o consequente arrastar de camadas sociais sem espírito associativo (julgam-no talvez dispensável...) seja a razão do enfraquecimento progressivo de certos clubes populares. Nem tão pouco a mudança (para locais menos acessíveis) de muitos dos seus associados, atingidos pela demolição de prédios bem castigados pela dureza do tempo, justifica, por si só, o estado de abandono em que se encontram as gremiações de bairro. as culpas pertencem a quem devia ze lar e não zela, a quem devia apoiar e não apoia, a quem devia conhecer e ignora. As culpas pertencem (vamo-nos enganar assim) um pouco a cada um de nós que, pela indiferença tomada em relação à colectividade da zona onde vive, contribui, de forma irreparável, para a referida **situação de abandono** Claro que o rítmo da vida, o «stress», a necessidade de e-tal-ecoisa-vocês bem me compreendem, faz com que seis horitas para dormir ainda pareçam demais Cá teremos a paga de todo esse esforço, é bom não esquecer.

Pois, como íamos a dizer, o Desportivo de Sete Rios atravessa período bem grave duma existência de 40 anos (foi fundado em 31 de Janeiro de 1932). Com cerca de centena e meia de sócios a pagarem 7$50 por mês e uma despesa fixa de 1500 escudos no mesmo período de 30 dias, já começa a balança e pender para o lado do «Deve». Mas isto não é nada, diga-se assim à laia de abertura, que o melhor, o fino, ainda está para vir.

No gabinete da direcção (esta do **gabinete** também é valente, não haja dúvida) instalado nos fundos do palco, onde (como se calcula) teatro é coisa que não há, reuniram-se dez elementos para nos (prestarem informações necessárias. Directores, pessoas da «alta» lá do «Sete Ris», não eram todos, com certeza. Mas eram alguns e desses identificámos o sr. Anselmo Vaz, empregado de escritório (que ali faz de presidente) e o sr. Vítor Rodrigues, vendedor (e 2.º secretário nas horas vagas), por sinal os mais faladores. Então, a páginas tantas, vai daí e diz-nos um deles:

«A antiga sede era propriedade do clube e tinha um campo onde se praticava o basquetebol e o voleibol. Há cerca de 18 anos a direcção da colectividade, vá agora a gente saber porquê, cedeu aquelas instalações à firma C. Santos para esta lá fazer um parque de automóveis. Em troca, recebeu este casarão (pelo qual paga de aluguer 500 escudos mensais, é preciso que se note) e 17 contos em dinheiro. Como nas obras que teve de fazer aqui (isto era a cantina do C. Santos) gastou 19 mil escudos, veja lá o rico negócio que esses senhores fizeram.»

Bem: é necessário tomar sentido que negócio só existe entre um negociante e um curioso. Negociante com negociante não faz negócio, faz fransferência). Continuando:

«Eesses 19 contos foram pagos à medida que as obras se iam fazendo. Recebeu-os o pedreiro «treca malareca», ainda me lembro. Hoje, temos a sede neste estado e para obras nem um «chavo». As outras instalações é que eram boas: até boxe lá havia!

Sobre as actividades desportivas:

«Neste momento (e a nível oficial) não temos nenhuma modalidade. A equipa de futebol disputa a «Taça Diário Popular» e a de ténis de mesa entra no «Torneio Popular» da Associação de Lisboa. Mas, tudo a nível amador. Formámos agora uma Comissão para estruturar e fomentar o desporto na colectividade. As dificuldades financeiras são bastantes e as ajudas nulas. Uma modalidade que goataríamos de poder manter era o minibasquetebol. Sim, porque o clube já teve grande incremento desportivo. Havia ciclismo, voleibol, atletismo, basquetebol, campismo e também corridas de burros em que por diversas vezes fomos campeões».

Das actividades culturais:

«Tivemos um grande grupo cénico que se extinguiu, já lá vão bastantes anos. Ultimamente, fizeram-se várias tentativas no sentido de recomeçar, mas sem êxito. Há muita falta de gente. O bairro está sempre a diminuir. Dantes havia outra animação: a marcha de Sete Rios era aqui organizada. Chegámos a obter um 2.º lugar. Depois a Câmara deixou de dar dinheiro e continuámos por nossa conta. Só os fatos é que eram emprestados pelo Vasco Morgado».

Mas o que é que o Clube Desportivo de Sete Rios já fez, para lhe serem concedidos os subsídios com que sobrevivem os outros clubes populares?

«Ninguém quer saber disto para nada. Todos os anos, por altura da sessão solene comemorativa do aniversário da colectividade, convidamos o presidente da Junta, o pároco da freguesia e um representante do Governo Civil. Desculpando-se (ou não dizendo uma palavra sequer) o resultado é o mesmo: não aparece ninguém. Nem um apoiozito da Federação Nacional das Colectividades de Cultura e Recreio que todos os meses nos leva 40 escudos sem que daí nos venha qualquer proveito...»

As fontes de receita:

«Vamos buscar algum dinheiro ao bufete e aos bailes, mas é coisa de pouca importância. Isto não tem condições: de Verão, não podemos realizar os bailes por causa do calor; no Inverno, o telhado mete tanta água que parece um passador. Então lá vão os directores de baldes na mão a pedirem às pessoas o favor de se desviarem... Estamos fartos de reclamar para o «C. Santos»: que sim senhor, que podemos ficar descansados, que o problema vai ser resolvido... Tretas!

Volta atrás:

«Já para os estatutos serem aprovados foi o cabo dos trabalhos. Estivemos dez meses à espera, sem sequer podermos abrir a televisão. Sede aberta, só para limpezas. E se isto era frequentado... Uma noite veio cá o sr. Otto Glória fazer uma palestra. Agora gostávamos de cá trazer o sr. Meirim. Mas, com a casa neste estado...»

Afinal, para que servem as colectividades populares?

«Tem muitas utilidades, mas uma é a principal: tirar os jovens do vício das tabernas».

A conversa já ia longa: e o que ficou dito basta para confirmação do que é certo e sabido. Por este continuar, pouco faltará para a oração fúnebre dos clubes, dos nossos bairros. Mais ano menos ano (e a exemplo do que se verificará noutros locais) poderá ver-se na porta do n.º 235 da Estrada de Benfica um letreiro, pequeno que o espólio era de valor reduzido, com os dizeres do recolhimento póstumo: **aqui jaz o Clube Desportivo de Sete Rios. Sosseguem contudo as consciências em desalinho: os que, indiferentemente, o levaram à morte, comovidamente, lhe rezarão por alma.**

PAPÉIS DECORATIVOS
PARA
REVESTIR PAREDES
GRANDE BAIXA DE PREÇOS
Rolos para todos
desde ESC. 60$00
Padrões modernos, cores inalteráveis e laváveis.
Av. João Crisóstomo, n.º 10-B
(Lado Casa da Moeda)

Uma bola no Buraco

TEXTO DE JOSE ANTONIO SARAIVA

CADA UM FALA DE SI E O SELECCIONADOR FALA DE TODOS

PORTUGAL:

Aos primeiros minutos da próxima quinta-feira, começa em La Coruña a grande aventura destes homens encarregados de defenderem o prestígio do hóquei em patins português: tendo como primeiro adversário a Alemanha, eles vão tentar tudo para terminarem o dia 5 de Agosto com o sorriso estampado no rosto. Vinte e cinco anos depois da conquista do primeiro título mundial, «sabia» bem a reconquista do ceptro máximo da modalidade. Entretanto, aqui ficam as histórias de cada um, bem como o que de cada um pensa o seleccionador nacional Guilherme Rodrigues.

ORLANDO DIAS AGUDO no «Mundial» da Corunha

RAMALHETE

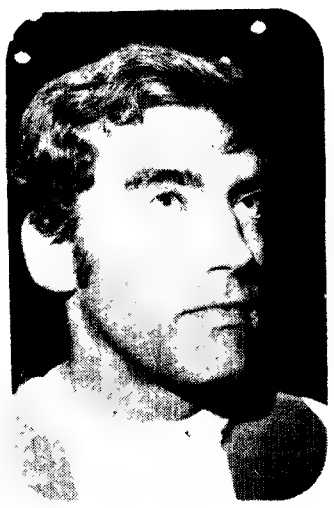
Chamo-me António Ramalhete e desde os 12 anos que jogo no Benfica. Fui por diversas vezes campeão de juniores, juvenis e séniores, tendo estado afastado do meu clube de sempre durante dois anos: foi quando estive a cumprir o serviço militar em Angola, onde alinhei pelo Sport Luanda e Benfica. Uma vez regressado, tive a satisfação de ser «internacional» e campeão europeu. Agora estou com esperanças de conseguir o título máximo, na Corunha.

Ramalhete é, juntamente com Vitor Domingos, o melhor guarda-redes do hóquei em patins português. Como todos os jogadores, tem virtudes e defeitos, acontecendo que troca com Vitor Domingos essas virtudes: isso significa que um e outro se completam, pormenor que ajuda muito um seleccionador. Segundo as características dos adversários, poderei escolher um ou outro, sem recear pontos fracos. Ramalhete parece-me um pouco vulnerável nos remates feitos de longe e por alto. Jogará (portanto) contra as equipas que mostram tendência para transportar a bola até à nossa área, onde ele é rei e senhor.

VICTOR DOMINGOS

Chamo-me Vitor Manuel Piedade Domingos, e nasci em Sintra no ano de 1940, tendo-me iniciado na prática do hóquei exactamente no clube mais representativo da minha terra. Quando tinha 23 anos, ingressei no Desportivo da Cuf, clube que ainda hoje represento. Ao longo da minha carreira já fiu por três vezes campeão do mundo, por cinco campeão da Europa e, por quatro, campeão latino. Internacionalizações? Tenho cerca de 140.

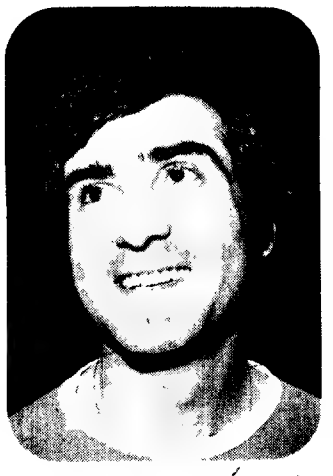
Se eu tivesse um único guarda-redes para esta selecção, e ele se chamasse Ramalhete, desejaria ter outro que reunisse as características de Vitor Domingos. Pois eu tenho Vitor Domingos: ao contrário de Ramalhete, ele é muito seguro nos remates de longe, sendo por isso o guardião indicado para determinados adversários. O facto de eu dizer que é muito seguro nos remates de longe não significa que o não seja nos remates de perto: só que nestes Ramalhete oferece mais confiança.



REIS

Nasci em Lisboa, a 14 de Dezembro de 1937, e o meu nome completo é Eugénio Mendonça Reis. Oficialmente, jogo hóquei em patins desde 1953, ano em que representei o Paço de Arcos. Três épocas depois, em 1956, portanto, transferi-me para o Sporting, onde ainda me mantenho. Já fui «internacional» por 21 vezes, tendo marcado, nesses jogos, 3 golos.

Reis é o defesa ideal para qualquer equipa de hóquei: porque inspira confiança, porque é duro mas leal, e muito difícil de ser passado. Além disso, contraria a tendência actual do defesa se transformar em médio; o que em certas ocasiões é muitíssimo útil. Mas, acresce um pormenor: Reis é dono de um remate fortíssimo, e ele está mentalizado para o utilizar na Corunha. O mais extraordinário de tudo é a sua disciplina: em pleno ringue, ele não esquece nunca as indicações dadas e procura cumpri-las o melhor possível.



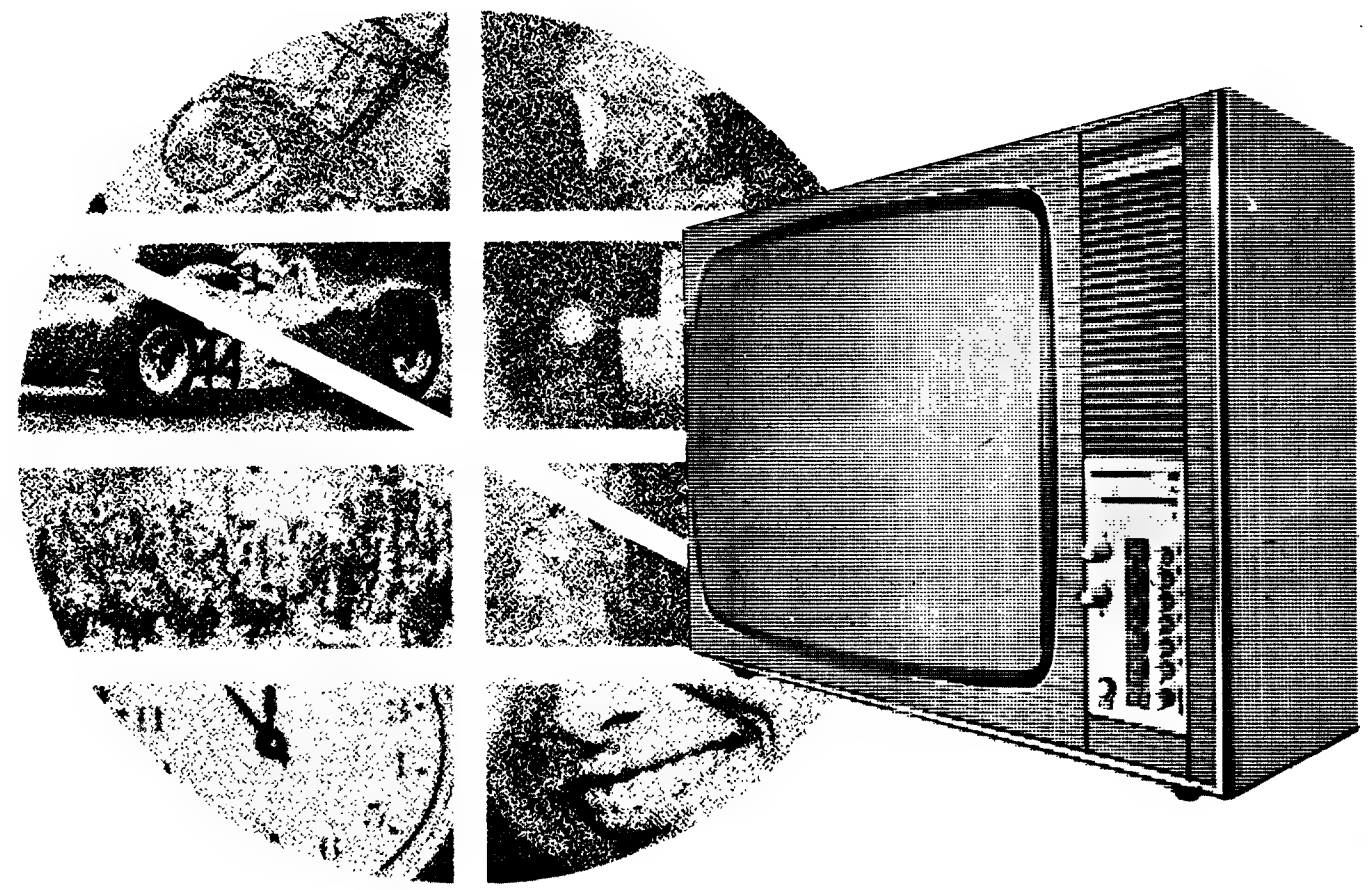
GARRANCHO

. Chamo-me Carlos Alberto Garrancho Gomes e sou natural de Lisboa, mais pròpriamente do bairro de Alfama. Represento o Sport Lisboa e Benfica: e ao seu serviço já conquistei diversos campeonatos regionais e nacionais. Pela selecção nacional apenas disputei o ano passado o campeonato europeu, que venci. Agora, integrado nesta selecção que vai à Corunha, estou pronto a dar o meu contributo para a reconquista do título que todos desejamos.

Garrancho poderia ser aquilo a que eu chamo «o grande mandão do ringue». Tem uma invulgar envergadura e uma raras características de patinador. Todavia, ainda não acreditou nas suas reais possibilidades. Já lho disse por diversas vezes, mas ele continua a não confiar em si próprio. Espero que os ares da Corunha o ajudem a ganhar mais confiança, pois velocidade e poder de remate não lhe faltam. Já é útil à nossa equipa, mas se se operar o milagre da crença, netão será quase indiscutível num conjunto de indiscutíveis.

RENDEIRO

Tenho 29 anos de idade, e o meu nome completo é Júlio Américo de Sousa Rendeiro. Nasci para o hóquei em patins no Infante de Sagres, já lá vão 18 anos. Nesta altura, por deveres profissionais, vim para Lisboa: e escolhi o Sporting para o representar. Tenho o curso de engenharia e no campo desportivo já fui campeão europeu de juniores, duas vezes campeão da Europa de séniores e uma vez campeão do Mundo. Igualmente ganhei alguns torneios de Montreux,



televisores
KÖRTING

Num mundo em que a informação audio-visual adquire cada vez mais importância...
Körting oferece:
– Imagem perfeita e contrastada
– Reprodução de som excelente
Veja o seu programa preferido nas melhores condições: veja-o num
KÖRTING

KÖR–02

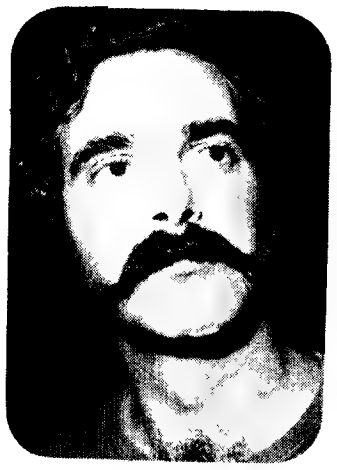
DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL · LISBOA · PORTO

HÓQUEI EM PATINS: CAMPEONATO MUNDIAL DE ESPANHA

DEZ HISTÓRIAS DE ESPERANÇA

tendo feito parte, também, de uma selecção mundial.

Se tivesse necessidade de «inventar» um «capitão» ideal para a selecção portuguesa, idealizaria Júlio Rendeiro. O seu toque de bola, a sua visão dos lances, o seu espírito de luta e a capacidade de comunicação com os colegas (a par do seu invulgar indice intelectual) transformam-no no «capitão» tranquilo e vibrante que faz sempre falta numa selecção. Não há dúvida: ele é o timoneiro ideal do «cinco da esperança».



SALEMA

O meu nome completo é Francisco José Cardoso Meneses Salema, tenho 27 anos de idade, e comecei a jogar hóquei em patins no Colégio dos Maristas, tendo passado para o Sporting (onde joguei durante oito anos, nas categorias de juniores e seniores) e ingressado no Oeiras no ano de 1968. Regressei em Setembro último do Ultramar, depois de cumprido o serviço militar, tendo sido campeão de juniores ao serviço do Sporting, campeão do mundo de seniores (em 1968) e vice-campeão da Europa no ano seguinte.

Salema é para mim um autêntico «senhor» a jogar hóquei em patins. Não corre, não vai ao choque, não participa nos grandes remates: como não entra nas defesas muito fechadas. Mas, paradoxalmente, está em todas estas jogadas. Além disso, é o jogador português que melhor sabe contrair as defesas organizadas em quadrado: penetrar dentro delas com a bola, e saber desfazer-se dela como desfazer o quadro, será a sua melhor virtude. Ainda estou para perceber como é que ele consegue isso mas a verdade é que acontece. Trata-se de um excelente estratego, um óptimo jogador ofensivo, constituindo a grande «arma secreta» da nossa equipa.

CRISTIANO

Nasci há 21 anos (na cidade do Porto) e o meu nome completo é Cristiano Joaquim Marques Trindade Pereira. Iniciei-me na prática do hóquei em patins no F.C. do Porto, único clube que conheci até hoje. Fui duas vezes campeão europeu de júniores, e fiz parte da selecção que o ano passado conquistou, em Lisboa, o título europeu

Dá-se um caso curioso com Cristiano: se ele tivesse progredido o normal (desde 1968 até hoje) não tinha ninguém igual a si. Nesse ano, em Vigo, no torneio europeu de iuniores, advinhei-lhe um futuro repleto de sucessos, porque desde já era notória a sua habilidade no manejar do «stik», e era dono de uma imaginação fora do vulgar. Cobria a bola como ninguém e foi, por isso, uma das figuras mais destacadas desse campeonato. O ano de 1970 foi para ele uma encruzilhada infeliz. Não digo que tenha perdido qualidades, mas a verdade é que pouco ou nada progrediu. Apresentou-se esta época em forma precária, mas conseguiu recuperar. Agora, é um jogador que faz falta à selecção.

LIVRAMENTO

Nasci em S. Mansos, uma linda povoação perto de Évora, tendo iniciado a minha actividade de hóquista no Futebol Benfica. Curioso que, antes de abraçar esta modalidade, treinei futebol no Benfica, no tempo de Valdevieso e de Simões. Jogo hóquei no Benfica há cerca de 15 anos, tendo já ganho quase todos os títulos possíveis: 6 vezes campeão nacional, 5 campeonatos da Europa e 3 do Mundo, além de vários Torneios de Montreaux, só me faltando o título de campeão da europa, por clubes. Mas, um dia, esse título virá...

Livramento é o «mágico da bola»: para toda a gente e para mim também. O melhor jogador do mundo, sem sombra de dúvida: mas, apesar disso, dono de uma humildade pouco vulgar em jogadores da sua craveira. Quando chega o momento de treinar, ele emprega-se com a mesma vontade e a mesma determinação, como se tratasse de um jogo decisivo. Tem defeitos: e o maior é a insistência em praticar um «dribling» que não resultou à primeira. Então, volta atraz, recupera o domínio do esférico e tenta de outra maneira. É esta segunda tentativa que lhe empresta a fama de individualista. Mas, para a Corunha, ele esqueceu essa «obrigação» moral. E vai mostrar a todos porque é considerado o melhor jogador do mundo.

CHANA

O meu nome completo é Vitor Manuel Santos Carvalho, nasci no Monte Estoril e estreei-me no hóquei em patins na Juventude Salesiana. Este ano transitei para o Sporting Clube de Portugal. Ao serviço do meu primeiro clube fui campeão de iniciados, juvenis e juniores, tendo igualmente feito parte da turma portuguesa que venceu o torneio europeu de juniores. Como sénior, esta é a minha primeira internacionalização, o que significa que irei empenhar-me para não desmerecer a confiança em mim depositada.

Ter na nossa equipa um jogador como Chana é raro privilégio: porque ele é um esquerdino natural, dos poucos que existem no universo do hóquei. Qualquer treinador, qualquer entendido, sabe o que significa o adversário ter um esquerdino natural: não há defesa que o consiga deter, pois quando julga que ele vai receber um passe por um lado, ele fá-lo pelo outro, sem hipóteses de recuperação. Mas, além dessa qualidade natural, Chana tem outra: é hábil, aliando esta particularidade ao facto de ser imaginativo. Um contra: a sua pouca experiência. No rinque da Corunha ele vai brilhar como poucos, sendo só de desejar que não diga tantas vezes «não» na luta com os adversários duros.

BARROS

O meu nome completo é Luis Domingos Gonçalves de Barros, comecei no hóquei em patins no Clube Dramático de Cascais, clube que é ainda o que me empresta a camisola para jogar. Já fui (por diversas vezes) campeão regional, tendo igualmente feito parte da equipa do Dramático que venceu o Campeonato Nacional da 2.ª divisão.

Se eu tivesse de escolher uma única palavra para definir Barros, escolheria «equilíbrio». Na realidade, ele e o protótipo do jogador regular, que não conhece «noites sim» ou «noites não». É pendular, hoje igual a ontem e a amanhã. Além disso (como se já não bastasse) tem um sentido único e rectilíneo da baliza, sendo por isso terrivelmente prático quando é dono da bola. Tem inúmeras vantagens podermos contar com um jogador com as suas características. Por isso ele vai à Corunha, com a certeza de poder vir a ser útil em rinque.

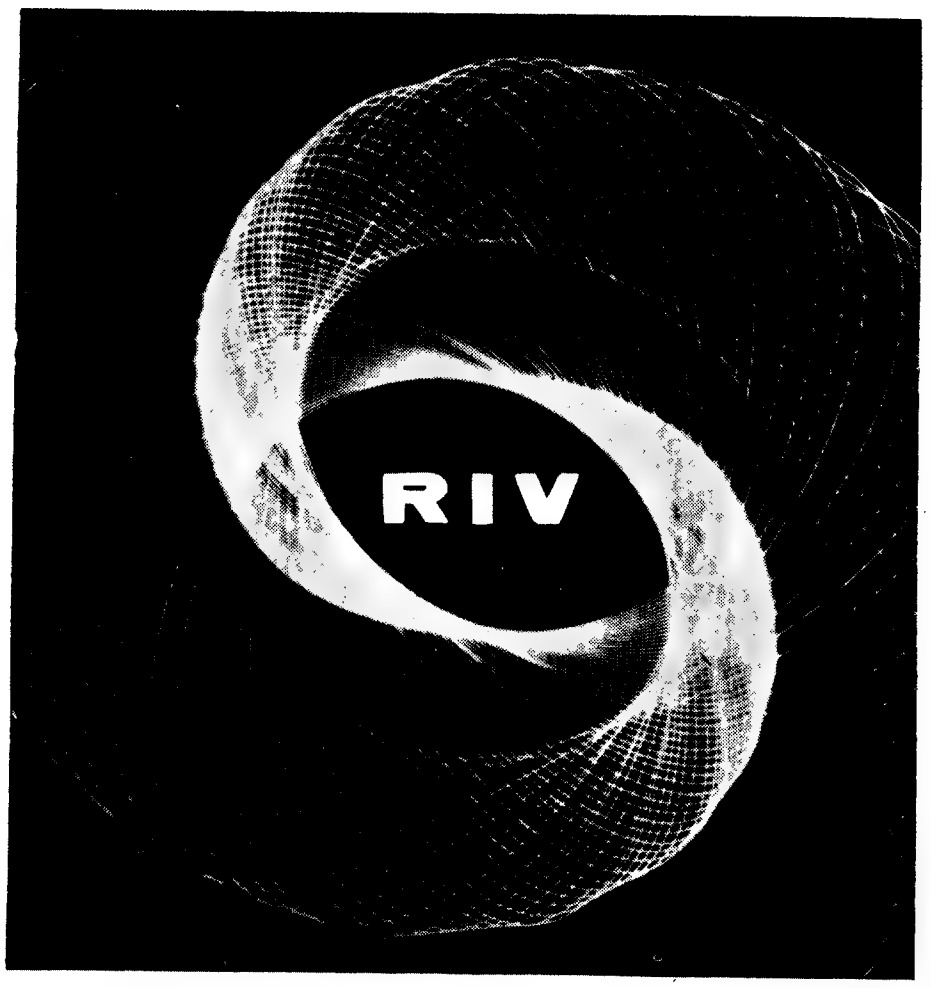
Campeonato dia-a-dia

A 26 do corrente Portugal - Alemanha (24 horas); dia 27 contra Japão (22h.); a 28 contra Itália (24 h.); dia 29 contra Chile (24 h.); dia 30 contra Nova Zelândia (19 h.); dia 31 contra U.S.A. (18 h.); 1 de Agosto contra Holanda (22 h.); dia 2 contra Austrália (18 h.); dia 3 contra Bélgica (24 h.); dia 4 contra Argentina (24 h.) e dia 5 contra Espanha (23 h.).

- ENGENHEIRO DE MINAS
- AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA CIVIL E MINAS

PRECISAM-SE PARA GRANDE EMPRESA EM ANGOLA

Resposta com «curriculum», idade e estado civil, a este jornal ao n.º 603



rolamentos

RIV

■60 anos de experiência na produção de rolamentos de todos os tipos e dimensões

■um produto de alta qualidade que satisfaz a técnica mais avançada

AUTO-LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

SOREFAME

Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S. A. R. L.

Capital realizado: 160 000 000$00

Sede: Rua Vice-Almirante Azevedo Coutinho

AMADORA

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas de que no dia 27 do corrente mês de Julho, pelas dez horas e trinta minutos, se procederá, na sede da empresa, ao 15.º sorteio do 1.º empréstimo de 5 por cento, 1960-1980, sendo sorteadas 966 obrigações, que serão amortizadas pelo seu valor nominal de 1000$00 cada uma, a partir do próximo dia 15 de Agosto de 1972, conforme o respectivo plano de amortização, publicado no «Diário do Governo», 3.ª série, n.º 178, de 1 de Agosto de 1960.

Amadora, 5 de Julho de 1972.

ALBERTO LEITÃO

Director Administrativo e Financeiro

HORUS

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

TOYOTA

SERVIÇO OFICIAL

Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço

Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3

COTAL

Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8

SERVIÇOS RÁPIDOS

TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292, 1.º (esq. do Rossio)

Telef. 369384 8 6

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK, PHILADELPHIA BALTIMORE e NORFOLK

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

G A L E O N A

esperada em 28 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 L L O X A V

LISBOA-2

PARA O PERÍODO DE 23 A 30 DE JULHO

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Aproveite as horas felizes que serão muitas. Na exaltação dos seus sentimentos que o impelirão para uma criatura, sério perigo de ultrapassar o meio-termo, e de se deixar levar por uma inconsequência. Prudência!

DINHEIRO: Os ganhos obtidos serão as suas melhores previsões. O período será muito favorável para as suas finanças, dando-lhe a possibilidade de resolver satisfatòriamente todos os possíveis problemas pecuniários que lhe tenham surgido.

PROFISSÃO: Os bons aspectos de Júpiter tornam as pessoas mais joviais e óptimistas, dando-lhes mais confiança em si mesmas, mais determinação e mais firmeza de propósitos. Observa-se ainda a tendência para a boa sorte em todos os seus actos. Procure tirar proveito das suas ideias novas e originais.

SAUDE: Evite as emoções violentas, assim como o álcool e aperitivos picantes.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Em assuntos de coração nada terá a temer porque tudo correrá mais ou menos conforme os seus desejos. Há indicações de boas oportunidades para pequenas viagens e entendimentos amistosos com parentes e amigos.

DINHEIRO: Não se deixe seduzir pelas aparências: conduza os seus assuntos financeiros de maneira racional. Possibilidades de sucessos. Uma pessoa influente ajudar-vos-à a encontrar trabalho bem remunerado.

PROFISSÃO: Muito cuidado com as distracções durante as horas de trabalho. Preste atenção porque poderá cometer erros imperdoáveis, e de péssimas consequências. Porém, profissionalmente será apreciado o lado sério do seu carácter.

SAUDE: Garganta, vias respiratórias frágeis; cuidado com as mudanças de temperatura.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: imprevisto lhe poderá ser favorável no domínio sentimental. Mostre-se agradável, dócil e reflectido, a fim de favorecer as «chances» que lhe são prometidas. Faça novos planos junto à pessoa amada.

DINHEIRO: Astúcia e habilidade poderão ajudar-vos a obter proveitos e atingir um objectivo financeiro. A sua possibilidade de ter lucros em actividade e transacções estará bastante em evidência neste período.

PROFISSÃO: Seus negócios continuam sob bons aspectos. Saiba aproveitá-los eficientemente. A honestidade e diligências nas suas actividades proporcionar-lhe-ão excelentes resultados, aumentando o seu prestígio profissional.

SAUDE: Evite distúrbios intestinais. Afaste-se das emoções fortes para não piorá-los.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Cuidado com as decições impulsivas no domínio sentimental; risco de graves erros que logo lamentará. Apesar da semana se apresentar satisfatória, evite tudo o que possa agravar um mal entendido ou desiluzão no sector afectivo.

DINHEIRO: Sucesso e ganhos, situação favorável em diversos sectores da vida. Intemperança, e tendência a praticar certas extravagâncias.

PROFISSÃO: Sua iniciativa no trabalho estará em evidência. Será como prova de capacidade, mas acautele-se com os seus colegas ou superiores, pois será vigiado, sem quase se aperceber.

SAUDE: Distúrbios digestivos de origem nervosa: dê repouso aos nervos por meio de menor actividade física; caminhe ao ar livre.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Consagre esta semana àquilo que mais atraia a sua predilecção. No entanto, não nutra sentimentos egoístas, e procure não se impôr aos demais. Evite as brigas e discussões na sua vida doméstica, de contrário não terá paz.

DINHEIRO: Poderá ter suspresas muito agradáveis em sua actividade financeira durante esta semana. Ponha em prática os seus planos e ideias.

PROFISSÃO: O período é favorável aos planos relacionados com trabalhos artísticos ou intelectuais. Os intelectuais e os artistas passarão por uma semana especialmente boa. Enfim, todos os demais que se dediquem ás diversas profissões estão igualmente, sob boas protecções astrais.

SAUDE: Males do estômago a recear. Trate dos distúrbios nervosos deprimentes. Visite o seu médico.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Será necessário usar de precauções contra possíveis mal-entendidos. Recorra a todo o seu bom-senso para não cometer actos irreflectidos, que lhe causariam dissabores. Domine os impulsos. As amizades e o amor que lhe oferecem são sinceros.

DINHEIRO: Excelente oportunidade para fazer um balanço de suas perspectivas e possibilidades de discriminar entre o ilusório e o positivo.

PROFISSÃO: Procure resolver neste período os problemas que estão pendentes em seu trabalho. Assuma uma atitude filosófica, em face dos seus problemas, sobretudo quando a situação estiver acima das suas forças. Evite tomar decisões importantes quando estiver sob o domínio da irritação.

SAUDE: Consagre os seus momentos livres, a passeios; não consuma senão alimentos fàcilmente digeríveis.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Período excepcional para o que tem conexão com o amor e amizades; é provável que se refaçam velhos laços de amizade. Pode confiar no sexo oposto sem receio. Terá muitas alegrias, e nutrir-lhe-ão sentimentos de amor.

DINHEIRO: Será recomendável que comece desde já se tiver importantes trabalhos a executar, e procure seguir qualquer programa que tenha traçado para isso. Prosperidade e realização de algumas esperanças, melhoria notável em negócios financeiros.

PROFISSÃO: Excelentes perspectivas nas suas actividades profissionais. Os pedidos de emprego serão bem acolhidos. O trabalho dar-lhe-á a possibilidade de renovar a sua confiança em si próprio. Trata-se de um período bastante favorável no sector profissional.

SAUDE: Evite as refeições muito pesadas ou muito abundantes. Saiba disciplinar o seu regime alimentar e praticar com regularidade exercícios físicos.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Aplique o seu critério e o seu espírito de análise; não se deixe levar pelas aparências, pelas primeiras impressões. Surgirão pequenos aborrecimentos motivados pelo ciúme. Tenha calma e procure dominar-se porque breve tudo se normalizará.

DINHEIRO: Se tem algo desagradável a fazer, decida-se quanto antes. Agora lhe será menos penoso do que dentro de certo tempo. Será proveitoso o seu trabalho, esta semana. Possibilidades de ganhos devendo no entanto conservar a calma e o sossego.

PROFISSÃO: E provável que se assuste um pouco com os obstáculos que lhe surgirem na realização dos seus projectos e na obtenção do necessário auxílio e cooperação. Todavia, qualquer situação difícil se resolverá de modo auspicioso.

SAUDE: Use de prudência nas suas deslocações, pois haverá alguns riscos de acidentes fora de casa. Perigo de infecções.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Estabilização da sua situação de tal modo que pode fazer projectos para o futuro. Se tem propósitos de viajar, esta é a melhor altura para concretizar os seus projectos. Use de compreensão com a pessoa amada, não exigindo da mesma um esforço exagerado ou atenção especial.

DINHEIRO: Excelente período para tratar de melhorar os seus ganhos. Muita energia, podendo resolver diversos negócios que antes estavam paralisados. Melhoram as perspectivas para o futuro imediato.

PROFISSÃO: A semana apresenta boas condições para concluir as tarefas em curso, tanto mais que receberá colaboração eficiente. As suas relações no ambiente profissional evoluirão em boa harmonia e entendimento. Use no entanto, de muita persistência, sejam quais forem os fins a atingir.

SAUDE: Cuidado com um persistente resfriado, trate-o sem demora.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Não confunda o «flirt» com o verdadeiro amor; há perigo de se meter num caso que vos decepcionará ràpidamente. Portanto, não tome nenhuma atitude antes de reflectir bastante, de contrário se arriscará a tudo comprometer e muito se arrependerá.

DINHEIRO: Semana adequada para realizar compras ou diligências indispensáveis ao seu progresso material. Probalidades de sucesso no capítulo financeiro, mas não se precipite.

PROFISSÃO: Uma atitude enérgica permitir-lhe-á alcançar um sucesso marcante, no quadro profissional. Concentre-se nos detalhes, mostre-se desembaraçado, pois está em condições de atingir os seus objectivos.

SAUDE: Terá necessidade de calma e tranquilidade, esta semana, para seu perfeito equílibrio fuja dos lugares barulhentos.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Evite discussões agressivas, porque se arrisca a comprometer a sua felicidade. E necessário levar com paciência a vida sentimental, as incompreensões familiares e sobretudo, não provocar os ânimos de ninguém. Resolva tudo com perseverança e bom senso.

DINHEIRO: Não é uma semana para grandes coisas. As suas «demarches» sairão infrutíferas, Muita luta e pouco proveito financeiro. Vá tacteando os seus haveres até à altura de melhores oportunidades.

PROFISSÃO: Não há melhoria na situação profissional, as coisas caminharão da mesma maneira. Faça o que fizer, as alternativas serão as mesmas. O período é apagado.

SAUDE: Pequenas enxaquecas, as influências planetárias não concorrem para uma semana favorável.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Satisfações e contentamento no domínio sentimental: ssiba adaptar-se ao temperamento da pessoa que ama. Um «flirt» sem importância poderá trazer-lhe muitas alegrias e um amor verdadeiro.

DINHEIRO: Grande concentração de energias, que deverão aplicar-se à execução dos fins projectados. E conveniente, porém, saber qual é a sua própria força e não tratar de sair dos limites das suas possibilidades económicas.

PROFISSÃO: Encontrará pessoas impertinentes e situações desagradáveis, que exigirão muito tacto e habilidade, durante a semana em curso. O melhor será seguir a rotina. A paciência proporcionar-lhe-á bons resultados.

SAUDE: Qualquer afastamento do tratamento médico poderá trazer sérias consequências, esta semana, para os que estão enfermos.

EMÍLIA BRAVO

TUDO SENTADO

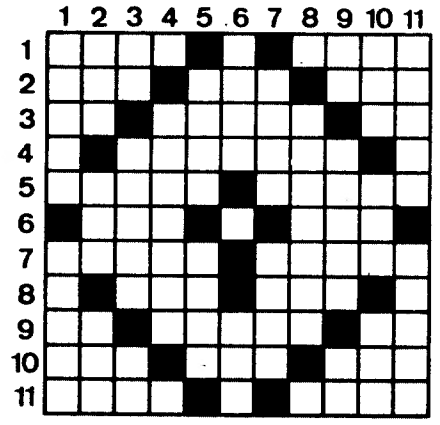
Se os extra-terrestres (no caso de existirem, está bem de ver), já por aí andassem a espiar-nos a fim de escolher a melhor ocasião de invadir este planeta que ao longe, segundo dizem, é azul, belo e tranquilo, escolheriam decerto para o cometimento um dia de espectáculo a nível mundial ou quase, enfim, a nível de parte do mundo: dia de festival da canção, ou melhor, dia de desafio de **foot-ball** entre dois grandes, eurovisionado, está bem de ver. Porque os países respiram fundo como as pessoas, sentam-se diante do pequeno **écran**, a vida pára, e outra vida, diferente, tem o seu início. Uma vida em que todos eles são muitíssimo desportivos. E, não o esqueçamos, enormente patriotas. Não sou contra o desporto, nada disso, mas sempre me fez um bocado de impressão isto dos desportistas sedentários. Uns dão sugestões, comentam, criticam, gritam, berram, outros estão calados e não consentem que ninguém abra a boca. Alguns daqueles desportistas quase perderam o hábito de andar, de habituados que estão ao automóvel. Mas quem os ouvir, depois... É que não falam de outra coisa durante a semana inteira. Senhores, que desportivos que eles são. Que desportivos que todos nós somos.

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10145

HORIZONTAIS

1 Nojo. Artigo definido. Qualquer de entre dois ou mais.
2 Pronome possessivo. Bico de verruma. Mil e quatro em romano.
3 Estrépito de desmoronamento. Fixado. Nesse lugar.
4 Tingiras.
5 Velho. Cidade da Grécia antiga.
6 Tempo do verbo ir. Cólera.
7 Bagatelas. Cuincava.
8 Ferro temperado. Nome de mulher.
9 Prefixo de negação. Peixe do litoral paulista (Bras). Artigo definido.
10 Rio da Escócia. Rio da Prússia oriental. Além.
11 Rio de França. Mau.



VERTICAIS

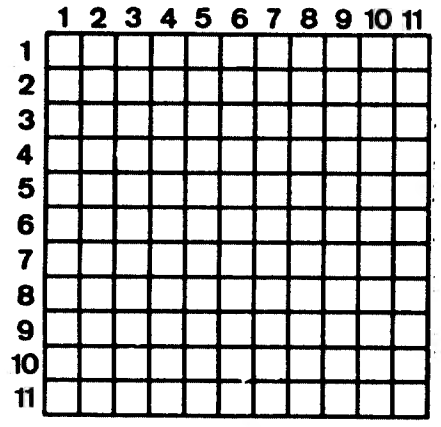
1 Encanta. Escuridão (fig).
2 Pronome possessivo. Momento. Ruim.
3 Cobre (s. q.). Barrela. Progredir.
4 Cavaleiro russo recrutado em certas regiões do Sudoeste da Rússia.
5 Nome de fruto. Tareia.
6 Aragem. Gavinha.
7 Negro. Freguesia do concelho de Melgaço.
9 Amónio (s. q.). Indolência. Ouro (s. q.).
10 Claridade. Progenitor. Marido de Fátima e genro de Maomé.
11 Animo. Igualmente.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6303

HORIZONTAIS

1 Árvore da Caconda (Angola). Sofre.
2 Soe. Ruído. Víscera.
3 O mesmo que aíva. A corte.
4 Uma das ilhas Jónias. Tapou.
5 Paraíso terreal. Pronome pessoal (pl).
6 Alteza Real. Artigo definido.
7 Pata. Aprontas. Letra grega.
8 Flanco. Membro de ave. Preposição e artigo definido (pl)
9 Pátrio. Rodilha (prov).
10 Apelido. Rasguei.
11 Igualmente. Roubas.



VERTICAIS

1 O mesmo que outal. Antiga medida africana, equivalente a duas jardas.
2 Escuridão (fig). Prendeis com elos.
3 Reunião de sebes. Cinges.
4 Aguça. Agarrei.
5 Artigo definido. Prefixo de privação. Forma apocopada e proclítica de vale.
6 Alternativa. Repetição.
7 Antes do meio dia. Tempo do verbo ver. Duna na Suécia.
8 Cabelos. Tubérculo venenoso da ilha de São Tomé.
9 Cadeia de montanhas da U.R.S.S. entre a Europa e a Ásia. Procedem.
10 Esplendidos. Poupa.
11 Estimou. Trilhais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10144

HORIZONTAIS:

1 Canal. Adia.
2 Sedas.
3 Oc. Matar. Da.
4 Lãs. Oásicos.
5 Tias. Sarara.
6 Arias. Ois.
7 Odiar. Pã.
8 Cia. Bar.
9 Ro. Dás. Ios.
10 Aviar. Acata.
11 MADRASTA. Au.

VERTICAIS:

1 Solta Aram.
2 Cairo. Ova.
3 As. Saída. Id.
4 NEM. Sai. Dar.
5 Adão. Sacara.
6 Latas. Ris.
7 Sasão. At.
8 Riria. Iça.
9 DE. Cãs. Boa.
10 Dor. PASTA.
11 Acasalar. Úa.

PROVÉRBIO: Madrasta, nem de pasta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6302

HORIZONTAIS:

1 Briologia.
2 Aal. Cam.
3 Os. Matas. Lé.
4 Cor. Vês. Dar.
5 Apelo. Omega.
6 Ame. Asa.
7 Asc. Cóa.
8 Rsicado.
9 Iodai. Ornou.
10 Alei. Atar.
11 Raras Asoto.

VERTICAIS:

1 Coca. Aviar.
2 Sopas. Olá.
3 Rã. Remorder.
4 Iam. Le Iaia.
5 Olavo. Asi.
6 Te. Sic.
7 Ocaso. São.
8 Gas. Ma. Dras.
9 Im. Desconto.
10 Lagão. Tão.
11 Pera. Aturo.

AOS QUATRO VENTOS

«LIBERTAS»

Depois de Aníbal haver derrotado os romanos na célebre batalha de Cannas, foi necessário recrutar homens não-livres para o exército. Com uma força formada em grande parte de escravos, Tibério Graco ganhou a batalha de Benavento, no ano 214 a.C.

Homens livros e escravos festejaram a vitória num banquete público e aos escravos foi dada liberdade.

Esta cena — libertação dos escravos — foi pintada no templo da deusa *Libertas*, no Aventino de Roma.

A deusa *Libertas* protegia a liberdade dos cidadãos de Roma.

O ENGANO

Descontente com o seu ministro do Tesouro, um imperador chinês convidou-o a apresentar a demissão.

— *Oh! Filho do Celeste Império!* — exclamou o ministro — *Espero que Vossa Majestade não pense que eu sou um ladrão!*

. — *Tê-lo-ia preferido mil vezes* — replicou o imperador — *porque o engano tem sempre um limite, mas a loucura, não!*
(conto chinês)

D'ARTAGNAN

Charles de Bantz Castelmore, capitão dos mosqueteiros de Luis XIV, conhecido pelo nome de D'Artagnan, conseguiu a rendição de uma fortaleza inimiga, que havia estado cercada durante largo tempo.

— *Vou fazer-lhe uma confidência* — disse-lhe o comandante adversário. — *Aceitei a rendição porque se me havia acabado a pólvora.*

— *Confidência por confidência* — replicou D'Artagnan, baixando o tom de voz —, *eu propus-lhe a rendição porque também já não tinha chumbo.*

INTIMIDAÇÃO

Publica-se actualmente em Inglaterra uma colecção completa dos escritos inéditos de Bernard Shaw — cartas, notas, etc. No último volume, que compreende os escritos entre

1898 e 1910, encontra-se a seguinte «pérola», dando-nos conta da entrevista de Shaw e outros com August Strindberg, escritor sueco de grande fama, nos começos do século:

«Depois de um pouco mais de conversação, consistindo principalmente num embaraçoso silêncio, um ou dois sorrisos de Strindberg e de uma torrente de enérgica eloquência, numa temível algaraviada semi-francesa semi-alemã, de Bernard Shaw, August Strindberg puxou do relógio e disse em alemão: «Às duas horas estarei doente». Os visitantes aceitaram esta delicada intimidação e retiraram-se».

CONFUSÃO

Devido a um erro tipográfico, pelo qual se intercalaram indevidamente algumas linhas, num diário de Chicago apareceu a seguinte notícia:

«Realizou-se ontem, na igreja de Nossa Senhora, o casamento do capitão John Smith com a menina Nancy Book. Após a cerimónia, os deliquentes foram levados para a prisão, a fim de pagarem ali a sua má conduta».

CLEPSIDRA

Num restaurante de Debresen, na Húgria, foram colocadas em cada mesa pequenas clepsidras (relógios de areia), cujo tempo de esvaziamento dura dez minutos.

Anotando o serviço, o empregado de mesa põe a clepsidra a funcionar. Se dentro de dez minutos o serviço pedido não estiver na mesa, os clientes têm direito a não pagar a conta.

PREVISÃO

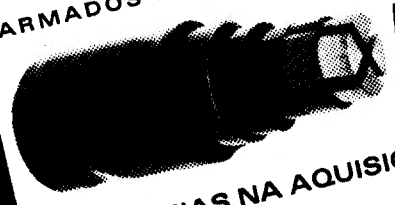
«O Senhor — dizia Alexandre Dumas pai — *na sua previsão, não deu barbas às mulheres para que se não vissem obrigadas a estar caladas enquanto fizessem a barba»*

O ESTILO

Eu queria — dizia John Steinbeck, escritor norte-americano galardoado com o Prémio Nobel — *que o estilo de um grande escritor fosse como o cavalo de um garande capitão: que ninguém o montasse se não ele».*

Reduza custos com cabos Solidal

ARMADOS E NÃO ARMADOS



ALUMÍNIO MACIÇO

ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO
MONTAGEM
LIGAÇÃO

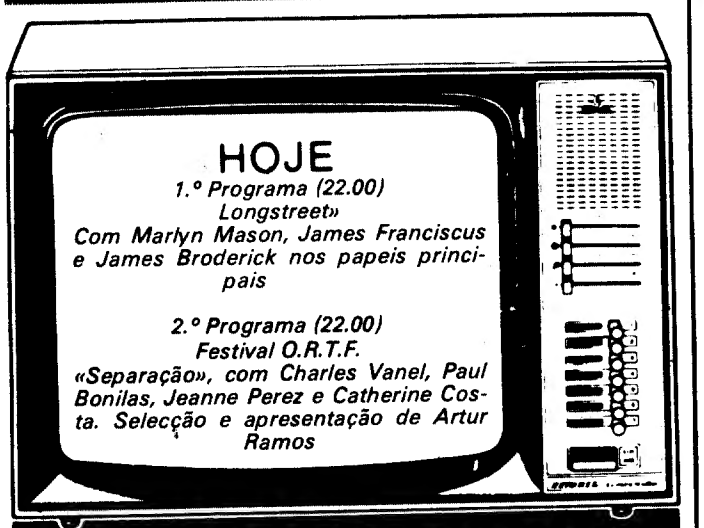
SOLIDAL
CONDUTORES ELECTRICOS, SARL
ESPOSENDE (FABRICA)
LISBOA — TEL. 674828 PORTO — TEL. 491392

SERIO

Á VENDA MAIS UM NÚMERO DE

motor

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do Senor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
13.55 Hoje pode ver
14.15 «Os Pequenos Vagabundos»
15.45 Eurovisão — volta à França em bicicleta
17.00 TV Infantil
17.40 Expedição
18.10 Quinzena Juvenil
18.30 Robin dos Bosques»
19.00 TV rural
19.30 Telejornal — 2.ª edição
20.00 «Os Companheiros»
20.30 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Longstreet»
23.00 Fados
23.20 Domingo desportivo
23.45 Telejornal — ultimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Dó Lá Si
21.00 «Chegou a Lucy»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Festival O.R.T.F.
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Uma Mãe para Eddie»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta aberta
20.30 Povo que canta
21.00 «Na Terra do Arco-Íris»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 O jogo do galo
22.50 Os pioneiros da pintura moderna
23.55 Telejornal — últimas notícias
00.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Uma Mãe para Eddi»
21.00 Um dia com
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema — «A Moeda Falsa»
23.25 Fecho

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado na Faixa Costeira Ocidental eo pouco nublado no Interior; vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	20º
P. DOURADAS	18º
COIMBRA	20º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	20º
FARO	24º
FUNCHAL	

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima 31,5º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 12º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 17,8º
Atmosfera 19.7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.08	*3,2 m*	7.42	*1,4 m*
14.28	*3,5 m*	20.11	*1,3 m*
Dia 24			
2.53	*3,3 m*	8.23	*1,2 m*
15.11	*3,6 m*	20.51	*1,1 m*
Dia 25			
3.34	*3,4 m*	9.02	*1,1 m*
15.49	*3,7 m*	21.28	*0,9 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado excepto na Faixa Costeira Ocienta! onde se deve apresentar muito nublado especialmente durante a madrugada de amanhã; vento fraco a moderado predominando de Noroeste; neblina ou nevoeiros matinais.

AMANHÃ

Nascer ás 6.31
Ocaso ás 20.55

Dia 26 Dia 2 Dia 9 Dia 17

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações ...	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José ..	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622[illegible]

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário. Jogos Olímpicos, por Fernando Garcia. Onda musical.
17.00 Onda musical
18.05 Música e cadência
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio Desporto
21.30 Variedades em disco
21.45 Teatro das Comércias: «O Tio Vânia», de Tchékov, numa adaptação de Jorge Filgueiras.
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.z0
02.00 Fecho.

2.º ZPrograma

15.30 3.º Acto da ópera «Siegfried» (Wagner)
17.00 Perspectivas da obra de Poulenc
18.00 Concero de domingo (1.ª Parte)
18.37 Intervalo — «melodias», op. 51 (Fauré) baritono Bernard Kruysen
18.50 Concerto de domingo — 2.ª Parte
19.36 Sonata n.º 1, para violino e piano (Charles Ives)
20.00 Diário sonoro
20.20 Concerto Grosso op. 3 N.º 3 em sol maior (Haendel)
20.30 As grandes figuras do mundo português — pelo dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de violino e piano — POR Gerardo Ribeiro e Maria João Pires
21.22 Kikimora — poema sinfónico op. 63 (Liadow)
21.30 Que Quer Ouvir — Programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Carrilhões — emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Sinfonia «Fausto» (Liszt)
23.08 Sonata em lá maior, para violino e piano (César Franck)
23.37 Fantasias para orgão (Couperin)
00.05 Scherzo, para piano e orquestra (Bela Bartok)
00.35 Uma pequena serenata nocturna, em sol maior K. 525 (Mozart)
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE — Onda Média

16.00 Projecção.
16.35 Tarde desportiva
19.00 Chave do Totobola
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 72» — Nota de Abertura
20.15 Comentador desportivo.
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens Bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pendulo.
17.57 O nosso programa
19.00 Chave do totobola
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário;Programa à Gô-Gô (continuação)
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora Sonipol
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

Emissor de Miramar

15.44 Tarde desportiva
18.00/20.00 «Sinfonia 18»
18.01 Música e desporto
18.30 Presença Coimbrã
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim Desportivo
20.00 Nota de abertura
20.07 Norte dia a dia
21.00/24.00 «Genérico»
21.04 Viagens da nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do tempo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

†

João José Barata Ferro Jorge

TRASLADAÇÃO E MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

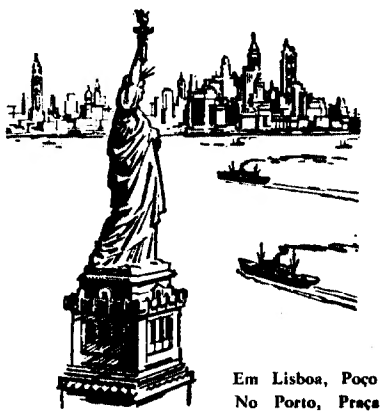
Armando Ferro Jorge, Emília Marques Barata Ferro Jorge, Franklim Barata Ferro Jorge, avós, tios, primos e mais família participam que, na próxima terça-feira, dia 25, às 11 horas, será rezada missa de corpo presente, na Capela do Cemitério dos Prazeres, pelo eterno descanso do seu muito querido filho, irmão, neto, sobrinho, primo e parente, realizando-se, logo após esta cerimónia, a sua trasladação para o Jazigo de família no mesmo cemitério.

R. I. P.

AGÊNCIA SALGADO — Telef. 562656

SURDOS

CASA SONOTONE



Chegou finalmente a época das férias. Como é bom descansar. Uns preferem a Praia outos o Campo mas?... todos gostam de ouvir bem. Que felicidade ter boa audição. Estamos aqui para os ajudar. Venham até nós para lhes fazermos um exame audiométrico e uma demonstração que é gratuita, com os melhores aparelhos do Mundo. Temos tudo o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Prestamos assistência técnica com consciência a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer marca e de qualquer casa. Pilhas de todas as voltagens de mercúrio e de carvão. Esperamos a vossa visita com a qual ficamos muito reconhecidos. Mais uma vez um grande OBRIGADA.

Em Lisboa, Poço do Borratém, 33, s 1. Telf. 868352
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.º. Telf. 02-35602
Em Luanda, R. Ant.º Enes, 42-2.º. Apartamento 26

PRECISA-SE

ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO

Idade até 35 anos, situação militar resolvida com bom curriculum escolar para grande empresa do Porto. Resposta com o máximo de detalhes à Delegação deste Jornal no Porto, R. do Almada, 30, 2.º, ao n.º 260.

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lopes, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora**, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)

ALFAMA:
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALTO DO PINA:
Zional, Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708)

ALTO DE S. JOÃO:
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Av. Afonso III) (Tel. 843439)

ALVALADE:
Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (Tel. 712070); **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682); **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 71031); **Casparinho**, Rua dr. Gama arros, 5-A (Tel. 710465); **Ideal**, Avenida Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803); **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (Tel. 726848)

ANJOS:
S. José, Rua dos Anjos, 41-A (Tel. 50730)

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto 2-B (Telef. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Telef. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (Telef. 40592); **Miranda**, Campo Pequeno 36-C (à esquina da Avenida da República) (Telef. 43495); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Telef. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Telef. 842152)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (Telef. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Telef. 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua d: Portas de Santo Antão, 86 (Telef. 321211); **Unifa**, Rua da Vitória, 21 (Telef. 323793)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Telef. 702532); **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (Telef. 780027)

CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (Telef. 680304)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Telef. 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Telef. 650760); **Porfírio**, Rua Francisco Metrass, 59 (Telef. 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Telef. 780181); **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (Telef. 702532)

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (à Gomes Freire) (Telef. 533411)

ESTRELA
Paivas Parede, Rua de Santo António, 98 (Telef. 665196)

LAPA
Silva, Rua S. João da Mata, 72 (Telef. 661010)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Telef. 790942); **S. Tomé**, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telef. 790704)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 381612)

OLIVAIS
S. Paulo, Rua José Campos, lote 823 (à Estrada de Moscavide) Olivais Sul (Telef. 310711); **Higiene**, Rua Cidade de Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Telef. 310026)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telefs. 720703-728395)

POÇO DO BISPO
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 381612)

PONTINHA
Pontinha, Estrada de Santo Elói, lote SE 4 (Telef. 990220)

QUELUZ
André, Avenida Elias Garcia, 151 (Telef. 950043); **Queluz**, Avenida Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

SACAVÉM
Soares, (Telef. 2518025)

PALHAVÃ
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (Telef. 761035)

PAMPULHA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (Telef. 691054)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Telefs. 728395-720703)

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Telef. 612248)

SANTO AMARO
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A (Telef. 636620); **Costa**, Rua dos Lusíadas, 30 (Telef. 636704)

REGO
Prates Mota, Rua da Beneficência, 91 (Telef. 773728)

RESTELO
Ocidental, Rua Jerónimo Osório, 18-D (Telef. 610256); **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (Telef. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Telef. 637020)

S. BENTO
S. Bento, Rua dos Poiais de S. Bento, 73 (Telef. 679673)

S. MAMEDE
S. Mamede, Rua da Escola Politécnica, 82-B (Telef. 660280)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Avenida Luís Bivar, 69 (Telef. 47213)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 224020)

ALMADA
Nuno Álvares, Av. Nuno Álvares Pereira, 29 (T. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 174 (T. 224302)

BARREIRO
Pimenta, R. C. Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2273012)

COVA DA PIEDADE
Império, R. Cabo da Boa Esperança

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)

MONTIJO
Higiéne, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 230370)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (T. 229471)

SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (T. 22216)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C. G. Guerra, 166 (T. 213953)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090)

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (T. 263052)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Praque, 3 (T. 260191)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real, B. Caixas (T. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (T. 934589); **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043); **Queluz**, Av Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

PORTO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327; **Pereiró (de)** Rua da Preciosa, 35; **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636; **Saúde**, Av. Comb. G. Guerra, 689; **Vaz Teixeira, Sucra.** Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima**, Av. da Boavista, 855; **Marques de Mendonça**, Rua do Ameal, 251; **Monte Cativo**, Rua do Monte Cativo, 444; **São Jerónimo**, Rua Santos Pousada, 622

COIMBRA

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (tel. 33120); **Nazaré**, Rua Ferreira Borges, 135 - 139 (tel. 22605); **S. Isabel**, Av. Sá da Bandeira, 28 (tel. 24916).

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo Tina Ferreira Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio; Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto Natalina Bizarro Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luís Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

FORCADO
Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins, Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira Ar condicionado Rua da Rosa 221 - Telefone: 368579

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes Os Arautos Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira Encerra às 2.ªs feiras Rua da Barroca 133 Tel. 369760

ARREDA Fado amador oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves. José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

FRAGATA REAL — **Trav. de S. Miguel, n.º 22 - ALFAMA - Tel. 868552**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00 h.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**

TAMILA Marão e s/conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

cinemas

MONUMENTAL (Telef. 555131)
15.15-18.15-21.30
Grupo C (14 anos)
Uma espirituosa sátira aos filmes de gangsters OS SETE LADRÕES DA CIDADE com Frank Sinatra, Dean Martin e Peter Falk.

SATÉLITE (Telef. 562632)
15-17-19-21.45
(Grupo D (18 anos)
AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS. Uma realização de Elichi Yammamoto.

IMPERIAL (Telef. 821933)
15.00-21.00
Grupo D (18 anos)
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA e COM A PEDRA NO SAPATO

EDEN (Telef. 320768)
15.30-18.30-21.45
Grupo C (14 anos)
«4 NO TEXAS» com Frank Sinatra, Dean Martin, A. Eckberg e Urgula Andress.

ROMA (Telef. 727778)
15.30-21.45
Grupo D (18 anos)
Um homem asfixiado entre duas mulheres «UM MARIDO EM APUROS» com Maurice Ronet Lucienne Hamou e Neda Arneric Eastmancolor

IMPÉRIO (Telef. 555134/5)
15.15-18.30-21.45
Grupo D (18 anos)
Color-Anna Geal e Alan Libolt em «UM JOVEM CASAL» (Metro-Alameda)

LYS (Tel. 48560)
14.15-21.00
Grupo D (18 anos)
A malandrice do ano «CURVAS NA ZONA e O HOMEM DE LAS VEGAS

MUNDIAL (Telef. 538743)
15.15-18.30-21.45
Scope-Techicolor
Grupo D (18 anos)
Um dos melhores filmes do Oeste O REGRESSO DE RINGO c/ Montgomery Wood
(Ar condicionado)

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor. Albergou o medo, o ódio e o amor A CASA DAS CABRAS com Simon Andreu e Charo Sari
(Ar condicionado)

APOLO 70
15, 18.15 e 21.45
Grupo B (10 anos)
JERRY 8 3/4. A obra-prima da comédiaa americana. Argumento, produção, realização e interpretação de Jerry Lewis (Ar condicionado).

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
23.ª Semana de êxito
NAO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
4ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS. O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.

TIVOLI (Tel. 717480)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B (10 anos)
70 m/m. Eastmancolor um filme de Jacques Tati PLAY TIME VIDA MODERNA
(Ar condicionado)

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
Toni Curtis, Virna Lisi e George Scott em COM A MINHA MULHER NÃO. Uma comédia deliciosa.
Metro: Alvalade

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Adultos
4.ª Semana
Um filme de Damiano Damiani A MULHER MAIS BELA, com Orneila Mull e Alessio Orano. Technicolor - Techniscope.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
Meio ano
26.ª Semana. O filme do ano TRINITÁ (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana AMOR E MORTE, um filme de Robert Bresson, com Nadine e Jean Vinveue.

CASINO ESTOTIL
17.00-21.30
Grupo D (18 anos)
O GOLPE

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
5.ª semana
MELODY.
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde THE FLAG. Faça três coisas num sitio só.

ROYAL (Telef. 855037)
15.00-21.00
Grupo B (10 anos)
ÁLAMO com John Wayne, Richard Widmark e Lawrence Harvey

CONDES (Telef. 322523-326710)
15.15-21.45
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Goble, Vivien Leigh, Leslie Howard e Oliveira de Havilland

POLITEAMA
15.15-18.15-21.45
Grupo D (18 anos)
Brutal e implacável ferocidade «A MAFIA MANDA MATAR».

EUROPA ((Tel. 661016)
21.30
Grupo C (14 anos)
«CAMELOT» com Richard Harris,, Vainessa Redgrave e Franco Nero

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Em 2.ª semana um filme extraordinário «DROGA, LOUCURA, MORTE»

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«Os Contestatários».

LAURA ALVES
20.45-23 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«A outra morte de Inês»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.00 (18 anos)
«As curvas na zona»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Curvas na Zona»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«A Espada Normanda»

ARCO ÍRIS
21.00 (10 anos)
«Estrela do Sul»

MAYER
21.00 (10 anos)
«A morte espreita»

OLÍMPIA
21.00 (14 anos)
«Colts para 7 magníficos» e «Assalto à cidade»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Shalako»

UNIVERSAL
21.45 (10 anos)
«O último fica vivo»

ESPLANADA-CASTANHEIRA
21.45 (10 anos)
«James Tont operação dois»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Beija-me idiota»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«A Grande Odisseia»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«O Amante»

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (10 anos)
«Tempos Modernos»

ESTORIL
Casino
18.30 - 21.30
«C Golpe»

Palácio
21.30 (14 anos)
«Antes que o Inverno chegue»

Esplanada
21.30 (14 anos)
«Cidade violenta»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«Tarzan e os piratas»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«A noite das 8 badaladas»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Rio Lobo»

BARREIRO
Cine-BARREIRENSE
21.00 (18 anos)
«Sol Vermelho»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º?»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Os Condenados»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«36 Horas no Inferno» e «Os Cavaleiros mascarados»

CACÉM
S. João
21.00 (18 anos)
«Doze mais uma»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«O Estranho caso do inspector Max»

PORTO Cinemas

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«A Vigéssima 5.ª Hora»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«Fúria do Ouro»

TRINDADE
21.30 (6 anos)
«Le Mans»

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«Made in U.S.A.»

S. JOÃO
21.30 (14 anos)
«O caminho da aventura»

CARLOS ALBERTO
21.00 (10 anos)
«O Homem orquestra» e «O Super-agente Flit»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Noite de pavor»

COLISEU
21.30 (17 anos)
Daveyo folgazão»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Deus como te amo»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Nave dos loucos»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (18 anos)
«Traição inverosímel»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Organização»

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
21.45 (18 anos)
«Saias acima»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (18 anos)
«A Sereia do Mississipi»

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E-4.º
TELEF. 654531/2/3/4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

DL/DOMINICAL REPORTAGEM

Eléctrico "saloio":

Aventura a 12 quilómetros por hora

O começo da viagem ao longo do vale de Colares

A partir de ontem e até ao dia 30 de Setembro, teremos de novo a funcionar os velhos, ronceiros, típicos, «carros eléctricos» que ligam Sintra à Praia das Maçãs, a uma **velocidade** entre os 12 e os 15 quilómetros por hora. Embora não se tratasse, nem por sombras, duma **inauguração** — pois os «eléctricos» de Sintra-Praia das Maçãs são quase centenários — «DL» esteve presente no reinício das carreiras, que durarão toda a época de veraneio e sempre com freguesia farta. De qualquer modo, o anacrónico e tilitante «eléctrico» que atravessa todo o vale de Colares, passando por Sintra, Ribeira, Galamares, Banzão desde os tempos dos nossos avós, exactamente pelo seu «simpático» anacronismo, pela nota singular que com a sua característica gravura de bilhete postal de museu empresta à região.

Surgiram há oitenta e tantos anos, ou seja, nos fins do século passado. A princípio, porém, não utilizavam tracção eléctrica, como é bom de ver. Apareceram no género «chora» — carros sobre carris atrelados a muares. Só mais tarde se faria a electrificação da via, com todas as vantagens que daí adviriam, naturalmente.

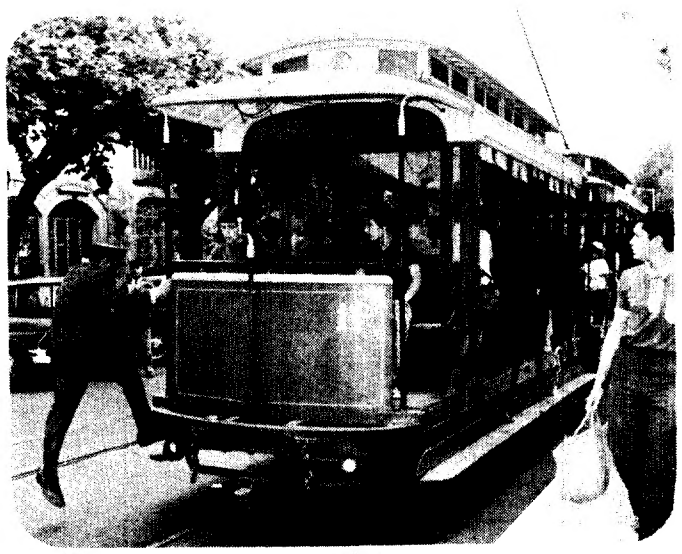
Mas como eram diferentes esses tempos e como se gozava com uma simples viagem de «carro eléctrico», aí pelos anos vinte, desde Sintra a Colares,

Ninguém puxa mas «aquilo» anda

aquele arfar e tilintar por curvas e rectas, subidas e descidas, do velho «eléctrico» saloio. Deste modo, é vê-los, nos dias de canícula, a tomarem os seus lugares, divertidos e eufóricos, na geringonça, que por tudo o que não tem dos transportes de hoje, se torna um atractivo. E lá vão a caminho da praia e na volta não querem outra coisa. Será pelo que tem de ingénuo, que a imagem do velho carro eléctrico nos comove, rompendo tìmidamente através da onda de verdura que é o vale de Colares, como um pequeno animal receoso das contingências deste mundo cheio de ânsias, de velocidades super-sónicas, onde ele aparece deslocado. Inquirimos do cabeça de uma família que se preparava para subir para o «atrelado»:

MAIS DOZE ANOS DE VIDA

— Porque é que preferem o eléctrico?



Tomar o eléctrico pode ser um teste de agilidade

Leva mais tempo mas ninguém enjoa

para a prova do bom vinho local — que Colares teve fama de produzir do melhor «carrascão» do País — a acompanhar o pitéu, cozinhado de véspera com o maior desvelo pela senhora mãe, que sonhava desde há tempos levar a família a tomar ares de praia, com paragem obrigatória nas adegas do vale do Banzão. E **telim-telim, telim-telim**, a famílória apinhada no «carro eléctrico» que sacolejava nas curvas, arfava nas subidas, guinchava nas descidas, mas nunca apresentava o perigo duma súbida derrapagem, dum choque frontal com veículos a cem à hora, era um dia em cheio. Muitas anedotas ficaram a marcar a «vida» do eléctrico de Sintra-Praia das Maçãs, pois sempre havia quem, no regresso da «acidentada» viagem, contasse das suas: que depois de saltar para ir fazer o xi-xi da ordem tivera tempo de apanhar o eléctrico na próxima curva, bastando-lhe atalhar um pouco de caminho; que durante a viagem até havia tempo para ir colher uma abada de fruta aos pomares vizinhos da via e voltar, com uma corridita de nada, a ocupar o seu lugar no banco sacolejante; que houve quem fosse pedir um copo de vinho à adega do banzão e, em seguida, com dois saltos de coelho, já estava dentro do eléctrico. A anedota, é, muitas vezes um irónico simulacro da lenda. De alguma forma, o «carro eléctrico» sintrense, chegou a tornar-se lendário.

UMA VIAGEM POR UNS VINTÉNS

— **Custava-nos uma viagem** — confidencia-nos um velhote que em Sintra e arredores levou a vida inteira — **uns vinténs. E apanhávamos o carro como quem monta hoje num grande avião, pois aquilo era coisa nova, andar assim sem ser puxado por nada...**

A verdade é que o «carro eléctrico» sintrense, anacrónico e tudo, continua a ter os seus clientes. E muitos. Uma mulher de Colares:

— **Eu, nos autocarros, enjôo. Assim que, mal a «Sintra-Atlântico» bota os eléctricos por aí abaixo, antes quero andar de eléctrico. Leva um poucochinho mais de tempo mas não faz mal.**

No entanto, são sobretudo os turistas quem agora prefere Alfacinha de gema, em busca do incógnito banal mas sempre saboroso e do inesperado que faça esquecer as ruas dos bairros super-povoados e repetitivos nos quadros quotidianos, respondeu-nos a rir:

— **Ah! Isto é mais típico que o autocarro. E a garotada diverte-se, não vê? Para eles e para nós, ainda há aqui um pouco de aventura.**

Aventura de pobre e de rico, eléctrico para menino sonhar com outros mundos que talvez nem existam. Porém, o velho «carro eléctrico» saloio, terá de terminar as suas andanças algum dia. Um funcionário da «Sintra-Atlântica», esclarece:

— **Nós temos um contrato de 99 anos. Ora esse contrato termina dentro de dez ou doze anos. Além disso, a conservação deste material encareceu demasiado e a exploração das carreiras de eléctricos deixou de ser rentável há muito. Mantemos apenas a tradição.**

Portanto, já sabemos: é aproveitar agora, que daqui por dez ou doze anos já não nos poderemos divertir com este chocalhar e bimbalhar num transporte de **outros tempos — dos tempos dos reis e do bacalhau a pataco,** como lembrou aquele velhote de olho azul e suspiro saudoso, que ainda se admira que «aquilo» ande **sem ser puxado por nada.**

A TRANSPIRAÇÃO DOS PÉS DESAPARECERÁ COM O USO DAS PALMILHAS DEZODORISANTES

Fresh Sox

odasorb com um novo e poderoso dezodorisante seco que absorve todos os odores dos pés e do calçado, dispensando o uso de pós e de outros produtos para o efeito.

Made in England

À venda nas farmácias em 3 tamanhos - 7 - 8 - 9

Representantes para Portugal:
CREFAR, Representações, Lda. LISBOA
BARBOT COSTA — PORTO

EXPOAR 72

2.ª EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE AERONÁUTICA DE LISBOA

NA FIL ATÉ 7 DE AGOSTO
DAS 17 ÀS 24 HORAS

«AEROLÂNDIA» - Atracções para crianças

VISITE ESTA EXPOSIÇÃO E GANHE UMA VIAGEM DE AVIÃO A MADRID, LONDRES OU PARIS